

Yoté

O jogo da nossa história



Ministério
da Educação



Brasília, 2010

© 2010. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e
Diversidade do Ministério da Educação



Ministério da Educação

SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e
Diversidade

Departamento de Educação para Diversidade e Cidadania-DEDC
SGAS – L2 Sul Quadra 607 Lote 50, sala 202

Brasília, DF, CEP: 70200-670

Tel: (55 61) 2022-9052

Fax: (55 61) 2022-9051

Instituto Agostin Castejon

SCLN 204 Bloco C Entrada 51 Sala 108

Brasília - DF

Cep: 70.842 - 530

Tel: (55 61) 3201 - 7022

Yoté
O jogo da nossa história



Equipe de Produção

Idealização do Jogo

Ricardo Spindola Mariz

Assessoria Pedagógica

Chris Alves da Silva

Projeto Gráfico e Diagramação

Elisa S. Martins

Wesley R. Sepúlveda

Ilustrações

Gleydson Alves Caetano

Tiragem: 10.000 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Yoté : o jogo da nossa história : o livro do professor. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.

112 p. : il.

ISBN: 978-85-60731-40-4

1. Jogos educativos. 2. Educação lúdica. I. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

CDU 37.036

Agradecimentos

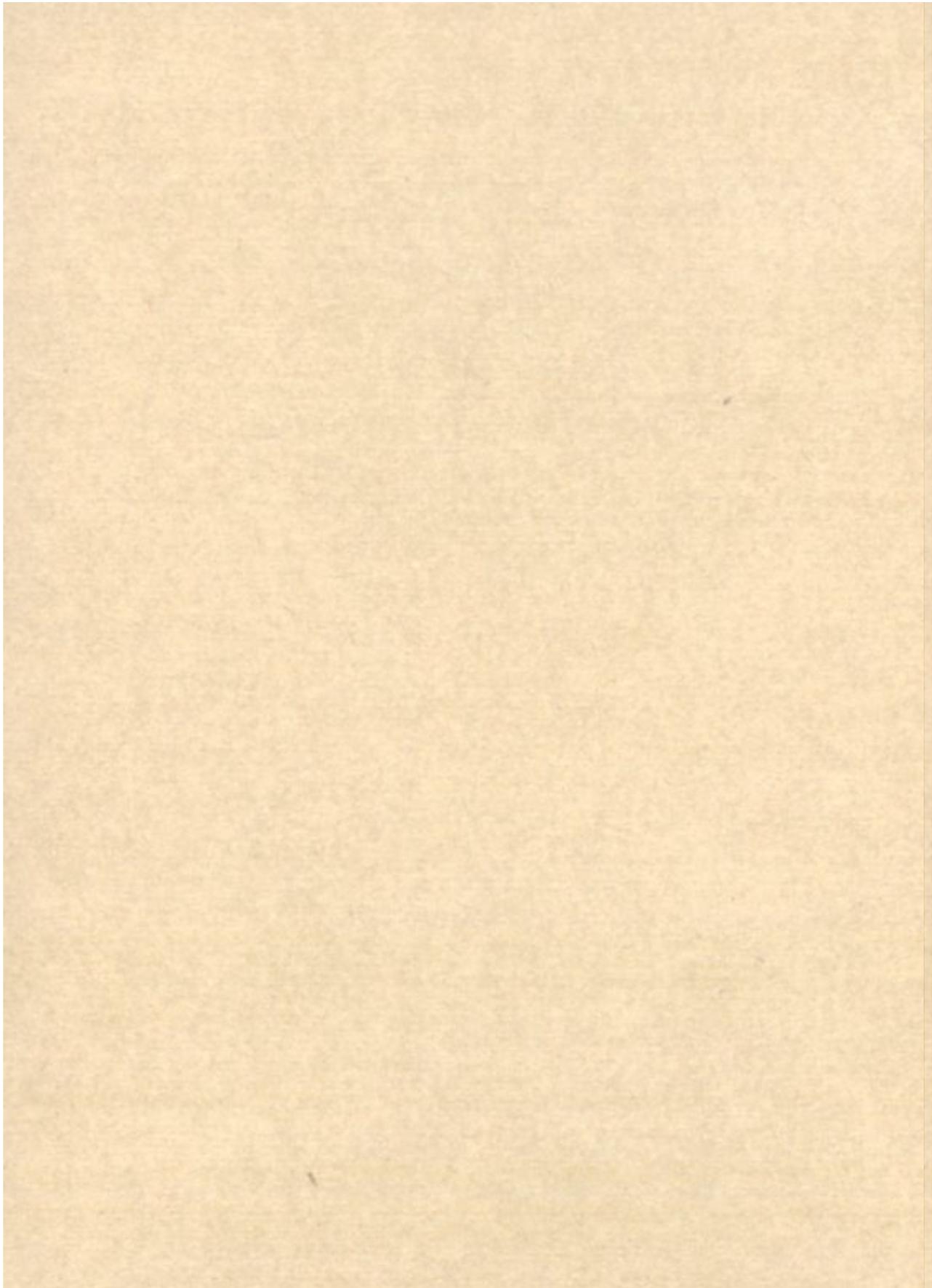
Agradecemos imensamente à equipe da SECAD pelo apoio e sugestões; ao professor Mário Lúcio Oliveira das Neves pelo acompanhamento na formulação das regras do jogo; ao antropólogo Erivan da Silva Raposo pela intensa contribuição na seleção dos personagens e na construção dos textos-base; e à Vidya Alves Moreira, pela leitura criteriosa do livro.

Agradecemos especialmente a todas as mulheres e homens que anunciam, no seu cotidiano, os novos parâmetros para as relações sociais que tanto desejamos e precisamos, denunciando qualquer opressão étnico-racial. Esses são as(os) verdadeiras(os) autoras(es) deste trabalho.

Oferecemos este jogo a todas as crianças brasileiras. No brilho dos seus olhos reside nossa força e o imperativo por uma sociedade melhor!

Finalmente, oferecemos este trabalho, também, à memória de Paulo Freire, em celebração aos 10 anos, em 2007, de sua ausência-presente entre nós.





Apresentação

“...Liberto permanece o pensamento
Ele foi o meu alento
Quando o corpo foi prisão...”
Trecho do Samba Enredo da
Escola de Samba Porto da Pedra/RJ-2007

Por entender que o conhecimento histórico é ferramenta indispensável para conscientizar as pessoas de seus direitos e deveres, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade reafirma o seu compromisso com uma educação que trata a diversidade social, étnico-racial e cultural como fator de promoção da igualdade e do fortalecimento das identidades e dos direitos. Diante disso, apresenta mais um material didático para os alunos brasileiros, denominado: **Yoté – O Jogo da Nossa História**.

Yoté é um jogo de estratégia dos povos africanos. Ele pode ser praticado por dois ou mais jogadores(as) e é encontrado em vários países da África Ocidental, tais como Senegal, Guiné e Gâmbia. Constitui-se em um material didático que busca resgatar a história dos afro-brasileiros, demonstrando sua importante contribuição nos diversos setores da nossa sociedade e se destina a todas as crianças, especialmente àquelas que estão em áreas de Remanescentes de Quilombos.



O jogo conta a vida e a obra de personagens brasileiros, tais como: Chiquinha Gonzaga, Mãe Menininha, Pixiguinha, Zumbi dos Palmares, dentre outros. Além disso, abre a possibilidade de incluir personagens da própria localidade onde será utilizado e apresenta uma série de atividades pedagógicas e dicas para os professores trabalharem uma infinidade de conteúdos no dia-a-dia da sala de aula.

Vale destacar que **Yoté – O Jogo da Nossa História** se divide em três etapas e que para avançar para a etapa seguinte, o jogador terá que vencer a etapa anterior, portanto, o jogador só avança se dominar os conteúdos relacionados à história de vida dos personagens apresentados no material. O grande clímax do jogo é o aluno aprender mais sobre a História de pessoas negras que desempenharam papéis ilustres no cenário brasileiro, além de aprender conteúdos relacionados à convivência humana, ao Português e à Matemática.

Esperamos que esse material sirva de estímulo para professores/as e alunos/as pensarem seu contexto social, e sua razão de ser no âmbito da sua família, da sua comunidade, da sua cidade e do seu país e que por meio dele, os alunos sintam o desejo de aprender a aprender, aprender a ser e aprender a conviver com seus pares.

**Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do
Ministério da Educação**

Introdução



Yoté é um apaixonante jogo de estratégia dos povos africanos. Ele pode ser praticado por dois ou mais jogadores(as), e é encontrado em vários países da África Ocidental, tais como Senegal, Guiné e Gâmbia.

Tamanha popularidade deve-se especialmente a dois fatores. Primeiro porque se trata de um jogo envolvente, motivador, que possibilita ao seu praticante mirabolantes estratégias em busca da vitória. Segundo pela imensa facilidade material em confeccioná-lo. Pode ser feito até mesmo com 30 buracos cavados no chão, tendo como peças pedrinhas e pequenas hastes de madeira ou sementes de diferentes cores, como é jogado em muitos lugares.

Conta a história que cabia a uma pessoa mais velha da família ensinar aos meninos e meninas as regras do jogo. Depois de praticarem o jogo por algum tempo e atingirem uma certa maturidade como jogadores, os jovens passavam a conhecer o “plano de jogo” da família ou tribo, tomando assim conhecimento dos diferentes caminhos que asseguraram brilhantes vitórias aos seus antepassados.

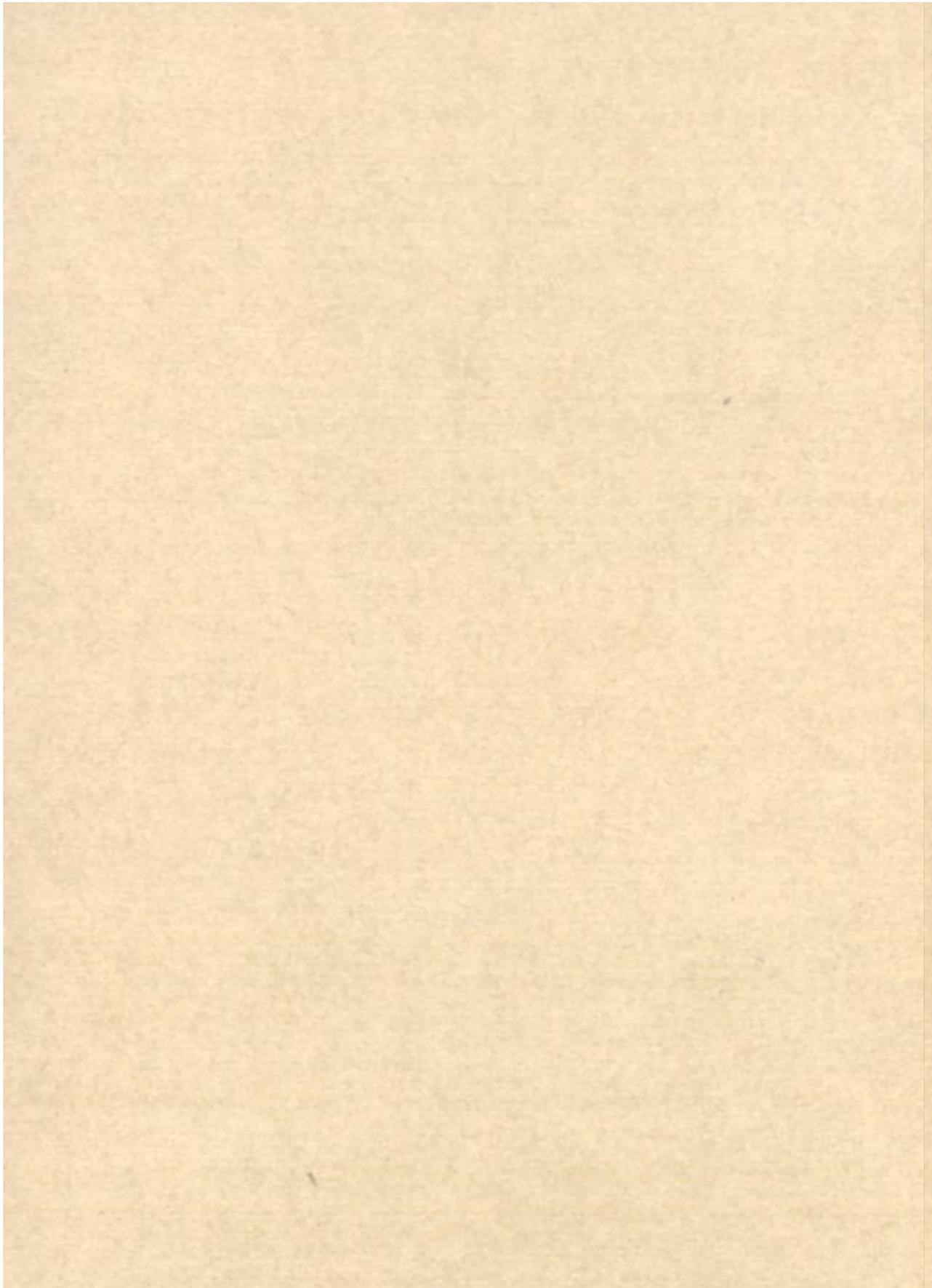
O jogo que ora apresentamos possui algumas modificações do Yoté tradicional. Elas possibilitam um aprendizado da história afro-brasileira através da divertida e emocionante arte de jogar.

Para o Instituto Agostin Castejon, esta é uma oportunidade de oferecer, em parceria com o Ministério da Educação do Brasil, um instrumento lúdico e de aprendizagem para nossos alunos e alunas.

Bom jogo e bom aprendizado! Divirtam-se!

Sandra Lobo

Presidente do Instituto Agostin Castejon



Sumário

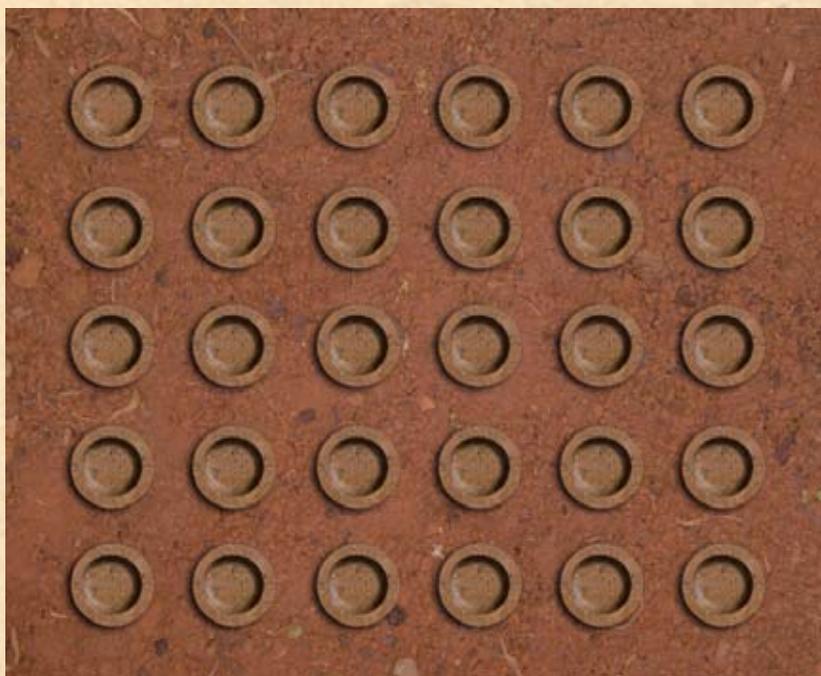
Regras do Jogo	15
-----------------------------	-----------

Personagens

Adhemar Ferreira	17
Chiquinha Gonzaga.....	21
Clementina de Jesus.....	27
Cruz e Souza.....	33
João Cândido	37
Lélia Gonzáles.....	45
Luiz Gama	51
Mãe Menininha.....	57
Mãe Senhora.....	61
Milton Santos.....	67
Pixinguinha.....	71
Zumbi dos Palmares	79
Personagem da sua Comunidade (Homem).....	83
Personagem da sua Comunidade (Mulher)	87

Atividades Pedagógicas	91
-------------------------------------	-----------

Referência Bibliográfica	109
---------------------------------------	------------



Regras do Jogo

YOTÉ – O jogo da nossa história

1. Participantes:

O yoté é um jogo para dois jogadores(as), mas pode também ser praticado em duplas ou trios.

2. Preparação:

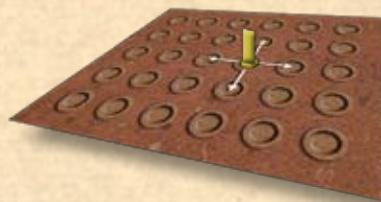
Cada jogador ou jogadora terá 12 peças, ao seu dispor, que estarão fora do tabuleiro no início do jogo.

3. Como se joga:

Inicialmente faz-se um sorteio para definir quem iniciará o jogo. Cada jogador ou jogadora coloca *uma* peça no tabuleiro na posição que desejar. A partir da primeira jogada os(as) jogadores(as) podem optar por colocar uma nova peça ou movimentar as peças que já estão no tabuleiro.

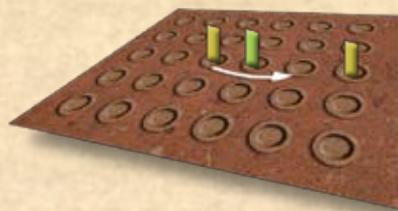
4. Movimento das peças no tabuleiro:

As peças podem ser movimentadas para cima, para baixo, para esquerda ou para direita, sempre “caminhando” somente uma casa. As peças não podem ser movimentadas na diagonal.



5. Captura das peças:

A captura será feita no mesmo sentido do movimento, saltando a peça adversária e caindo na casa vaga após a peça capturada. *Observação:* cada captura dá o direito de retirar uma segunda peça adversária do tabuleiro.



6. Vencedor:

Será vencedor quem capturar todas as peças adversárias ou bloquear as peças adversárias restantes. Se os dois jogadores ou jogadoras ficarem com as peças bloqueadas (sem condições de movimento) será vencedor quem tiver mais peças no tabuleiro.

7. 2ª fase do jogo:

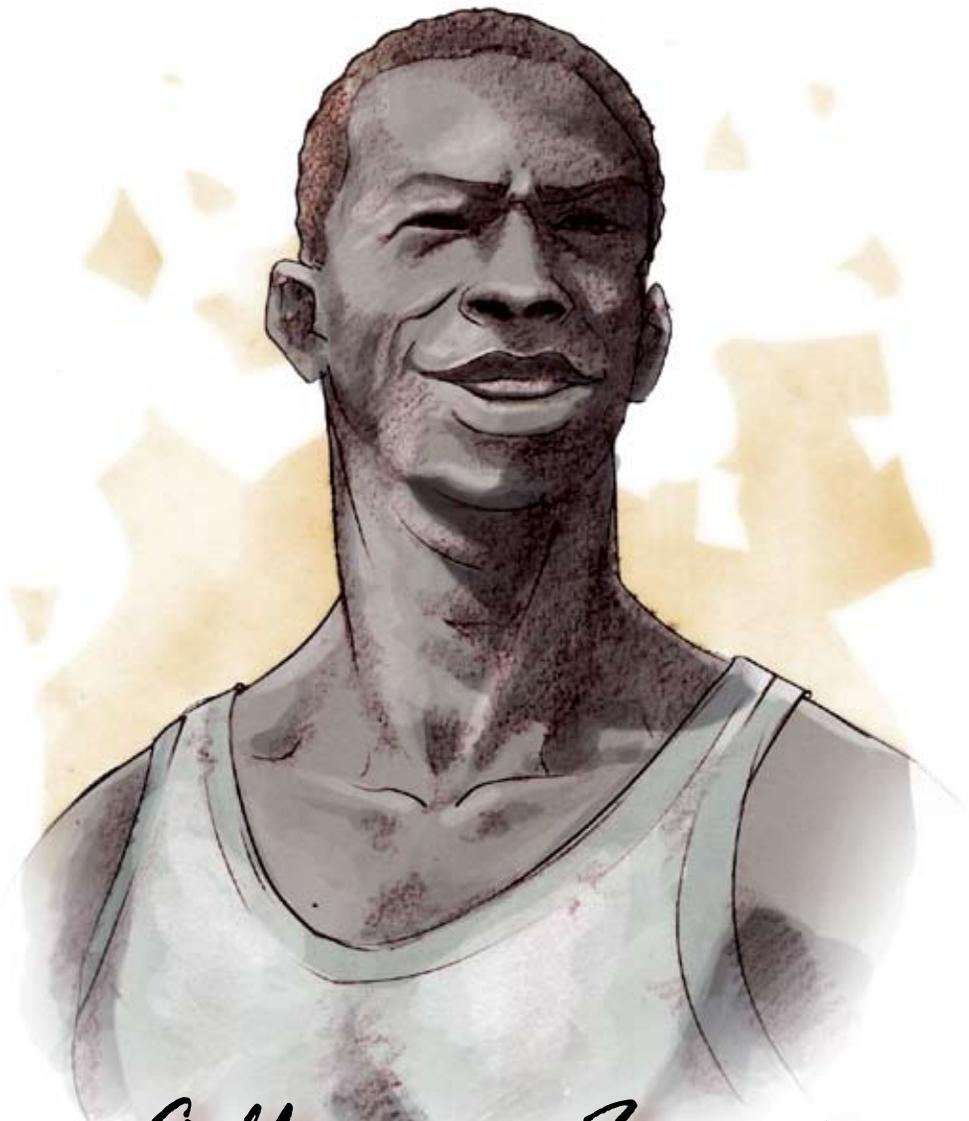
No momento em que as regras da primeira fase forem compreendidas por todos e todas, o jogo entrará na segunda fase, com uma modificação na regra de captura das peças. Só poderá capturar peças adversárias o(a) jogador(a) que souber o nome do personagem representado na peça do adversário, assim como parte de sua história.

8. 3ª fase do jogo:

Depois de um período jogando com as regras da segunda fase, sugerimos outra modificação nas regras. Os jogadores e jogadoras devem escolher uma pessoa importante na história da comunidade local (por exemplo: a avó de um aluno, o pai de uma aluna), e, depois de pesquisar sobre a vida daquela pessoa, deverão substituir um personagem original do jogo por este novo personagem, utilizando uma das duas peças extras do jogo (que representam um homem e uma mulher).

9. Informação importante:

Vocês podem criar outras regras e formas de utilização do jogo. Usem a criatividade! Um bom divertimento e uma boa aprendizagem para todas e todos.



*Adhemar Ferreira
da Silva*



Nome do Personagem: ADHEMAR FERREIRA DA SILVA

Nome completo: Adhemar Ferreira da Silva

Filiação:

Nascimento: São Paulo (Bairro Casa Verde), 29 de setembro de 1927

Falecimento: São Paulo, 12 de janeiro de 2001



Você gosta de correr e pular? É muito bom, não é mesmo? Você sabia que um garoto muito especial sonhou alto e através de seus pulos conquistou o mundo? Seu nome era Adhemar Ferreira da Silva. Ele nasceu no dia 29 de Setembro de 1927, em um bairro muito pobre da cidade de São Paulo. Sua mãe era cozinheira e seu pai trabalhava como ferroviário.

Adhemar Ferreira teve que trabalhar muito cedo. Mesmo trabalhando, não deixou de estudar. Quando estava perto de completar dezenove anos, conheceu uma pista de atletismo, mas seus olhos brilharam mesmo quando conheceu o salto triplo... A primeira vez que deu um salto, Adhemar pulou 12,90 metros! Isso não é impressionante? **[Sugestão de atividade – que tal construir com as crianças uma pista de atletismo? Elas poderiam experimentar saltar e marcar quantos metros pularam. Aliás, daria uma ótima aula de matemática!]**

Adhemar gostou tanto de saltar, que treinava no seu horário de almoço. Seu esforço logo foi recompensado: conseguiu saltar 15 metros e foi classificado para as Olimpíadas de 1948 em Londres, Inglaterra. Nesta olimpíada, Adhemar ficou em 14º lugar e conseguiu saltar 14,46 metros! Você acha que ele ficou triste? Não ficou mesmo!

Quatro anos depois, em 1952, na olimpíada de Helsinque, capital da Finlândia, Adhemar Ferreira ganhou uma medalha de ouro e conseguiu bater um recorde: saltou 16,22 metros! **[Que tal ir a uma área livre e medir junto com as crianças 16,22m? Com a medida poderia-se explorar quantas crianças cabem dentro da marca, ou brincar de tentar ultrapassar a marca.]**

Mesmo sendo atleta, em 1960, nas olimpíadas de Roma, Itália, Adhemar Ferreira não estava muito bem de saúde. Ele estava com tuberculose. Aliás, você sabe que doença é essa? [A partir deste assunto, podemos propor uma pesquisa sobre a doença, como ela acontece, quais cuidados devemos ter. O que você acha da idéia?] Bom, mesmo doente, Adhemar Ferreira saltou e conseguiu o 11º lugar! Isso não é incrível?

Durante sua carreira, Adhemar Ferreira conquistou muitos títulos. Ele foi pentacampeão sul-americano e tricampeão pan-americano (1951, 1955 e 1959). Venceu o campeonato luso-brasileiro, em Lisboa (1960), e foi dez vezes campeão brasileiro, contando com mais de 40 títulos e troféus internacionais.

Adhemar Ferreira também foi campeão na escola. Em 1948, se formou escultor pela Escola Técnica Federal de São Paulo. Em 1968, se formou em Educação Física pela Escola do Exército e em Direito pela Universidade do Brasil. E você acha que ele parou por aqui? Não, mesmo! Em 1990, se formou em Relações Públicas pela Faculdade de Comunicação Social Casper Libero. Ufa! Adhemar Ferreira não se cansa, não é mesmo? [A partir deste parágrafo, podemos explorar a questão das profissões. De que forma cada criança pode contribuir em sua comunidade? Quais são as profissões ou ofícios que os adultos exercem na comunidade? A escola pode propor uma feira das profissões, onde as crianças pesquisarão as profissões sugeridas aqui na história e outras que poderão surgir de acordo com a curiosidade delas.]

Quando não estava saltando nas competições, Adhemar Ferreira colaborava com seu trabalho. Ele trabalhou no Governo de São Paulo, organizando o GranPrix de atletismo. Esse evento acontece todo mês de maio aqui no Brasil e é conhecido no mundo inteiro! Isso não é muito bom? De 1964 até 1967, nosso campeão foi pra Nigéria como Adido Cultural na Embaixada Brasileira em Lagos. Você acha que ele parou por aqui? Não, senhor! Adhemar fez parte, em 1968, da peça “Orfeu da Conceição”, de Vinícius de Moraes, e, em 1962, do filme “Orfeu do Carnaval”, que ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro. Além de atleta, também era artista!

Adhemar Ferreira, assim como você, foi uma pessoa muito especial! Apesar das dificuldades que enfrentou na vida, ele conseguiu saltar cada uma delas! Devemos lembrar desse exemplo! Em 2001, nosso campeão morreu, vítima de parada cardíaca, após cinco dias internado com um broncopneumonia. Adhemar Ferreira pode ter nos deixado, mas seu exemplo ficará com a gente para sempre!



PESQUISA

Como centenas de outras crianças negras que nascem em bairros pobres da periferia de São Paulo, o destino de Adhemar Ferreira da Silva poderia ter sido a violência e as drogas. Ele, no entanto, preferiu pular esse destino... pular não, saltar! E saltar não apenas os índices repetidos nas seções policiais dos jornais, mas saltar para a frente, superando a tripla discriminação: pobreza, negritude, ignorância. Esse é Adhemar Ferreira da Silva

Seu pai era ferroviário e sua mãe cozinheira, e, como muitos de seus amigos, teve que trabalhar cedo: se quisesse estudar, seria de noite - e ele nunca deixou de estudar. Pouco antes de completar dezoito anos, conheceu uma pista de atletismo e encantou-se com o salto triplo. No ano seguinte, iniciou-se no esporte e logo no primeiro salto alcançou a marca de 12,90 metros, o que era algo fora do comum para um iniciante.

Ainda trabalhava e estudava nessa época e, assim, sobrava apenas o horário do almoço para treinar. Apesar disso, logo superou a marca de 15 metros e foi classificado para a Olimpíada de 1948 em Londres, Inglaterra, ficando em 14º lugar, com uma marca de 14,46 metros.

Persistente por toda a vida, quatro anos depois, na Olimpíada de Helsinque, Finlândia, em 1952, se tornou recordista mundial. Foi

medalha de ouro, como favorito que era, mas fez mais: bateu o recorde mundial quatro vezes seguidas durante a competição. Saltou 16,05m, 16,09m, 16,12m e 16,22m. Ali, na Olimpíada de Helsinque, pela primeira vez um atleta dava uma volta olímpica na pista para ser aplaudido de perto pelo público - a famosa "volta olímpica".

Na Olimpíada seguinte, em Melbourne, Austrália, em 1956, saltando 16,35m, foi novamente recordista mundial e mais uma vez campeão olímpico, conquistando uma medalha de ouro para o Brasil.

Em 1960, na Olimpíada de Roma, Itália, ele não repetiria o feito. Não sabia que estava com tuberculose, doença que o perseguiu até a morte. Tentou, mas não conseguiu saltar bem, ficou com a 11ª colocação e perdeu o tricampeonato.

Não foram esses os únicos títulos conquistados pelo atleta. Adhemar Ferreira da Silva é pentacampeão sul-americano e tricampeão pan-americano (1951, 1955 e 1959), venceu o campeonato luso-brasileiro, em Lisboa (1960), e foi dez vezes campeão brasileiro: ele tem mais de 40 títulos e troféus internacionais.

Foi campeão também na autoformação, tendo se formado **escultor** pela Escola Técnica

Federal de São Paulo (1948), em **Educação Física** na Escola do Exército, em **Direito** na Universidade do Brasil (1968) e em **Relações Públicas** na Faculdade de Comunicação Social Casper Libero (1990).

Foi Adido Cultural na Embaixada Brasileira em Lagos, Nigéria, entre 1964 e 1967. Trabalhou também no Governo do Estado de São Paulo, fazendo parte da organização do GranPrix de Atletismo, que ocorre no mês de maio no Brasil e faz parte do calendário da Internacional Association Athletic Federations. Participou da peça "Orfeu da Conceição" (1968), de Vinícius de Moraes, e do filme "Orfeu do Carnaval" (1962), que ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro.

Morreu em 2001, vítima de parada cardíaca, após passar cinco dias internado com broncopneumonia. Apesar de atleta, era diabético e fumante.





Chiquinha Gonzaga



Nome do Personagem: CHIQUINHA GONZAGA
Nome completo: Francisca Edwiges Gonzaga
Filiação: Rosa Maria de Lima e José Basileu Neves Gonzaga
Nascimento: Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1847
Falecimento: Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1935



A música é algo especial, não é? Vocês gostam de inventar sons? Hoje vamos conhecer uma pessoa extraordinária, que criou vários sons e fez música como ninguém! Seu nome é Francisca Edwiges, mais conhecida como Chiquinha Gonzaga.

Chiquinha nasceu no dia 17 de outubro no Rio de Janeiro. Sua mãe e seu pai não estavam juntos quando nasceu, mas o dia de seu nascimento não deixou de ser especial por isso. Seu pai, o tenente José Baliseu, sempre insistiu que Chiquinha estudasse em boas escolas, mas sua paixão sempre foi a música. Aprendeu a tocar piano como ninguém!

Sua paixão pela música foi crescendo de tal forma, que seu marido, o fazendeiro Jacinto Ribeiro do Amaral, achava que Chiquinha não se importava com ele ou com seus filhos. Mas não era verdade: Chiquinha amava todos, cada um de um jeito diferente.

Mais tarde, Chiquinha separou-se de seu primeiro marido e alugou uma casinha simples em São Cristóvão para educar seu filho pequeno. Naquela época, as mulheres não podiam trabalhar como os homens, pois era considerado feio. Mas Chiquinha Gonzaga não ligou e foi trabalhar com o que mais amava: a música. O Rio de Janeiro da época respirava música. Foi nesta época que surgiram muitos ritmos brasileiros, como o tanguinho, o lundu e o maxixe. Chiquinha Gonzaga participava de tudo encantada! Mas, como disse anteriormente, era difícil para uma mulher trabalhar onde havia muitos homens, e a maioria dos instrumentistas eram homens. Você pensa que Chiquinha Gonzaga desistiu? Ela lutava muito para que seu filho e ela tivessem uma vida melhor. Em 1877, Chiquinha Gonzaga conseguiu ter sua primeira obra publicada. Ela ficou muito feliz, pois estava fazendo muito sucesso!

Nada foi fácil para Chiquinha Gonzaga. Em 1875, nasce sua filha Alice Maria, que foi educada pelos avós. [Que tal tratar das diferenças entre meninos e meninas e propor atividades cooperativas?] Naquela época, uma mulher que não fosse casada não era bem vista pela sociedade, por isso Chiquinha teve que ficar longe de sua princesa... Mas, apesar das dificuldades (e da saudade), ela não desistiu e continuou a escrever suas músicas e a tocar seu piano. Em 1885, Chiquinha escreve, em parceria com Palhares Ribeiro, a opereta “A Corte na Roça”. A peça foi um sucesso, mas uma mulher dirigindo uma orquestra era novidade, e isso assustou as pessoas. Um falavam bem, outras muito mal. Bem injusto, você não acha?

Chiquinha Gonzaga participou de muitas lutas sociais. [Neste ponto, você poderá propor um levantamento dos problemas na comunidade e, em parceria com as crianças, propor soluções em forma de projetos.] Foi contra a escravidão e defendia seus amigos. O que ela mais gostava era quando se reuniam para tocar e inventar alguma música. Na música, todos eram irmãos. Apesar das diferenças, todos se respeitavam e juntos tocavam lindas músicas.

Chiquinha Gonzaga é considerada uma das melhores compositoras do nosso país. Foi responsável por grandes sucessos, tais como “Abre Alas”, muito cantado nos carnavais. [Que tal propor que as crianças pesquisem sobre marchinhas de carnaval? Uma outra possibilidade é propor uma atividade para verificar quantas marchinhas a turma conhece.]

No ano de 1899, Chiquinha conhece um jovem português chamado João Batista, seu companheiro até o fim de sua vida. Com ele, Chiquinha viaja pela primeira vez para a Europa, onde apresenta suas músicas. [Neste ponto, você pode falar um pouco sobre geografia e, com um mapa, mostrar às crianças onde fica sua cidade e onde fica a Europa.] Nessa viagem ela descobriu que suas músicas tinham sido levadas para lá por outra pessoa. O problema foi que esta pessoa, conhecida como Fred Figner, lançou as músicas de Chiquinha e não contou para ela, ficando com todo o dinheiro. Que coisa feia, não? Foi por isso que Chiquinha lutou para ter o que chamamos hoje de Direitos Autorais, ou seja, você recebe pela sua criação. Agora sim parece justo!

Chiquinha Gonzaga morreu no dia 28 de fevereiro de 1935, aos 88 anos. Seu exemplo e músicas até hoje são importantes para nós brasileiros.



PESQUISA

A sociedade brasileira ainda é, nos tempos atuais, baseada no patriarcado e na família nuclear. Imagine o significado disso em 1847! Uma mulher grávida e solteira não era bem vista; seus filhos eram bastardos e assim seriam tratados pelo resto da vida.

Imaginemos a angústia de Rosa Maria, pobre, solteira... e grávida. A escravidão ainda estava em vigor, e isso era mais um elemento que causava medo à mãe de Chiquinha Gonzaga. No mês dedicado a São Francisco, e em meio a tudo que a atormentava no momento do parto, Rosa Maria decidiu que a filha se chamaria Francisca, em homenagem ao santo. A avó, que acompanhava o parto, lembrou que o dia anterior, 16 de outubro, tinha sido o dia de Santa Edwiges. Assim, surge Francisca Edwiges. O sobrenome Gonzaga veio do pai, Tenente José Baliseu Neves Gonzaga, que estava a serviço em Pernambuco e nada sabia da gravidez ou do parto. Somente em março do ano seguinte (1948), quando entrou de licença, é que descobriria ser pai.

Numa sociedade machista e escravista, ser filha bastarda não era um bom começo. De qualquer modo, o pai a registrou em junho de 1848 como sua filha legítima. Apesar dos avós paternos não aceitarem o casamento, a nova família Neves Gonzaga estava formada e logo cresceria, com mais três irmãos.

Até a chegada do seu último irmão, Feliciano, Chiquinha já tinha 11 anos e, graças a seu pai, recebera e continuaria recebendo um tipo de educação e oportunidade raras para meninas daquela época. Ela recebia lições de pia-

no com o famoso Maestro Elias Lobo, e apresentou sua primeira composição para a família no Natal de 1958, com letra de seu irmão, José Basileu Filho, o Juca. O pai sempre se orgulhou da filha e a incentivava a não ser medíocre no que fizesse, conselho que ela seguiu por toda a vida.

Apesar de ser irrequieta e decidida, com uma formação que a tornava diferente de outras meninas, a baixinha Chiquinha Gonzaga também foi educada para ser uma dama que soubesse se “portar” na sociedade. Seu pai escolheu-lhe um “bom marido” e assim, com 16 anos, no dia 5 de novembro de 1863, Francisca Edwiges Gonzaga se casou com Jacinto Ribeiro do Amaral, um fazendeiro jovem, rico, bonito e simpático, segundo seu pai.

Do que Chiquinha mais gostou nessa história foi do piano que o pai lhe deu como parte do dote. E este foi, enquanto manteve-se casada, o rival número um de seu marido, que vivia inconformado pela falta de atenção de Chiquinha e por sua dedicação ao piano. Nem mesmo o nascimento dos filhos a afastou demasiado da música, para decepção e furor do marido.

São conhecidas as viagens forçadas que fez com o marido. Em 1866, foram para o Paraguai, com quem o Brasil entrara em Guerra dois anos antes. Nesse período, o marido vendera o piano de Chiquinha, com a clara intenção de fazê-la dar mais atenção ao seu “papel” de esposa e mãe. No entanto, as viagens afloraram ainda mais o espírito rebelde de Chiquinha Gonzaga, que se indignou com as condições dos soldados, grande parte dos quais eram es-

cravos libertos, chamados de “voluntários da pátria”. Muitos eram simplesmente arrastados para o mar durante as tempestades.

Se a intenção era “domar” Chiquinha Gonzaga, ela não poderia ter sido mais equivocada. Depois de uma discussão com o marido, a maestrina decidiu sair de casa. Retornou, porém, ao descobrir-se grávida do terceiro filho. Apesar da esperança de que o casamento melhorasse, isso se mostrou impossível e, depois do nascimento do caçula, Chiquinha saiu definitivamente de casa em 1869. Isso lhe custou muito caro, pois seu pai jamais a perdoaria, proibindo-a, inclusive, de ir vê-lo em seu leito de morte e de entrar no cemitério em 1891.

Foi em 1869 que Chiquinha Gonzaga, já separada, aluga uma casa humilde no Bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, para criar seu filho pequeno.

Diferente de outras mulheres de sua época, Chiquinha não se revoltou apenas e foi para um convento. Graças à sua formação musical e sua força de vontade, ganhava a vida com aquilo que mais gostava: a música. Apresentando-se como pianista e compositora, acabou sendo muito bem aceita e querida por outros músicos. Nesse momento, a região torna-se uma das mais populosas do Rio de Janeiro e floresce toda uma indústria cultural que envolvia instrumentos musicais, partituras, revistas com letras de modinhas e canções de sucesso, além do aluguel de músicos para serenatas, animações de eventos, demonstração de músicas em partituras, etc.

Nesse tempo, o Rio de Janeiro

respira música. Há lugar para muitos ritmos importados da Europa, como marchas, polcas, mazucas e valsas, mas também para ritmos urbanos brasileiros: tanguinho, lundu, maxixe, etc. O mais dançado era certamente a polca européia, por ser cadenciada e alegre. Um novo ritmo instrumental tocado com flauta, violão e cavaquinho, o choro, tornou-se o mais tocado na noite do Rio de Janeiro. Além disso, não se pode esquecer do carnaval.

Nessa época, os pianos se tornaram também populares e começaram a baixar de preço. O Rio de Janeiro chegou a ser conhecido como “Pianópolis” e muitos “pianeiros” (músico que toca de “ouvido”, não lê partitura) surgiram, dada a quantidade de oportunidades de trabalhos. A questão era, porém, como ainda é hoje, que a maioria dos músicos eram homens. Ganhar a vida como músico não era tão simples ou fácil, apesar de tantos espaços abertos. A noite de então não parecia combinar com mulheres, mas mesmo assim Chiquinha Gonzaga logo se tornou referência no meio musical, tanto como instrumentista, quanto como compositora.

No entanto, é somente em 1877 que ela tem sua primeira obra editada, a polca “Atraente”. Sua primeira tiragem, de cem exemplares, foi lançada em fevereiro e esgotou-se rapidamente. Em novembro chegou à sua décima-quinta reimpressão, numa época em que não havia discos, nem rádio, nem televisão.

Depois de muitos anos vivendo só para a música e para seu filho, passa a viver com o engenheiro João Batista de Carvalho. Para fugir das maledicências e da perseguição, foram morar por dois anos em Minas Gerais, aprovei-

tando uma oportunidade de emprego do novo marido. Retornam ao Rio de Janeiro em 1875 e, no ano seguinte, nasce a filha Alice Maria Gonzaga do Amaral.

No ano seguinte, porém, de volta a Minas Gerais, não suporta a infidelidade do marido e o abandona, deixando para trás o casamento e a própria filha, que ainda não completara um ano de idade. Volta ao Rio de Janeiro (São Cristóvão) para dedicar-se novamente ao seu filho João Gualberto. Só volta a ver sua filha muitos anos depois.

Em 1883, tenta musicar um libreto de Arthur Azevedo, mas a produção teatral não aceitava uma mulher como autora da música. No entanto, ela não desistiria de fazer música para teatro, produzindo, no ano seguinte, com seu parceiro, Palhares Ribeiro, a primeira opereta da dupla: A Corte na Roça.

A história da encenação dessa peça é um caso a parte, que conjuga má vontade do empresário, do maestro da companhia teatral, de alguns atores, da censura (policial) e da crítica. A estréia, em 1885, foi muito difícil, e Chiquinha passa a ser conhecida também como “maestrina”, uma ironia de um crítico de jornal que acaba revelando mais um talento da instrumentista e compositora. Ela tornou-se a primeira mulher do Brasil e, quicá do mundo, a reger uma orquestra. O barulho foi imenso, mas dali por diante não havia mais como negar seu papel de precursora do feminismo e da música popular brasileira, sendo considerada por muitos como a maior compositora brasileira.

A vida continuava dura, pois, além do papel de mãe, tinha que se dividir como pianista, professora, vendedora de partituras e

ingressos para seus próprios shows. Além disso, ela se dedicava também a causas sociais, como a do fim da escravidão e da monarquia. Parte da renda obtida com a venda de partituras foi utilizada para pagar a alforria de um escravo músico, Zé Flauta, de quem ela dizia:

“O Zé Flauta deve ser livre como sua musicalidade, como a própria música o é, seja cantada por um pássaro ou tocada por um bom grupo de choro!”.

Temos, em 1888, o fim da escravidão no Brasil, e, no ano seguinte, a proclamação da República: dois anseios e lutas de Chiquinha Gonzaga finalmente realizados. Quando tudo parecia mudar para melhor, inclusive com o nascimento de sua primeira neta, em 1890, começa uma década de perdas e dificuldades. Seu pai falece em 1891. O novo governo, de Floriano Peixoto, fruto de um golpe, não é dos mais populares. O Rio de Janeiro chegou a sofrer um bombardeamento em face do descontentamento de altos escalões da Marinha, o que tornou a cidade e o trabalho dos músicos muito instáveis. Em 1896, falece a mãe de Chiquinha.

Felizmente, a década encerra com a composição do que se tornou, depois, um clássico. A música “Ó Abre Alas” foi uma das primeiras genuinamente brasileiras cantadas em carnaval. É no mesmo ano da composição, 1899, que a maestrina conhece um jovem português de apenas 16 anos, de nome João Batista, que será seu companheiro até o fim da vida.

É na companhia desse jovem, a quem apresentará depois como seu filho, que viaja pela primeira vez para a Europa, mais exatamente para Portugal. Retorna em

1904 e em 1906, quando fixa residência neste país até 1909, ano em que retorna ao Brasil.

Incansável, a partir de 1911 ela retoma sua intensa atividade musical, principalmente com peças de teatro. No ano seguinte, estréia *Forrobodó*, o maior sucesso teatral de Chiquinha Gonzaga.

Viajando pela Europa, descobriu que várias de suas composições haviam sido editadas na Alemanha e eram comercializadas sem que ela sequer imaginasse. Soube depois que fora Fred Figner que havia lançado várias de suas músicas pelo selo Odeon sem consultá-la. Nasce aí mais uma luta da nossa maestrina: a luta pelos direitos autorais. É assim que, em 1917, ela oficializa essa nova batalha, para assegurar que a obra pertença a seu autor: funda a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Em 1935, morre aos 88 anos, no dia 28 de fevereiro. Deixa uma obra com milhares de composições e quase 80 partituras para peças. Além disso, deixou o exemplo de uma vida de luta, primeiro pelo controle de sua vida, depois pela música. Pelo direito de, como mulher, poder trabalhar e criar seu filho; pela liberdade de se expressar, pelo fim da escravidão, pelo fim da monarquia, pelos direitos autorais, pelo respeito à música brasileira.

Marchinha de Carnaval Ó Abre Alas

“Ó Abre alas que eu quero passar

Ó Abre alas que eu quero passar

Eu sou da lira, não posso negar

Rosa de Ouro é que vai ganhar.”

Chiquinha Gonzaga



Chiquinha Gonzaga entoando Ó Abre Alas



Clementina de Jesus



Nome do Personagem: CLEMENTINA DE JESUS

Nome completo: Clementina de Jesus

Filiação: Amélia de Jesus dos Santos e Paulo Batista dos Santos

Nascimento: Valença, Rio de Janeiro, 07 de fevereiro de 1901 ou 1902

Falecimento: Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1987



Você já parou para escutar os sons da natureza? Da chuva quando cai? Dos barulhos da sua casa? [Para deixar a história mais interessante, você poderá propor às crianças que escutem os barulhos ao redor, para envolvê-los na história.] Você acredita que isso tudo pode se tornar música?

Que tal conhecer a história de uma grande cantora? Seu nome é Clementina de Jesus. Clementina nasceu em Valença, no estado do Rio de Janeiro. Era filha de Paulo, que gostava muito de tocar viola, e de Amélia, que cuidava com muito carinho da Igreja de Santo Antônio. Não era mesmo uma família especial?!

Para ajudar com as despesas de casa, Dona Amélia costumava lavar roupas no córrego. Quando Clementina era criança, ela acompanhava a mãe enquanto ela lavava as roupas e cantava modas, incelenças, corimas, jongos, pontos e chulas, entre outros cantos. [As crianças poderão fazer comparações com o cotidiano delas: como suas famílias lavam as roupas? Quais as músicas que elas cantam? Seria interessante propor às crianças que inventem algumas músicas.] Esses ritmos ficaram guardados na memória de Clementina, que 50 anos mais tarde transformaria todas estas cantigas em músicas famosas. [A partir desta atividade, você pode propor uma oficina com instrumentos de sucata. Chocalhos feitos com sementes, por exemplo.] Mas você pensa que Clementina aprendeu somente estes ritmos? Não mesmo! Sua avó, conhecida como Tia Mina, que veio da África, lhe apresentou lindos ritmos africanos.

Clementina passou toda sua adolescência [A partir deste ponto, você poderá trabalhar as fases da vida do ser humano e suas características.] no bairro Oswaldo Cruz, no subúrbio do Rio de Janeiro. Era um bairro único, pois lá



aconteciam rodas de samba, blocos de carnaval para as crianças e coral para participarem. E Clementina participava de tudo isso!

Quando Clementina tinha 14 anos, seu Paulo faleceu. Foi muito triste, mas Clementina não se abateu. Trabalhou muito como doméstica, mas sempre freqüentava as rodas de samba, principalmente as da Dona Maria Nenê, em Oswaldo Cruz, pois eram a sua paixão. Freqüentou a Escola de Samba da Portela e pertenceu à diretoria da Unidos do Riachuelo.

O ano de 1923 foi especial para Clementina. Ela casou-se com o gaúcho Olavo dos Santos. Deste casamento, nasceu sua primeira filha Laís. Em 1940, Clementina casou-se novamente com Albino Correia da Silva, muito conhecido no Morro da Mangueira como Pé Grande, e tornou-se mangueirense de coração. Foi no Morro da Mangueira que nasceu sua segunda filha, que se chama Olga. Foram momentos de muita felicidade e descobertas.

Em 1963, o poeta, compositor e produtor musical Hermínio Belo de Carvalho descobriu a bela cantoria de Clementina de Jesus. Um ano depois, os dois se reencontraram e resolveram fazer um concerto de samba. Estavam presentes no palco o violonista clássico Turíbio Santos e os sambistas César Faria, Elton Medeiros e Paulinho da Viola. Foi uma festa de samba das melhores!

Em 1965, aos 64 anos, Clementina de Jesus participou do musical Rosa de Ouro. O show foi apresentado no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Bahia, e fez um grande sucesso! No ano seguinte, Clementina foi para Senegal, na África, representar o Brasil no Festival de Arte Negra. Estavam ao seu lado Elton Medeiros, Paulinho da Viola e a famosa sambista Elisete Cardoso.

Suas participações com seus colegas foram tão maravilhosas que em 1970 ela gravou seu primeiro disco solo, chamado "*Clementina, cadê você?*". Em 1973, mesmo tendo-se passado apenas cinco meses desde que sofrera uma trombose, Clementina grava seu segundo disco individual, "*Clementina de Jesus – marinheiro só*".



Você pensa que Clementina parou por aqui? Em 1986, ela representou o Brasil em dois festivais internacionais. Mas, no dia 19 de setembro de 1987, Clementina de Jesus deixaria seus amigos e sua família com muita saudade. Ela morreu aos 85 anos, no Rio de Janeiro.



PESQUISA

Clementina de Jesus é filha de seu Paulo, um violeiro, e de dona Amélia, zeladora de Igreja de Santo Antônio (em Valença-RJ), a quem acompanhava, segundo relata, com a missão de acender-lhe o cachimbo durante a lavagem de roupa. Provavelmente foi ali, durante o trabalho com as roupas, que registrou oslundus, jongos, corimas, modas, incelenças, pontos e chulas que sua mãe cantava, e que Clementina viria a transformar em gravação 50 anos mais tarde.

A avó paterna, conhecida como Tia Mina, veio da África, e também transmitiu seu estilo musical à neta.

A família de Clementina mudou, quando ainda era criança, para Oswaldo Cruz, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, na Zona Norte, onde passou toda sua adolescência. Com 12 anos de idade, já saía vestida de pastorinha no Bloco Moreninha das Campinas. Aos 15 anos, passou a cantar no coro da igreja do bairro, como solista, incentivada por seu vizinho João Cartolinha.

A influência da religião é inegável. Misseira por toda a vida, Clementina de Jesus estudou em um semi-internato dirigido por religiosos católicos. Mas, como a mãe, teve influência do Candomblé, que freqüentava, segundo dizia, por causa da

música. Ao final, o que prevaleceu foi a influência africana da avó.

O pai morreu quando Clementina tinha 14 anos. Desde essa época passou a trabalhar como doméstica, e assim o fez por 26 anos. Trabalhar não a impedia de freqüentar rodas de samba, particularmente as que aconteciam na casa de Maria Nenê, em Oswaldo Cruz.

Portelense de coração, passou a freqüentar a Escola de Samba da Portela logo cedo. Foi também da diretoria de outra escola, a Unidos do Riachuelo, o que mostra bem sua ligação com o samba e com escolas de samba.

Casou-se, em 1923, com o gaúcho Olavo dos Santos, com quem teve sua primeira filha, Laís. Mas foi em 1940, depois de se casar com Albino Correia da Silva, o Pé Grande, que se mudou para o morro da Mangueira e virou mangueirense, como o marido. Ali teve sua segunda filha, Olga.

Cantora desde sempre, só foi “descoberta” em 1963, pelo poeta, compositor e produtor musical, Hermínio Belo de Carvalho. Ele a reencontra em 1964 e a convida para fazer um concerto de samba, dividindo o palco com o violonista clássico Turíbio Santos e com os sambistas César Faria, Elton Medeiros e

Paulinho da Viola.

No ano seguinte, quando completava 64 anos, lançou-se em definitivo como cantora no musical Rosa de Ouro, organizado pelo mesmo Hermínio Belo de Carvalho. O show foi apresentado no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Bahia, e teve enorme sucesso, proporcionando à Clementina a oportunidade de gravar seu primeiro disco.

Em 1966, Clementina apresentou-se em Dacar, capital do Senegal, representando o Brasil no festival da Arte Negra, ao lado de Elton Medeiros, Paulinho da Viola e Elisete Cardoso.

Continuou gravando e se apresentando, até que, em 1970, nasce seu primeiro disco individual, com o título “*Clementina, cadê você?*”. Em 1973, mesmo tendo-se passado apenas cinco meses desde que sofrera uma trombose, grava seu segundo disco individual, “*Clementina de Jesus – marinheiro só*”.

Em 1986, representa o Brasil em dois festivais internacionais. No ano seguinte, em 19 de setembro, Quelé, como passou a ser conhecida pelos amigos, faleceu aos 85 anos, no Rio de Janeiro, vitimada por um derrame.

Além dos discos, deixou nove netos, nove bisnetos e cinco tataranetos.





Discografia:

Clementina

Data: 1979

Gravadora: EMI

*Gente da Antiga - Pixinguinha,
Clementina de Jesus e João
da Bahiana*

Data: 1968

Gravadora: Odeon

Clementina, Cadê Você?

Data: 1970

Gravadora: Museu da Imagem
e do Som

Rosa de Ouro

Data: 1965

Gravadora: Odeon

Rosa de Ouro vol. 2

Data: 1967

Gravadora: Odeon

Marinheiro Só

Data: 1973

Gravadora: EMI

Clementina de Jesus

(Convidado: Carlos Cachça)

Data: 1976

Gravadora: Odeon

Fala Mangueira

Data: 1968

Gravadora: Odeon

Mudando de Conversa

Data: 1968

Gravadora: Imperial

O Canto dos Escravos

Data: 1982

Gravadora: Estúdio Eldorado



Capa do disco "Gente da Antiga", 1968, gravadora Odeon.







Cruz e Souza



Nome do Personagem: CRUZ E SOUZA

Nome completo: João da Cruz e Souza

Filiação: Pais escravos alforriados pelo Marechal Guilherme Xavier de Souza (que o criou)

Nascimento: Desterro (atual Florianópolis), Província de Santa Catarina (atual Estado de Santa Catarina), 24 de novembro de 1862

Falecimento: Sítio, Minas Gerais, 19 de março de 1898



Brincar com as palavras é muito divertido! Um poeta brinca com as palavras e deixa as pessoas felizes. Você já parou para pensar sobre isso? [Aqui você poderá explorar o estilo literário de poemas com as crianças, apresentando os poemas de Cruz e Souza. Depois as crianças poderão criar seus próprios poemas. A culminância do projeto poderia ser um sarau literário.]

Há muito tempo atrás, mais precisamente no dia 24 de Novembro de 1862, nasceu uma pessoa especial. Seu nome é João da Cruz e Souza. Sua família era muito simples e ele rece-

beu a ajuda de um casal de uma outra família, Dona Clarinda e o Marechal Guilherme. Este casal ajudou na educação do João da Cruz e Souza, colocando-o para estudar escolas maravilhosas! Em 1869, Cruz e Sousa começa a freqüentar a escola pública [Você poderá propor um repensar sobre a escola: o que as crianças gostam na escola e o que elas não gostam? Quais os problemas que temos e como poderemos melhorar cada um deles?] e lá tem a oportunidade de recitar poesias que ele mesmo escreveu, nos salões, nos concertos e nos teatrinhos.

Em 1871, Cruz e Souza é matriculado no Ateneu Provincial Catarinense. Seus professores percebem que Cruz Souza tem um jeito especial para escrever. No Ateneu, ele também aprende a falar outros idiomas.

Durante sua vida, Cruz e Sousa sofreu preconceito. Você sabe o que significa preconceito? [Com a história de Cruz e Souza, você poderá conversar com as crianças a respeito do preconceito, desmistificando o significado da palavra e propondo ações contra o preconceito. As crianças, junto com sua

orientação, poderão escrever um folder relacionado ao assunto e distribuí-lo na comunidade.] É quando se forma uma opinião sem pensar antes. Mas nosso poeta não desistiu! Em 1888, junto com seus amigos Virgílio Várzea e Santos Lostada, fundam um jornal sobre literatura chamado Colombo. Era um jornal importante, pois mostrava para as pessoas como a literatura poderia ser divertida e interessante! No ano seguinte, Cruz e Souza começa a escrever para o Jornal Tribuna Popular. [Que tal elaborar um jornal com a classe? Além de divertido, muitos elementos dos conteúdos básicos podem ser estudados por meio desta atividade.] Na época, as pessoas estavam brigando para saber se na literatura os textos poderiam falar da realidade ou não. Algumas pessoas tinham medo que Cruz e Souza contasse para todo mundo sobre o preconceito que as pessoas negras estavam sofrendo. Seu desejo era que todas as pessoas fossem felizes e não impedidas de fazer o que desejassem por causa de sua cor. Era injusto e não estava certo. Cruz e Souza colaborou com muitos jornais e falou para muitas pessoas sobre seus sonhos e a importância de nos respeitarmos.

Em 09 de novembro de 1893, Cruz e Souza casou-se com Gavita. Agora ele não estava mais sozinho: sua companheira o incentivava a escrever poemas! Juntos tiveram quatro filhos.

Cruz e Souza morreu em 19 de março de 1898, deixando muitos poemas e seu exemplo. [Uma atividade interessante é fazer um livro ilustrado pelas crianças com os poemas de Cruz e Souza. Para tanto, será necessária uma releitura dos poemas. No livro também poderão ser registradas as impressões e sentimentos das crianças em relação aos poemas.]

PESQUISA

João da Cruz e Sousa nasceu no porão de uma grande casa em Desterro, atual Florianópolis. Filho de escravos alforriados pelo Marechal Guilherme Xavier de Sousa, seria acolhido pelo Marechal e sua esposa como o filho que não tinham. Foi educado na melhor escola secundária da região, mas, com a morte dos protetores, foi obrigado a deixar os estudos e trabalhar. Viajou por grande parte do Brasil com a “**Companhia Dramática**

“**Julieta dos Santos**”, na qual tinha a função de “ponto” durante os espetáculos, ajudando os atores e atrizes quando esqueciam o texto da apresentação. Durante sua viagem, participou de inúmeras manifestações pela abolição da escravatura.

Trabalhou, também, lecionando aulas particulares, especialmente para professores do Magistério Público. Participou da fundação de jornais literários e

da intensa produção literária pró e contra o racismo, conhecida como “Guerrilha Catarinense”. Sofre uma série de perseguições raciais, culminando com a proibição de assumir o cargo de Promotor Público em Laguna por ser negro.

Em 1890 vai para o Rio de Janeiro, onde entra em contato com a poesia simbolista francesa e seus admiradores cariocas. Colabora em alguns jornais e,

mesmo já sendo bastante conhecido, após a publicação de *Missal e Broquéis* (1893), só consegue arrumar um emprego miserável na Estrada de Ferro Central. Casa-se com Gavita, também negra, com quem tem quatro filhos, dois dos quais vêm a falecer. Sua mulher passa por problemas psíquicos, com vários períodos em hospitais psiquiátricos.

O poeta contrai tuberculose e vai para a cidade mineira de Sítio se tratar. Morre aos 36 anos de idade, vítima da tuberculose. Em vida, Cruz Souza convive e enfrenta o racismo e a incompreensão. Encontrou sérias dificuldades para se manter, apesar da importância de sua obra para a literatura e para a história do Brasil. Hoje é considerado o maior expoente do simbolismo

brasileiro (estilo literário).

Em um dos seus poemas, Cruz e Sousa deixa claro sua percepção e luta por uma sociedade mais justa:

*“Mas embora meus senhores
Se festeja a liberdade
A gentil fraternidade
Não raiou de todo não...”*



Obras:

- Tropos e Fantasias (em colaboração com Virgílio Várzea). Desterro, Tip. Da Regeneração, 1885.
- Missal. Rio de Janeiro, Magalhães & Cia., 1893.
- Broquéis. Rio de Janeiro, Magalhães & Cia., 1893.
- Evocações. Rio de Janeiro, Tip. Aldina, 1898 (com fac-símile da assinatura, um retrato de Cruz e Sousa, por Maurício Jubim, e outro de Cruz e Sousa, morto, do mesmo autor).
- Faróis. Rio de Janeiro, Tip. Do Instituto Profissional, 1900 (com uma nota de Neutro Vitor).
- Últimos Sonetos. Paris, Aillaud & Cia., 1905 (com um desenho de Maurício Jubim e um prólogo de Nestor Vitor).
- Obras Completas. I Poesias: Broquéis, Faróis, Últimos Sonetos. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1923 (com introdução e anotações de Nestor Vitor, um fac-símile de autógrafo e um desenho de Maurício Jubim). II Prosa: Missal, Evocações. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1924 (com fac-símile de autógrafo e retrato de Cruz e Sousa reproduzido em fotografia).
- Obras. Tomo I - Versos: Broquéis, Faróis, Últimos Sonetos, Poemas Avulsos. São Paulo, Edições Cultura, 1943 (com uma “Síntese Bibliográfica” e uma “Introdução” de Fernando Goés). Tomo II - Prosa: Missal, Evocações. São Paulo, Edições Cultura, 1943.
- Poesias Completas. Rio de Janeiro, Editora Zélio Valverde, 1944 (com introdução de Tasso da Silveira).
- Obras Poéticas. I Broquéis e Faróis. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1945 (com Prefácio, Biografia e Fontes para estudo, por Andrade Muricy). II Últimos Sonetos/Inéditos e Dispersos. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1945 (com “Nota” de Andrade Muricy).
- Sonetos da Noite. Seleção de Silveira de Sousa, Edições do Livro de Arte, Florianópolis, 1958 (com xilogravuras de H. Mund Jr.).
- Obra Completa. Organização geral, Introdução, Notas, Cronologia e Bibliografia por Andrade Muricy. Edição comemorativa do Centenário. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda., 1961.
- Poesia Completa. Introdução de Maria Helena Camargo Régis. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- Evocações. Edição fac-similar. Apresentação de Esperidião Amin Helou Filho. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1986.
- Histórias Simples, In: Iaponan Soares. Ao Redor de Cruz e Sousa. Florianópolis, Editora da UFSC, 1988. P.79-102.
- Julieta dos Santos - Homenagem ao gênio dramático brasileiro. Com Virgílio Várzea e Santos Lostada. Edição fac-similar. Apresentação de Ubiratan Machado e Iaponan Soares. Florianópolis, Editora da UFSC, 1990.
- Poesia Completa. Edição comemorativa do centenário de Broquéis. Organização, Introdução e Bibliografia por Zahidé Lupinacci Muzart. Fundação Catarinense de Cultura e Fundação Banco do Brasil. 12ª Edição, Florianópolis, 1993.



João Cândido



Nome do Personagem: JOÃO CÂNDIDO
Nome completo: João Cândido Felisberto
Filiação: João Cândido Velho e Ignácia Cândido Velho
Nascimento: Encruzilhada do Sul - RS, 17 de outubro de 1880
Falecimento: Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1969



Você sabia que nos estamos cercados de água? Aliás, ela é um de nossos bens mais preciosos! O Brasil é cercado pelo oceano Atlântico, e a Marinha é responsável por proteger a costa brasileira. [O início da história de João Cândido é uma possibilidade de apresentar o mar para as crianças, mesmo de longe. Você pode preparar sua sala antes, com bacias de água ou fotos recortadas de uma revista, ou então contar a história do Almirante Negro para a classe na beira de um córrego. Para tornar a história mais interessante, que tal, em conjunto com as crianças, confeccionar barcos de papel para serem colocados no córrego ou dentro das bacias com água? É interessante também mostrar no mapa mundi, o oceano que banha o Brasil.]

Hoje vamos conhecer a história de João Cândido, o Almirante Negro. Ele nasceu no dia 17 de outubro de 1880. Seus pais e seus sete irmãos viveram muito tempo na fazenda de João Felipe Correa, mesmo depois da abolição da escravidão. Naquela época, os rapazes não iam para a Marinha porque queriam, as vezes eram obrigados. Uma vez, quando João Cândido tinha lá pelos seus 10 anos, brigou com o filho do dono da fazenda. Como punição, João Felipe Correa ofereceu João Cândido para a Marinha. [Com este trecho, você poderá conversar com a turma sobre punição, o significado de castigo, se é bom ou ruim. Quais são os melhores meios, por exemplo, de se resolver uma briga]. Por um tempo, ele viveu com a família do Almirante Alexandrino de Alencar. Aos 13 anos, tornou-se aprendiz de marinheiro e fez sua primeira viagem. Depois dela, João Cândido viajaria por muitos outros lugares! Antes dos 20 anos foi ser professor em várias escolas que preparavam os rapazes para a vida no mar. [Aqui a classe pode confeccionar um passaporte que será usado para “embarcar” nas pesquisas sobre outros países. As crianças

poderão investigar como funciona a Marinha, por exemplo, em outros países, ou então pesquisar os seus costumes. Cada classe poderá ficar responsável por um país e depois a escola pode organizar uma “feira mundi” com o resultado das pesquisas. Para não perder a memória do processo, é interessante que as crianças registrem passo-a-passo em um diário, coletivo ou individual. Essa é uma ótima oportunidade de trabalhar a ortografia da língua portuguesa.]

O então marinheiro João Cândido acompanhou muitos momentos importantes da nossa história. Em 1904, quando estava no Acre, acabou pegando tuberculose e presenciando, no hospital da Marinha, a revolta de Plácido de Castro, quando os bolivianos queriam invadir o Brasil. Quando melhorou, viajou para a Inglaterra como Marinheiro de Primeira Classe, para acompanhar a construção do encouraçado Minas Gerais, além de três cruzadores, seis caça-torpedeiros, seis torpedeiros, seis torpedeiros menores, três submarinos e um navio carvoeiro. Tudo isso fazia parte do plano de modernizar a frota brasileira. João Cândido e outros marinheiros tiveram que estudar bastante para aprender a utilizar os navios e aparelhos que chegariam em breve ao Brasil.

No entanto, o que mais lhe chamou a atenção na Inglaterra foi a organização dos ingleses e a forma respeitosa como eram tratados. Ele percebeu que no Brasil os marinheiros eram tratados muito mal, tendo que trabalhar sem parar e sofrer com castigos físicos. Na Inglaterra, viu que era possível trabalhar com dignidade e respeito. Assim, quando voltou para o Brasil, João Cândido trouxe muitas idéias e esperanças para melhorar a vida dos marinheiros. [A partir deste trecho você poderá trabalhar a autonomia com as crianças. A atividade é simples. O educador separará 4 envelopes ou caixas onde estará escrito as seguintes palavras: Eu critico... Eu elogio... Eu quero saber... Eu proponho. As crianças escreverão sua opinião a respeito da escola ou da sala em folhas de papel e colocarão em cada um desses envelopes. No dia combinado, o professor abrirá os envelopes/caixas e conversará sobre as opiniões ali colocadas. O professor mediará a opinião das crianças e instigará uma solução que possa ser construída por todos e todas dentro da sala de aula.]

Em 1908, o Minas Gerais foi lançado ao mar, indo primeiro aos Estados Unidos e depois ao Brasil. Aqui João Cândido pôde mostrar ao então Presidente da República, Nilo Peçanha, e ao Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar, o tão esperado navio. Depois da visita, o Presidente Nilo Peçanha marcou uma audiência com João Cândido no Palácio do Governo. Nesta au-

diência, João Cândido entregou ao Presidente um belo quadro e fez alguns pedidos. Sabe quais foram eles? Que os marinheiros não apanhassem mais como castigo e suas vidas fossem melhores dentro da Marinha.

No entanto, em 1910 o Marechal Hermes da Fonseca assumiu a Presidência do Brasil e o clima por aqui ficou muito confuso. Os marinheiros sabiam que se não estivessem unidos, os pedidos que foram feitos por João Cândido não seriam atendidos. Eles formaram um comando geral e não esconderam de ninguém que se reuniam para conversar sobre melhores condições para todos os marinheiros brasileiros.

Infelizmente, as promessas de mudança acabaram sendo esquecidas e os castigos continuaram. Muitos marinheiros estavam tristes por serem desrespeitados. Afinal, ninguém gosta de ficar de castigo, ainda mais por não ter feito nada de errado!

Foi então que no dia 22 de novembro de 1910, João Cândido organizou junto com seus colegas uma forma de chamar a atenção dos líderes da Marinha e do Brasil e protestar contra os maus tratos que estavam sofrendo. Ele tomou o navio Minas Gerais, disparou um tiro de canhão para avisar aos outros marinheiros e mandou um recado para o então Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca. No recado, João Cândido dizia que queria o fim da chibata nos castigos e exigia melhores condições de vida aos marinheiros. Se ninguém prestasse atenção no seu pedido, eles bombardeariam a cidade do Rio de Janeiro, o que, na verdade, não aconteceu. Depois desse recado, os jornais contaram para a população sua versão da história e assustaram a todos. Muitos fugiram com suas famílias para outros lugares. O Marechal Hermes da Fonseca ficou muito bravo e ameaçou afundar todos os navios se eles não parassem de intimidar o Rio de Janeiro. [Uma atividade interessante é propor a brincadeira do afunda ou não afunda. Com uma bacia e alguns objetos, o professor e as crianças poderão conhecer alguns princípios da física com a brincadeira. Uma criança escolhe um dos objetos e marca se o objeto escolhido afunda ou não. Depois, comprova sua hipótese. Os relatórios das atividades poderão ser escritos coletiva ou individualmente.]

A questão é que ninguém queria conversar de verdade, até que um Senador chamado Rui Barbosa fez um documento de anistia que perdoava estes marinheiros pelas ameaças que fizeram à cidade. João Cândido conversa então com seus colegas e eles devolvem os navios como prometido.

O problema foi que o governo não cumpriu o que havia prometido e prendeu todos os marinheiros. Na prisão, eles foram muito maltratados. A tristeza tomou conta de todos os marinheiros que lutaram por uma vida melhor para fazer o que gostavam: Cuidar e viver no mar!

O Almirante Negro foi julgado e perdoado na Justiça, mas sua vida depois do julgamento não foi fácil. João Cândido estava doente e sem dinheiro nenhum para se sustentar. Começou a trabalhar como pescador e vendedor de peixe no cais e no mercado. Apesar de seu sofrimento, sua luta ajudou muitos marinheiros. Hoje ninguém mais apanha ou come mal na Marinha. Pena que algumas pessoas queiram que o Almirante Negro seja esquecido. **[As crianças poderão fazer um livro recontando e ilustrando a história do Almirante Negro. Que tal propor a encenação de sua história na reunião dos pais?]** Nossa tarefa é lembrar de sua luta e contar para todos a sua história.

O Almirante Negro nos deixou no dia 06 de dezembro de 1969, nos presentando com um grande exemplo de luta e perseverança!

PESQUISA

Na Vila São José, oito anos antes da abolição da escravatura no Brasil, nascia João Cândido. Filho de escravos da fazenda de João Felipe Correa, ali permaneceu junto aos pais e sete irmãos mesmo depois da abolição, pois, como era de se esperar, não tinham para onde ir.

O dono da fazenda ofereceu João Cândido para a Marinha como castigo por sua “rebeldia”, pois, quando tinha por volta de 10 (dez) anos de idade, agrediu um dos filhos de João Felipe Correa. Desde pequeno, João Cândido mostrava-se pouco disposto a aceitar passivamente que lhe chamassem a atenção injustamente.

João Cândido foi criado por um tempo pela família do Almirante Alexandrino de Alencar. Com treze anos, em 1893, já como

aprendiz de marinheiro, fez sua primeira viagem no transporte de guerra “Ondina”, numa época em que a Armada estava em revolta contra Floriano Peixoto. Em 1896, foi servir na tripulação do “Andrada”, e depois em muitos outros navios. Antes dos vinte anos já era instrutor de várias escolas de aprendizes-marinheiros de norte a sul do país.

Em 1904, contraiu tuberculose e foi internado no Hospital da Marinha. Ele contraiu a doença quando estava no Acre e presenciou a revolta de Plácido de Castro, ocasião em que os bolivianos queriam invadir o território brasileiro. Depois da recuperação, viajou no navio Benjamin Constant rumo à Inglaterra, já como marinheiro de primeira classe. O Brasil se tornava, nessa época, a terceira potência naval do mundo.

Para compreendermos este momento histórico, é importante lembrar que, ao mesmo tempo em que os marinheiros se tornavam cada vez mais especializados, a fim de que pudessem manejar a moderna frota de navios brasileira, eles ainda eram tratados como escravos, sofrendo castigos corporais e suportando uma carga horária excessiva.

Na Inglaterra, João Cândido e seus companheiros conheceram trabalhadores ingleses e se impressionaram com a organização e politização dos mesmos. A longa estadia naquele país marcou profundamente a ele e a outros marinheiros. Uma vez especializados e tendo contato com uma cultura diferente, na qual os trabalhadores eram bem organizados e defendiam seus direitos, era inevitável que os agora peritos brasileiros come-

çassem a discutir sua própria situação. Eles passaram a reunir-se com regularidade em busca de mudanças.

Em 1908, o Minas Gerais foi lançado ao mar. Foi para os Estados Unidos e depois veio para o Brasil. Aqui no Brasil, João Cândido pôde mostrar ao então Presidente da República, Nilo Peçanha, e ao Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar, o tão esperado navio. Depois da visita, o Presidente Nilo Peçanha marcou uma audiência com João Cândido no Palácio do Governo. Na audiência, além de lhe entregar um quadro de presente, João Cândido solicitou, em nome dos marinheiros, melhores condições de vida e de trabalho e a abolição definitiva da Lei da Chibata.

No entanto, o Presidente e o Ministro da Marinha deixariam o governo oito dias antes do que viria a ser conhecido como a “Revolta da Chibata”. Esta foi uma rebelião contra os maus tratos e a má qualidade da comida, e a favor da implementação de uma série de outras medidas, reivindicações que vinham sendo discutidas desde a Inglaterra pelas lideranças do Movimento. Apenas para lembrar, o que se chama de Lei da Chibata foi a instituição da Companhia Correccional, que estabelecia oficialmente, entre outros, os castigos corporais como parte do regime disciplinar. Em seu artigo 8º, determina-se que:

“pelos faltas que cometerem serão punidos do seguinte modo: a) faltas leves: prisão e ferro na solitária, a pão e água, por três dias; b) faltas leves repetidas, idem, por seis dias; c) faltas graves: 25 chibatadas”.

Não se tem um número exato,

mas sabe-se que a maior parte dos marinheiros era constituída de negros, o que dá a exata dimensão desses castigos, que em muito lembram os infligidos aos escravos.

Em 1910, assume o poder o marechal Hermes da Fonseca. Em termos de política, o clima era confuso. Os marinheiros brasileiros já vinham se organizando há algum tempo, planejando a revolta desde a estadia na Inglaterra. Os marinheiros já não escondiam mais sua posição e organização. Um comando geral foi formado e eles se reuniram tanto nos porões quanto em terra, em locais específicos.

Em novembro de 1910, três navios foram enviados para representar o Brasil no 1º Centenário da Independência do Chile. Eles foram apelidados de “a Divisão da Morte”, tamanhos os castigos aplicados nos marinheiros naquela viagem. A gota d’água veio quando, no retorno do Chile, foram solicitados castigos para oito marinheiros, supostamente por causa de jogo após o toque de recolher. No dia 16 de novembro, um dos marinheiros, Marcelino Rodrigues Menezes, recebeu 250 chibatadas por causa de uma briga com um cabo. A partir desse espetáculo de sangue, decidiu-se por fim em definitivo a esse tipo de castigo.

Na mesma noite do castigo ao marinheiro Marcelino, ficou decidido que a tomada de controle de navios, antes planejada para o dia 24 de novembro, seria antecipada para o dia 22.

Assim, no dia 22 de novembro de 1910, após a chamada da corneta, às 22 horas, os marinheiros iniciaram a tomada dos navios. Oficiais presos em seus camarotes, cada marinheiro

assumiu seu posto. A luta no convés não demorou. Assim, às 22h50, o navio Minas Gerais, cuja rebelião foi comandada por João Cândido, disparou um tiro de canhão para chamar os demais navios. Todos responderam. Nessa mesma noite, o novo Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca, e todo seu Ministério estavam numa recepção oferecida a ele no Clube da Tijuca. Enquanto ouviam uma ópera, foram surpreendidos pelos tiros de canhão.

Do Minas Gerais, João Cândido já havia enviado mensagem via rádio para o Palácio do Catete informando que a esquadra estava levantada e o objetivo era eliminar os castigos corporais. A mensagem captada era a seguinte:

“Não queremos a volta da chibata. Isso pedimos ao Presidente da República, ao Ministro da Marinha. Queremos resposta já e já. Caso não tenhamos, bombardearemos cidade e navios que não se revoltarem. Guarnições Minas, São Paulo e Bahia”

A essa primeira mensagem foram incorporadas outras, assim como um ultimato em que se exigia soldos maiores, fins dos castigos corporais e melhores condições de vida na Armada. Deram um prazo de doze horas para resposta, com a ameaça de bombardear a cidade do Rio de Janeiro.

A revolta resultou na morte de oficiais e marinheiros, todos mandados para terra pelos rebeldes no dia seguinte ao da tomada dos navios. Com os jornais no dia seguinte dando conhecimento à população do que estava acontecendo e das ameaças dos revoltosos, grande confusão

e o desespero se instalaram na cidade do Rio de Janeiro. Mais de três mil cidadãos partiram para Petrópolis, os habitantes da zona sul fugiram para os subúrbios, os trens saíam lotados.

Apesar das ameaças, não se pretendia bombardear a cidade, e não o fizeram. Um único incidente aconteceu, pois uma bomba, cujo alvo era o Arsenal da Marinha, caiu na Rua da Misericórdia e matou duas crianças. Os marinheiros imediatamente trataram de juntar dinheiro para o enterro das crianças.

O Governo ameaçou reagir e torpedear os navios revoltados. Recuou ao perceber que os marinheiros não estavam exigindo nenhuma barbaridade, somente o fim dos castigos corporais e melhores condições de trabalho e vida. Após o relato, no Congresso Nacional, do comandante José Carlos Carvalho, que foi inspecionar os navios, a pedido dos marinheiros, tudo parecia correr a favor dos revoltosos.

Rui Barbosa, representando um grupo de senadores, apresentou o projeto de anistia aos marinheiros, que foi votada em tempo recorde. Às 17h30min do dia 23 de novembro a anistia já estava aprovada. Assim que soube da decisão do Congresso, João Cândido enviou mensagem ao comandante José Carlos Carvalho, nos seguintes termos: *“Entraremos amanhã ao meio-dia. Agradecemos os seus bons ofícios em favor de nossa causa. Se houver qualquer falsidade o senhor sofrerá as conseqüências. Estamos dispostos a vender caro as nossas vidas. Os Revoltosos”*.

Foi o fim da revolta. Os navios foram devolvidos um a um de maneira ordenada, e foi feita

uma homenagem aos mortos da insurreição. No entanto, este foi somente o início dos problemas dos marinheiros revoltosos, principalmente para João Cândido.

No dia 28 de novembro de 1910, o governo publica decreto que autoriza a baixa, por exclusão, “dos praças do Corpo de Marinheiros Nacionais, cuja permanência se torna inconveniente à disciplina; dispensando-se a formalidade exigida” em lei. Mas não foi só isso: apesar das denúncias feitas na imprensa, os marinheiros foram dispensados, e os supostos apoiadores, como Rui Barbosa e Pinheiro Machado, não os receberam.

Prisões foram feitas sob acusação de conspiração. Uma revolta foi simulada para justificar ao governo a decretação de estado de sítio, o que foi conseguido, mas denunciado pela imprensa como um engodo. Apesar de clara a manobra do governo, milhares de marinheiros foram exonerados e João Cândido e outros seiscentos marinheiros foram presos.

Dezoito deles, os líderes do movimento da revolta, foram jogados em uma masmorra na Ilha das Cobras, então controlada pelo capitão-de-fragata Marques da Rocha. Desses dezoito, dezesseis morreram cruelmente. Ao reclamarem por água, foram presenteados com pás de cal virgem. Vejamos o que conta João Cândido:

“Foi horrível! Dos dezoito camaradas no meu cubículo, só escaparam dois. Eu e o Pau da Lira, que trabalha na estiva, no cais dos Mineiros, no Caju. O resto foi comido pela cal, jogada com água dentro do subterrâneo. Outros, de tão inchados, pareciam sapos”

Foi necessário que a Irmandade da Igreja Nossa Senhora do Rosário, protetora dos negros, contratasse três dos melhores advogados da época para defenderem João Cândido e seus companheiros de revolta. Quando do julgamento, cuja primeira sessão foi realizada pelo Conselho de Guerra em dois de julho de 1912, só restavam dez presos. Os outros estavam mortos, desaparecidos ou haviam sido excluídos da Armada.

O julgamento do Almirante Negro João Cândido durou 48 horas. No final, foram todos absolvidos por unanimidade.

No entanto, o Almirante Negro já estava condenado em definitivo a uma vida de penúria e perseguição. Livre, mas tuberculoso, sem emprego e sem roupas. Morou de favor e recebeu ajuda da Irmandade da Igreja Nossa Senhora do Rosário.

Depois de dezenove anos servindo à Marinha, João Cândido não sabia como lidar com a nova situação. No Lóide Brasileiro e na Costeira, recebeu tantas negativas quantas as tentativas de encontrar emprego.

Noivo e desesperado por emprego, trabalhou como timoneiro em um veleiro de carga até ser demitido por ordem do Comandante dos Portos de Santa Catarina. A situação era mais complicada, agora que estava casado e com um filho. A partir daí, foi alternando crises de saúde com empregos mais ou menos interessantes, até ser despedido da empresa Carlos Hoepke e Cia., de Santa Catarina, que fazia a viagem mensal Florianópolis-Rio.

Em 1928, no enterro de sua

segunda esposa, recebeu homenagem de vários marinheiros do navio Minas Gerais, que levaram a única coroa de flores do sepultamento e as palavras de agradecimento por sua luta:

“A sua história ficou na Marinha. Hoje não apanhamos, temos soldo regular e comemos bem. Agradecemos tudo isto ao senhor”.

Em 1930, volta a ser preso, acusado de apoiar a Revolução. Não estava envolvido, mas isso não parecia relevante.

O Almirante Negro recebeu muitas homenagens, todas tardias. Morreu pobre, sem a pensão que lhe era devida pelo Governo Federal, sem um emprego digno, sem o reconhecimento oficial de sua importância. A Marinha desarticulou todas as tentativas de vê-lo reconhecido como herói, ou simplesmente reconhecido. O Distrito de Rio Pardo, local onde nasceu, acabou por conceder-lhe uma pensão quando ele já tinha quase oitenta anos, idade na qual ainda trabalhava na descarga do cais.

Em seis de dezembro de 1969, o Almirante Negro foi vencido pelo câncer e morreu. Foi vencido também pela máquina do Estado, que até hoje nega seu lugar e oculta, como pode, a história de João Cândido Felisberto. Por isso, muitos cantam a canção “O Mestre-sala dos Mares”, dos compositores João Bosco e Aldir Blanc, mas não conhecem sua história:



João Cândido lendo o decreto de anistia.

*“Há muito tempo,
Nas Águas da Guanabara,
O Dragão do Mar reapareceu,
Na figura de um bravo feiticeiro
A quem a história não esqueceu
Conhecido como o Navegante Negro,
Tinha a dignidade de um mestre-sala
E ao acenar pelo mar, na alegria das regatas
Foi saudado no porto
Pelas mocinhas francesas,
Jovens polacas e por batalhões de mulatas
Rubras cascatas
Jorravam das costas dos santos
Entre cantos e chibatatas,
Inundando o coração
Do pessoal do porão
Que, a exemplo do feiticeiro,
Gritava então:
Glória aos piratas,
Às mulatas,
Às sereias...
Glória à farofa
À cachaça,
Às baleias...
Glória a todas as lutas inglórias
Que através da nossa história
Não esquecemos jamais.
Salve o Navegante Negro,
Que tem por monumento
As pedras pisadas do cais”*



Lélia Gonzáles



Nome do Personagem: LÉLIA GONZÁLES

Nome completo: Lélia de Almeida Gonzáles

Filiação: Orcina Serafim d'Almeida e Accacio Serafim d'Almeida

Nascimento: Belo Horizonte - MG, 01 de fevereiro de 1935

Falecimento: Rio de Janeiro - RJ, 10 de julho de 1994



Viver em um mundo onde as pessoas não sejam julgadas pela sua cor ou modo de pensar é um sonho que o ser humano vem perseguindo há muito tempo.

A nossa história fala de uma jovem que tinha tudo para desistir, mas que lutou por um mundo onde as pessoas não fossem julgadas pela cor. Seu nome era Lélia de Almeida Gonzáles. Lélia nasceu em Belo Horizonte no dia 01 de Fevereiro de 1935. Sua cor era linda! Uma

bela mistura de seu pai negro e de sua mãe índia. [Uma dinâmica que poderá ser usada como sugestão é fazer com as crianças a tinta natural. A receita é simples: 01 copinho de cola, o mesmo copo de água e terra na mesma proporção. Lembrando que outros pigmentos poderão ser usados, tais como açafrão, terra marrom, terra vermelha, café. As crianças poderão se desenhar em um papel e pintar com a tinta as pessoas. As crianças também poderão misturar as tintas e perceber novas cores sendo formadas. É uma atividade interessante e diferente. Não podemos esquecer a forma de registrar o que eles gostaram, sentiram. A receita também ajudará no entendimento do significado de proporção e quantidade. Você pode, também, problematizar as quantidades usadas na receita e incentivar o raciocínio lógico e as operações matemáticas na resolução dos problemas propostos. Lembrando novamente que o registro é muito importante!] O problema é que nem todo mundo entende que não somos iguais e que nossas diferenças ajudam a compor a beleza do nosso Brasil. Algumas pessoas desinformadas não respeitaram a bela cor de Lélia, o que no começo a deixou triste. Mas só no começo, pois Lélia sabia que se ficasse caladinha, essas pessoas desinformadas e preconceituosas não aprenderiam a respeitar ninguém, não importava sua cor.

AMEFRICANIDADE

Amefricanidade - seria "um processo histórico de intensa dinâmica cultural (resistência, acomodação, reinterpretação, criação de novas formas) referenciada em modelos africanos e que remete à construção de uma identidade étnica. [O valor metodológico desta categoria] está no fato de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo." Assim, sem apagar as matrizes africanas, essa noção resgata a experiência fora da África como central. (fonte: 13Gonzalez, Lélia. "Nanny." Humanidades, Brasília: UnB, (17): 23-25, 1988.)

Lélia e toda sua família mudaram para o Rio de Janeiro, pois seu irmão jogava futebol pelo Flamengo. Lélia também gostava muito de futebol e de samba. [Que tal organizar um campeonato de futebol ou futebol de botão? O desafio será integrar as meninas em um esporte masculinizado. Outra dica para integração é o futebol cooperativo. As crianças fazem duplas e estas têm que correm de mãos dadas para acertar o gol. Funciona com as mesmas regras do futebol que conhecemos, porém, se o grupo decidir por uma regra nova, esta deverá ser informada e incorporada ao jogo.] Imagine a felicidade de Lélia vendo seu irmão jogar futebol pelo time que amava? Talvez você não goste do mesmo time de Lélia, mas com certeza vai aprender a respeitar os gostos e opções dos outros.

Lélia precisava trabalhar, mas só conseguiu emprego de babá. [Neste trecho as crianças poderão fazer um levantamento sobre as profissões dos personagens do jogo e acrescentar outras profissões. A partir deste estudo, é possível criar um jogo da memória das profissões com as ilustrações feitas pelas crianças. Outra sugestão é escrever as informações mais importantes em uma cartinha e dividir a turma em dois grupos. Um representante de cada grupo irá sortear uma carta, ler as informações e fazer mímica para o seu grupo de origem. O grupo, por sua vez, deverá acertar a profissão que o colega está sugerindo através da mímica. Depois você pode fazer com a classe uma produção de texto, observando a ortografia e propondo o estudo dos textos.] Sabe o que Lélia fez? Estudou, estudou e estudou muito. Ela não desistiu. E provou para as pessoas desinformadas e preconceituosas que poderia sim, ter um bom emprego. Lélia era uma estudante muito aplicada de história e filosofia e escreveu muitos livros e artigos. Era uma ótima pesquisadora!

Em 1974, Lélia começou a participar dos movimentos que lutavam contra o preconceito a mulheres e homens negros. Foi fundadora do Movimento Negro Unificado (MNU) e participou com muito orgulho do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e do Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga. [Seria interessante conversar com as crianças a respeito do significado de um movimento e sua organização. Como as crianças poderão se organizar, com a ajuda do professor/professora, por uma causa que a classe ache justa? O que eles desejam para sua escola ou mesmo para sua classe?] Lélia não parou! Participou também da política de nosso país. Foi filiada ao Partido dos Trabalhadores – PT e ao Partido Democrático Trabalhista – PDT, e chegou a disputar eleições. Lélia tentava sempre harmonizar suas pesquisas com a luta contra o



Ilustração de roupas coloridas



racismo e a discriminação, escrevendo textos sobre a condição da mulher e do negro.

Lélia tinha orgulho de ser negra. Suas roupas eram bem coloridas e alegres, como as roupas das mulheres africanas. [Aqui você pode explorar os tipos de roupas. Uma pesquisa prévia sobre os modelos de roupas do Brasil e da África será interessante.] Em seus estudos, ela estava sempre buscando entender como viviam as pessoas negras no mundo, pois só assim acreditava que seria possível combater o racismo e mostrar para as pessoas que não podemos nos separar por causa da cor da pele ou por ser homem ou mulher. Devemos, sim, nos unir e lutar por um mundo mais justo e melhor.

Lélia nos deixou no dia 10 de julho de 1994, mas seu exemplo fica, para nos lembrar que é possível construir novas relações entre os seres humanos.

PESQUISA

Filha de pai negro e mãe índia, como gostava de lembrar, a mineira Lélia González era caçula de 14 irmãos (ou penúltima numa família de 18 irmãos, como citam alguns amigos).

Na condição de mulher, pobre (o pai era ferroviário e a mãe doméstica) e negra (apesar da herança indígena da mãe, a cor negra prevalece como marca de identidade e fonte de maior preconceito), desde cedo tem de aprender a lidar com o triplo preconceito, condição que deve tê-la impulsionado, mais tarde, para a militância e para a pesquisa em gênero e etnia.

Diz-se que só admitiu ser mineira depois que o Movimento Negro Unificado foi criado em Minas Gerais. Mudou-se para o Rio de Janeiro junto com a família, levada pelo irmão, que era jogador de futebol do Flamengo, time do qual foi torcedora fanática por toda vida.

Trabalhou cedo como babá, enquanto estudava história e

filosofia com muita dedicação. Tornou-se mestre em comunicação e antropologia, concluindo seu doutorado em antropologia política.

Antes de se tornar uma militante extrema do Movimento Negro e da causa negra em geral, Lélia passou por um período de negação da raça e de sua condição de mulher negra. A vida era difícil e o preconceito não era fácil de suportar. Por algum tempo, voltou-se para a vida espiritual e afastou-se da comunidade negra.

Casou-se com um branco, mas foi justamente nesse período que iniciou a retomada consciente de sua condição, pois sempre foi rejeitada pela família do marido. Quando este se suicidou, a psicanálise e o candomblé ajudaram-na a completar essa retomada e a se reconciliar com sua condição de mulher negra. Isso teve influência direta na sua produção acadêmica e na sua militância desse ponto em diante.

Inicia, em 1974, a sua participação em encontros com ativistas negros no Rio de Janeiro. Tratavam de avaliar a condição do negro no Regime Militar da época e produzir textos a partir dos noticiários, estudando e escrevendo também sobre o período pré-colonial na África. Isso marcou fortemente a linha futura de atuação de Lélia, dando-lhe a certeza de que sua principal tarefa seria a luta contra o racismo.

Foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e militante de organizações como o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga. Foi filiada ao Partido dos Trabalhadores – PT, por quem disputou as eleições de 1982 a uma vaga de Deputado Federal (foi primeira suplente), e ao Partido Democrático Trabalhista – PDT, por quem concorreu à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (outra vez ficou como primeira suplente).

Sempre tentou conciliar suas atividades de pesquisa com a militância em favor da causa dos negros e contra o racismo e a discriminação. Seus trabalhos sempre abordavam a condição da mulher e do negro. Assumi de tal forma essa “missão” e sua identidade como negra, que se vestia sempre com roupas coloridas africanas. Era uma incentivadora das tradições afro-brasileiras e fã de futebol e samba. Pertencia ao Grêmio Recreativo de Arte Negra e à Escola de Samba Quilombos, que valorizava as raízes do samba carioca. Ajudou a fundar o grupo Odudum, de Salvador, BA.

Cunhou o termo ‘amefricanidade’ para conceituar as experiências de afro-descendentes e ameríndios nas Américas. Negava, assim, a latinidade, reafirmando a preponderância dos elementos negro e indígena na formação do continente. Seus últimos estudos focavam a questão da cultura negra na Diáspora, ou seja, o lugar da cultura negra fora da África. Ela foi uma das militantes que mais participou de seminários e encontros fora do Brasil, sempre irrequieta e em busca de elementos para a compreensão da situação do negro no mundo. Esse entendimento era, para ela, importante para o combate ao racismo.

O combate não era só contra o racismo, evidentemente. Ela também militava pela questão de gênero, discursando incisivamente contra o sexismo. Ainda podemos sentir a força das suas palavras ecoando:

“na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da domina-

ção ...o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados ... que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.” (1983)

Infelizmente, Lélia González não está mais entre nós. Mesmo assim, seu pensamento e espírito ainda impulsionam a luta contra o racismo e o preconceito contra a mulher, inspirando aqueles que acreditam que o conhecimento serve sim para a libertação do homem.

Obras:

Livros:

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. in Silva, Luiz Antonio et alii. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília, ANPOCS, 1983, p. 225. (Ciências Sociais Hoje, 2)

----- Festas populares no Brasil. Rio de Janeiro: Index, 1987.

Alguns ensaios e artigos:

- “Mulher negra, essa quilombola.” Folha de São Paulo, Fôlhetim. Domingo 22 de novembro de 1981.
- “A mulher negra na sociedade brasileira.” In: LUZ, Madel, T., org. O lugar da mulher; estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro, Graal, 1982. 146p. p.87-106. (Coleção Tendências, 1.)
- “O movimento negro na última década.” In: GONZALEZ,

Lélia e HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1982. 115p. p.9-66. (Coleção 2 Pontos, 3.)

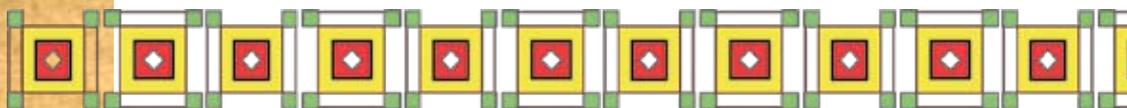
- “Racismo e sexismo na cultura brasileira.” In: SILVA, Luiz Antônio Machado et alii. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília, ANPOCS, 1983. 303p. p.223-44. (Ciências Sociais Hoje, 2.)
- “La femme noire dans la société brésilienne.” Recherche: Pédagogie et Culture. Paris, 64: 33-6, oct/déc. 1983.
- “The Unified Black Movement: a new stage.” In: FONTAINE, Pierre-Michel, ed. Race, class and power in Brazil. Los Angeles, Center for Afro-American Studies, 1985. 160p. p.120-34. (CCAS Special Publications Series, 7.)
- “O terror nosso de cada dia.” Raça e Classe. (2): 8, ago./set. 1987.
- “A categoria político-cultural de amefricanidade.” Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, (92/93): 69-82, jan./jun. 1988.
- “As amefricanas do Brasil e sua militância.” Maioria Falante. (7): 5, maio/jun. 1988.
- “Nanny.” Humanidades, Brasília, (17): 23-5, 1988.
- “Por um feminismo afrolatinoamericano.” Revista Isis Internacional. (8), out. 1988.
- “A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social.” Raça e Classe. (5): 2, nov./dez. 1988.
- “Uma viagem à Martinica - I.” MNU Jornal. (20): 5, out./nov./dez. 1991.







Luiz Gama



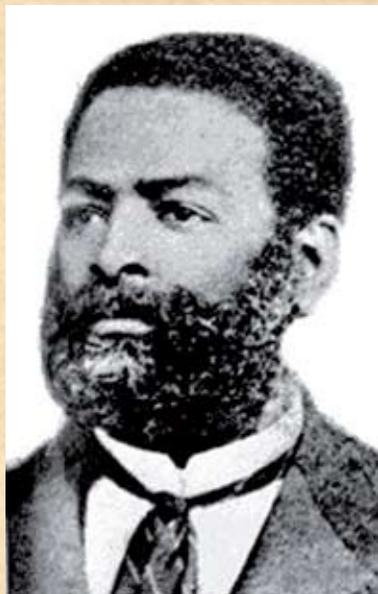
Nome do Personagem: LUÍZ GAMA

Nome completo: Luíz Gonzaga Pinto da Gama

Filiação: Luísa Maheu (ou Mahin) [Africana] e um fidalgo português [cuja identidade jamais permitiu revelar]

Nascimento: Salvador - BA, em 21 de julho de 1830

Falecimento: São Paulo - SP, em 24 de agosto de 1882



Há certo tempo atrás, homens, mulheres e crianças negras foram arrancados de seus países, no continente Africano, e trazidos contra a vontade deles para o Brasil. Ao chegarem aqui foram obrigados a trabalhar em fazendas sem receber nenhum dinheiro para isso. Mas não pense que os homens, mulheres e crianças negras ficaram vendo tudo isso acontecer e não fizeram nada. Pelo contrário, eles lutaram com todas as forças que tinham para serem tratados com respeito e dignidade.

[É interessante tratar da escravidão no Brasil de forma a ressaltar a luta dos africanos e africanas em terras brasileiras. A imagem de um povo passível não condiz com a realidade do povo africano. As crianças têm o direito de saber sobre esta realidade. Elas podem pesquisar sobre as versões da escravidão no Brasil e comparar. Podem também fazer um relatório contando o que acham certo e errado na história. Aqui também você tem a oportunidade para trabalhar as questões de geografia relacionadas com o continente americano e africano]

Na história de hoje, vamos conhecer um homem que lutou contra a escravidão e o preconceito no Brasil. Seu nome é Luíz Gama. O dia 21 de julho de 1830 foi um dia especial para dona Luísa, para a cidade de Salvador e para o seu pai português, cujo nome não foi contado para

ALFORRIA

Liberdade concedida ao escravo; manumissão;

AMANUENSE

*1. Escrevente, copista;
2. Funcionário público de condição modesta que fazia a correspondência e copiava ou registrava documentos;*

ninguém. Sua mãe, dona Luísa, fazia doces maravilhosos, ela era uma quitandeira. [Temos aqui uma excelente oportunidade de aprender culinária com as mães e avós da comunidade. As crianças poderão fazer uma pesquisa em casa dos doces preferidos da família, anotando as receitas. Em classe a professora poderá compartilhar e comparar as receitas. A turma poderá fazer um livro de receitas da comunidade. Podem dividi-lo em receitas doces ou salgadas. Uma das receitas poderá ser escolhida e feita na escola, para ser degustada em classe ou ofertada as famílias. As crianças também podem produzir um texto explicativo sobre a receita e colocar junto ao doce ou prato salgado. Pode-se fazer uma noite de autógrafos do livro de receitas da comunidade!] Toda Salvador conhecia seus doces gostosos e a sua luta contra a escravidão. Por não aceitá-la, foi presa muitas vezes. Um dia, dona Luísa foi acusada de participar da Sabinada, uma revolução contra o império. O desejo deles era separar a cidade de Salvador dos demais estados do Brasil. Por causa disso, o imperador ficou bravo e brigou com muita gente. Dizem que mandaram dona Luísa para o Rio de Janeiro e que Luís Gama, então com 10 anos de idade, foi vendido como escravo para um comerciante paulista que morava no Rio de Janeiro.

Luís foi criado como escravo doméstico. Aprendeu a lavar, passar. Em 1847, quando tinha 17 anos, ele conheceu um jovem chamado Antônio Rodrigues de Araújo, que o ensinou a ler e escrever. Imagine a sua alegria! Agora ninguém poderia enganá-lo, pois tinha aprendido a ler e a escrever! Foi aí que ele percebeu que pela lei não poderia ser mais escravo. Assim, juntou documentos e provou que já tinha nascido um homem livre!

Seus amigos o ajudaram muito! Em 1848, ele conhece o delegado Furtado, que o ajuda nos estudos como advogado. Os livros nos quais Luís Gama estudava era trazidos pelo delegado Furtado! Que amigo legal, não é?

O ano de 1850 também foi especial. Luís Gama casa-se com Claudina Sampaio e no ano seguinte nasce seu primeiro filho, Benedito Graco Pinto da Gama. Oito anos

NAÇÃO CONGO

(vide verbete NAÇÃO NAGÔ) – Nação Congo indica a região de onde viriam certos negros africanos. Diz mais respeito à localização territorial do que uma unidade étnica.

RÁBULA

Indivíduo que advoga sem possuir o diploma.

depois, outro momento especial: Luís Gama escreveu seu único livro, “*Primeiras trovas burlescas de Getulino*”, graças a muitos amigos que o protegeram e fizeram com que um ex-escravo pudesse expressar publicamente o que sentia em relação à escravidão. Luís Gama teve o prazer de trabalhar como redator e colaborador em muitos jornais. [As crianças poderão confeccionar o jornal da classe ou da comunidade.]

Você acha que Luís havia esquecido de seus amigos? Não mesmo. Por conhecer as leis, ele ajudava outros escravos a se tornarem pessoas livres. Com sua habilidade com as leis, mais de mil escravos conseguiram a liberdade. Uma vez, Luís Gama perdeu um importante emprego por defender um escravo chamado Jacinto, que havia chegado ao Brasil quando a escravidão já havia acabado formalmente no país.

Luís Gama nos deixou com 52 anos, no dia 24 de agosto de 1882, nos mostrando que, com perseverança, podemos alcançar nossos sonhos!

PESQUISA

Como se sabe, o século XIX foi tenso para os escravagistas. No Brasil, a pressão da Inglaterra pelo fim do comércio de escravos incluía ações de fiscalização e repressão, no mar, daqueles que teimassem continuar com o negócio. As motivações dos ingleses e a verdadeira história do fim do tráfico não são simples de abordar. Por agora, basta lembrar que a partir do século XVIII, a prática de alforriar escravos era possível e bastante praticada, o que não quer dizer que os libertos tivessem realmente como usufruir de sua liberdade em plenitude numa sociedade ainda escravocrata. Luís Gama nasceu em 1830, filho de uma africana livre, da nação nagô. Seu pai era um fidalgo de origem portuguesa, cujo nome Luís Gama jamais permitiu revelar. Sabe-se apenas que o pai pertencia a uma das principais famílias da Bahia.

Da mãe, temos mais informações. Livre, ganhava a vida como quitandeira. No entanto, essa africana nascida na **Costa da Mina** era bem conhecida na cidade de Salvador por se envolver constantemente com planos de insurreições de escravos. Por esse motivo, foi detida muitas vezes.

Acusada de ter participação na Sabinada, algumas fontes dizem que foi deportada para o Rio de Janeiro, outras que ela teria fugido quando foi descoberto pela polícia mais um plano de insurreição. O fato é que ele ficou nas mãos do pai que o vendeu ilegalmente como escravo para cobrir dívidas de jogo.

Em 1840, com 10 anos de idade, foi comprado no Rio de Janeiro por um comerciante paulista. Em São Paulo, o comerciante

não conseguiu vendê-lo para nenhum fazendeiro. O fato é que, por ser baiano, foi rejeitado. Os baianos tinham fama de insolentes e insubordinados, envolvidos com articulações e revoltas escravas.

Como não foi vendido, tornou-se um escravo doméstico, permanecendo na residência do Alferes Antônio Pereira Cardoso, seu proprietário (os escravos eram como peças, mercadorias). Ali aprendeu todos os ofícios de um escravo doméstico: lavar, passar, engomar, trabalhar como sapateiro ou copeiro.

Com dezessete anos, em 1847, Luís Gama aprendeu a ler e escrever com o jovem Antônio Rodrigues de Araújo, um hospede na casa do Alferes que havia se tornado seu amigo. Esta ação foi um grande serviço à causa

aboliconista, já que Luís Gama, a partir daí, tornou-se consciente da ilegalidade de sua condição e fugiu no ano seguinte. Ele não apenas fugiu, mas reuniu provas de sua condição de homem livre e provou judicialmente que havia nascido livre. Não se sabe exatamente como isso foi feito ou quais foram as circunstâncias.

No ano de 1848, ele se inscreveu nas milícias, na Força Pública de São Paulo. Obteve a simpatia do delegado de polícia daquela capital, o Conselheiro Furtado de Mendonça, que, posteriormente, acolheu Luís Gama como amanuense da Secretaria de Polícia.

Em 1850, se casou com Claudina Sampaio. No ano seguinte nasceu o seu filho, Benedito Graco Pinto da Gama.

Em 1859, graças à proteção de muitos amigos, publicou sua única obra: *“Primeiras Trovas Burlescas de Getulino”*, na qual se expressava publicamente quanto aos seus sentimentos em relação à escravidão. Suas idéias políticas e sociais tornaram-se mais fortes. Luís participou da criação do Partido Republicano Paulista e a ele manteve-se ligado até a morte.

Foi fundador e redator, entre 1864 e 1865, do jornal *Diabo Coxo*, ilustrado pelo italiano *Angelo Agostini* e considerado marco da imprensa humorística em São Paulo. De 1864 a 1875 foi também colaborador dos jornais *Ipiranga*, *Cabrião*, *Coroaci* e *O Polichileno*. Em 1869, fundou o jornal *Radical Paulistano*, junto com Rui Barbosa.

Autodidata, graças ao auxílio do delegado Furtado de Mendonça, Luís teve acesso a livros

e chegou a cursar direito na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Desistiu do curso, mas não da profissão. Após ser demitido do emprego de amanuense por motivos políticos, firmara-se como advogado provisionado, ganhando a vida como rábula, na defesa principalmente de causas da liberdade. Ele oferecia seus serviços gratuitamente a qualquer escravo que pretendesse pleitear sua liberdade na Justiça. E assim, apoiado pela Loja Maçônica abolicionista à qual pertencia e ajudou a fundar, em 1869, transformou essa na missão da sua vida: levar aos tribunais causas cíveis de liberdade.

Contabiliza-se que tenha sido, sozinho, responsável pela libertação de mais de mil cativos, sempre com o uso da lei, o que torna o feito ainda mais notável.

Um caso importante, e motivo de sua demissão como amanuense da política, foi o do escravo Jacinto. Este era um africano da nação Congo que dizia ter chegado ao Brasil em um navio negreiro em 1848, mesmo ano em que foi levado para Minas Gerais como escravo. Na fazenda em que foi incorporado, casou-se com outra Africana, de nome Ana, que também veio ao Brasil em um navio negreiro em 1850. Ou seja, Jacinto e Ana, juntamente com todos os outros escravos comprados junto com eles, faziam parte de um enorme grupo de “mercadoria” ilegal, já que desde 1831 estava proibida a importação de escravos africanos para o Brasil, conforme a lei de 7 de novembro.

Consciente da ilegalidade, o senhor dos escravos, não querendo

do correr o risco de perder seus escravos, decidiu vendê-los. Levou-os, sob forte segurança, todos amarrados, para Amparo. Jacinto fugiu e foi procurar Luís Gama em São Paulo. Assim, o advogado pleiteou em juízo o direito à liberdade de Jacinto, de Ana, dos seus dez filhos e de seus dois netos.

A resposta do juiz foi curta, dizendo-se incompetente para tal julgamento. Após nova tentativa frustrada, Luís Gama iniciou uma série de protestos nos jornais. Nesses protestos, foi duro com o juiz, Rego Freitas, de quem reclamou uma “crassa ignorância” em matéria jurídica. Advertiu-o de que tal despropósito o obrigaria a continuar insistindo e voltando à presença do magistrado quantas vezes fosse necessário para que aquele juiz cumprisse seu dever.

Isso lhe custou o emprego, como vimos acima, mas teve o mérito de tornar pública a história de Jacinto e a defesa da aplicação da lei de 1831, propoitalmente esquecida.

NAÇÃO NAGÔ

Durante as intensas atividades de tráfico escravo, os traficantes utilizavam termos para identificar as diversas “nações” ou grupos étnicos africanos a que pertenciam os negros escravizados. Entre outros, nagôs, angolas, jejes e fulas, que indicavam, na realidade, um conjunto de tribos, e não apenas um único grupo, ligados mais à localidade do que à afinidade cultural e parentesco. Assim, designava-se de Nagô o iorubano ou a todo negro da Costa dos Escravos que falava ou entendia o loruba. No Daomé, é o nome dado, pelos franceses, ao iorubano: do efé anagô.

O advogado da morreu cedo, aos 52 anos, deixando de herança o exemplo de como sair da condição de escravo e chegar a ser uma das principais vozes contra o escravismo. Tornou-se homem público, jornalista ativo, militante incansável pela causa do negro. Aliou-se à elite branca e letrada, mas jamais deixou que esquecessem sua origem de escravo e de sua cor.

Eis algumas idéias de Luís Gama:

- “O escravo que mata o seu senhor pratica um ato de legítima defesa.”
- “Mas nossos críticos se esquecem que essa cor é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam; que essa cor convencional da escravidão, tão semelhante à da terra, abriga sob sua superfície escura, vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade.”
- “Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime.”

SABINADA

Movimento autonomista ocorrido na Bahia entre 1837 e 1838, durante o período da Regência. Setores políticos da província ligados aos liberais radicais e à Maçonaria defendem os ideais federativos contra o centralismo monárquico. Aproveitando a reação popular contra o recrutamento militar imposto pelo Governo Regencial para combater a Revolta dos Farroupilhos, iniciam a luta em favor da separação temporária da Bahia do resto do império.

Liderada pelo médico Francisco Sabino da Rocha Vieira, a rebelião começa em Salvador, em 7 de novembro de 1837. Apesar de pretender estender-se a toda a província, a revolta acaba restringindo-se à capital e a algumas localidades próximas. Também não obtém o apoio esperado entre as camadas populares e entre os influentes senhores de engenho. Mesmo assim, os “sabinos” denunciam a ilegitimidade do regime da Regência e proclamam a República, prevista para durar até a maioria legal do imperador. Conseguem tomar vários quartéis na capital baiana, mas são cercados por terra e por mar pelas tropas legalistas e derrotados em março de 1838. Muitos morrem nos combates. Três líderes são executados e outros três deportados. Sabino Vieira é confinado na província de Mato Grosso.



Mãe Menininha



Nome do Personagem: MÃE MENININHA
Nome completo: Maria Escolástica da Conceição Nazaré
Filiação: Maria dos Prazeres Nazaré
Nascimento: Salvador, 10 de fevereiro de 1894
Falecimento: Salvador, 13 de agosto de 1986



Maria Escolástica da Conceição Nazaré, Mãe Menininha, nasceu em Salvador [Que tal aproveitar a oportunidade para trabalhar com mapas e propor uma conversa sobre as regiões brasileiras e seus costumes?] no dia 10 de fevereiro de 1894. Era bisneta da ialorixá africana Maria Júlia da Conceição Nazaré, fundadora do terreiro **Alto do Gantois** (Ilê Iáomi Axé la Massê = Casa da Mãe das Águas). O nome Gantois veio da família francesa com a qual a família de Maria Júlia morou desde a década de 1870. [Que tal confeccionar junto com a classe um dominó com as palavras africanas e seus significados? De um lado da peça estaria uma palavra africana e do outro o significado de uma segunda palavra. Assim a criança associará a palavra em africano ao significado.]

A sucessão no terreiro era por dinastia e herança genética. [Neste ponto do texto temos a oportunidade de propor o estudo do significado de sucessor e antecessor, utilizando os nomes dos parentes da Mãe Menininha. A classe pode montar inicialmente uma árvore genealógica da personagem. Depois, cada criança, com o auxílio do educador, poderá investigar e montar a árvore genealógica de cada um da classe.] Depois da morte da ialorixá Maria Júlia, sua filha, Pulquéria da Conceição Nazaré, tia de Menininha, assumiu os trabalhos da casa. Depois dela, a sucessora natural seria a mãe de Menininha, Maria dos Prazeres Nazaré, mas ela morreu antes de assumir. Assim, o terreiro ficou sob os cuidados de Maria da Glória Nazaré, mas ela só pôde dirigir o Gantois por dois anos. Diante de tantas perdas importantes, Menininha se afastou um pouco dos trabalhos, freqüentando o Gantois apenas durante poucas cerimônias.

IALORIXÁ

Denominação que no Brasil se dá à sacerdotisa-chefe de uma comunidade-terreiro. O mesmo que mãe-de-santo. Do ioruba iyálorisa.

IORUMBÁ

É a língua dos lorubás ou lorubas, de origem iorubana.

Em fevereiro de 1922, quando tinha apenas 28 anos de idade, Menininha participou de uma cerimônia na qual celebrava-se um ritual em memória de Pulquéria, sua madrinha. Nesta ocasião, foi designada, pelos orixás, para ocupar a direção do terreiro.

Como ialorixá, teve de exercer, apesar da pouca idade, o papel duplo de sacerdotisa do templo e orientadora da comunidade. Viveu tempos sombrios, nos quais o Candomblé foi perseguido duramente. Preservou com firmeza o culto aos *orixás* nagôs, sendo reconhecida por seu carisma e sabedoria, delicadeza e doçura. Tornou-se uma das mais famosas ialorixás do Candomblé, mas não antes de enfrentar perseguição, prisão e violência por parte da polícia e das autoridades, inclusive judiciais, que estavam determinadas a até mesmo eliminar a religião.

Menininha é reconhecida também por defender a preservação histórica dos locais onde se localizavam os primeiros terreiros em Salvador, como os do Engenho Velho e de Casa Branca. **[Neste ponto da história você poderá explorar junto com as crianças quais são os locais, costumes e danças que precisam ser preservados na comunidade e que não podem ser esquecidos. Para isso, que tal promover um encontro entre as crianças e os idosos da comunidade? Preparar, em parceria com as crianças, uma forma de registrar e ilustrar os relatos e organizar uma festa onde esses costumes sejam lembrados e ensinados aos mais novos.]** Assim, entre resistência e conciliação, Mãe Menininha do Gantois foi uma das maiores responsáveis pela aceitação e dignificação do Candomblé no Brasil.

Lembrada também por seu prestígio junto à Igreja Católica e por apoiar, como madrinha, inúmeros grupos sociais (por exemplo, os *Filhos de Gandhi*), Mãe Menininha tornou-se referência da religiosidade afro-brasileira, sendo homenageada por muitas personalidades, poetas e artistas de toda sorte, além de ser fonte de inspiração para uma infinidade de pesquisadores(as) até os dias de hoje.

IORUMBÁS

Povo da África ocidental, que constituem um dos três maiores grupos étnicos da República da Nigéria.

NAGÔ

No Brasil, é como se tornaram conhecidos africanos advindos da Iorubalândia. Designaria, segundo R. C. Abrahams, os Iorubas de Ipô Kiyá, localizada na província de Abeokutá, entre os quais viveriam, também, alguns representantes do povo popo, do antigo Daomé.

ORIXÁ

Na tradição iorubana, cada uma das entidades sobrenaturais, forças da natureza emanadas de Olorum ou Olofin, que guiam a consciência dos seres vivos e protegem as atividades de manutenção da comunidade. No Brasil, as religiões que cultuam os orixás tem influência principalmente dos jeje-iorubanos. Essas religiões tem nomes diferentes dependendo da região: candomblé, xangô, batuque, tambor de mina etc.

PESQUISA

Bisneta da ialorixá africana Maria Júlia da Conceição Nazaré, que fundou o Gantois (Ilê Iáomi Axé la Massê = Casa da Mãe das Águas), foi iniciada no candomblé por sua tia, Pulquéria da Conceição Nazaré, aos 8 anos de idade. 'Menininha' foi o apelido dado pela tia, que é também sua madrinha e antecessora.

O nome Gantois vem da família francesa a que pertencia à propriedade aonde viria se instalar sua família desde a década de 1870. Ali, sua bisavó fundou o terreiro **Alto do Gantois**.

A sucessão no terreiro era por dinastia e herança genética, motivo pelo qual, após a morte da ialorixá Maria Júlia, sua filha Pulquéria da Conceição Nazaré, tia de Menininha, assumiu os trabalhos. Depois dela, a sucessora natural seria a mãe de Menininha, Maria dos Prazeres Nazaré, mas ela faleceu antes de assumir. Assim, Maria da Glória Nazaré assumiu, mas só

pôde dirigir o Gantois por dois anos. Diante de tantas perdas importantes, Menininha havia se afastado um pouco dos trabalhos, freqüentando o Gantois apenas durante algumas poucas cerimônias.

Em fevereiro de 1922, quando tinha apenas 28 anos de idade, participou de uma cerimônia na qual celebrava-se um ritual em memória de sua madrinha. Neste dia Menininha foi designada, pelos orixás, para ocupar a direção do terreiro.

Como ialorixá, teve de exercer, apesar da pouca idade, o papel duplo de sacerdotisa do templo e orientadora da comunidade. Viveu tempos sombrios, nos quais o candomblé foi perseguido duramente. Preservou com firmeza o culto aos orixás nagôs, sendo reconhecida por seu carisma e sabedoria, delicadeza e doçura. Tornou-se a mais famosa ialorixá do candomblé, mas não antes de enfrentar perseguição, prisão e violência

por parte da polícia e das autoridades, inclusive judiciais, que estavam determinadas até mesmo a eliminar o candomblé.

Menininha é reconhecida também por defender a preservação histórica dos locais onde se localizavam os primeiros terreiros em Salvador, como os do Engenho Velho e de Casa Branca. Assim, entre resistência e conciliação, Mãe Menininha do Gantois foi uma das maiores responsáveis pela aceitação e dignificação do candomblé no Brasil.

Lembrada ainda por seu prestígio junto à Igreja Católica e por apoiar, como madrinha, inúmeros grupos sociais (por exemplo, os *Filhos de Gandhi*), Menininha tornou-se referência da religiosidade afro-brasileira, sendo homenageada por muitas personalidades, poetas e artistas de toda sorte, além de ser fonte de inspiração para uma infinidade de pesquisadores até os dias de hoje.



Mãe Senhora



Nome do Personagem: MÃE SENHORA
Nome completo: Maria Bibiana do Espírito Santo
Filiação: Claudiana da Silva e Felix do Espírito Santo
Nascimento: Freguesia da Sé, Salvador, 31 de março de 1900
Falecimento: Salvador, 22 de janeiro de 1967



Maria Bibiana, a mãe Senhora, nasceu no dia 31 de março de 1900 em Salvador. **[Que tal propor aos alunos uma pesquisa sobre hábitos e costumes datados de 1900? As crianças podem estudar sobre as invenções do início do século, realidade social etc]** Infelizmente não sabemos muitos detalhes de sua infância, mas alguns escritores acham que ela foi iniciada no Candomblé, entre os 07 e 09 anos de idade por mãe Aninha. Mãe Aninha era filha-de-santo de Marcelina Obatossi, bisavó de Mãe Senhora.

Mãe Aninha é a fundadora do Axé Opô Afonjá, localizado em São Gonçalo do Retiro, Salvador. O Opô Afonjá é uma grande referência do Candomblé no Brasil e no mundo. Em 1939, com a morte de Mãe Aninha, Mãe Senhora foi escolhida como sua sucessora nos encargos desse terreiro, com o título de *Iyalaxé Opô Afonjá* (mãe do Axé Opô Afonjá). Mãe Aninha era uma líder respeitada e conhecida por sua sabedoria e pelo zelo do culto. Amiga de intelectuais, pesquisadores e ativistas políticos, tinha a admiração de personalidades tão importantes quanto Roger Bastide ou Jorge Amado. **[Que tal uma pesquisa sobre as nossas personalidades e os personagens importantes para a nossa história que não destacamos no jogo?**

ALAGBA

Sacerdote responsável pelo culto de egum; o chefe.

AXÉ (ÀSE)

Poder de realização através de força sobrenatural; significa também "assim seja", e é usado, ainda, para designar o terreiro, a roça (ex.: Axé do Opô Afonjá)

AIÊ (AIYÊ)

Mundo dos vivos, a terra, o aqui.

EGUM (ÉGUN OU EGÚNGÚN)

Ancestral; espírito dos mortos.

IALOXIRÁ

Denominação que no Brasil se dá à sacerdotisa-chefe de uma comunidade-terreiro. O mesmo que mãe-de-santo. Do ioruba iyálorisa.

Com a pesquisa você poderá trabalhar a escrita e desenvolvimento de um texto descritivo ou biográfico. Em um primeiro momento, as crianças escolhem um dos personagens pesquisados e fazem uma biografia. Em seguida, será a vez de cada criança escrever um pouco de sua história para ser compartilhada com a classe. As crianças poderão fazer um auto retrato para expor junto com sua biografia.] Mãe Senhora estava predestinada a esse encargo, sua dedicação era especial. Ela amava o que fazia e tinha no cuidado com a tradição e com as pessoas uma de suas grande características.

Não é também sem razão que, em agosto de 1952, o rei dos lorubás, *Alafin de Oyo*, da Nigéria, enviou-lhe o título honorífico de *Iya Nassô*, que é destinado, em Oyo, à sacerdotisa encarregada do culto de Xangô. Sim, pois mãe Senhora foi sempre fiel ao culto de Xangô e não deixou jamais de dar seguimento às celebrações e festas tradicionais estabelecidas por Mãe Aninha.

Mãe Senhora foi importante também para outros terreiros e para outros cultos. Ela teve contato com a comunidade do culto dos eguns de Ponta de Areia e exerceu naquela comunidade grande liderança. Recebeu, no culto dos *eguns*, o título de *Iya Egbé*, o mais elevado dado a uma mulher. Seu vínculo com o Ilê Agboulá jamais cessou; Mãe Senhora permaneceu como fonte de assistência espiritual e de lá recebeu muitos filhos e filhas “adotivos”, que fizeram sua iniciação no Opô Afonjá.

Mãe Senhora tem um papel importante no que pode ser considerado a religião das relações religiosas entre a África e a Bahia. [A partir deste trecho temos a oportunidade de estudar um pouco mais a história da África. O que você acha?]. Ela manteve um intercâmbio permanente de presentes e mensagens com reis e personalidades na África. Não foi também sem merecimento que, em 1966, recebeu do Governo de Senegal a comenda do “Cavaleiro da Ordem do Mérito” pelos “relevantes serviços prestados na preservação da cultura africana no Novo Mundo”.

IA NASSÔ (ÌYÁ NÀSÓ)

Sacerdotisa do culto de Xangô, no palácio de Oió (Nigéria).

IAÔ (IYÁWÓ)

Filha-de-santo recém iniciada ou que não cumpriu ainda as obrigações de três anos de iniciação.

IBÓ (IGBÓ)

Adoração; casa onde se veneram os mortos em terreiro de orixá – Ilê Ibó.

ILÊ (ILÉ)

Casa.

IORUBÁ

É a língua dos lorubás ou lorubas, de origem iorubana.

IORUBÁS

Povo da África ocidental, que constitui um dos três maiores grupos étnicos da República da Nigéria.

IYÁ AGBA (IYÁ ÁGBA)

“Mãe superior”, a mais velha, a sábia.



Em 1965, ela já havia recebido o título de “Mãe Preta do Brasil”, tendo sido aclamada por comunidades religiosas afro-brasileiras que lotaram o Maracaná, no Rio de Janeiro, junto com uma infinidade de jornalistas e políticos.

Continuando a tradição de Mãe Aninha, Mãe Senhora recebeu durante anos no Opô Afonjá personalidades de todo o país e do exterior, mantendo a ligação do terreiro com pesquisadores, escritores e artistas, colocando-os em contato com a cultura popular de raízes africanas. Alguns exemplos de peso são Zélia Gattai, Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Muniz Sodré e Pierre Verger.

Mãe Senhora morreu no dia 22 de janeiro de 1967. Morreu de repente, como costuma acontecer com todos os membros de sua família. Deixou saudades e um grande exemplo a ser seguido.

PESQUISA

Maria Bibiana do Espírito Santo nasceu em 31 de março de 1900, na Ladeira da Praça, em Salvador. Não se tem muita informação sobre a vida de Maria Bibiana desde seu nascimento até os sete anos, quando se sabe que foi iniciada no Candomblé (alguns autores consideram 8 ou 9 anos a idade mais correta) por mãe Aninha (*Obá Biyi*) – Eugênia Anna dos Santos, em 1907. Mãe Aninha era filha-de-santo de Marcelina *Obatossi*, bisavó de Maria Bibiana.

Mãe Senhora está ligada, portanto, familiar e espiritualmente, à Marcelina da Silva, conhecida como *Obatossi*. Era bisneta por laços de sangue e neta pelos laços espirituais da iniciação (VERGER, 1995). Apesar da pouca informação sobre *Obatossi*, sabe-se que numa viagem a *Keto*, na África, a filha que acompanhava Marcelina, de nome Madalena, voltou grávida da mãe de Maria Bibiana, Claudiana. Assim remete-se a descendência a uma tradicional família da nação *Axé de Ketu*.

Mãe Aninha é fundadora do *Axé Opô Afonjá*, localizado em São Gonçalo do Retiro. Conhecida como *Oba biyi*, ela era filha-de-santo de Marcelina *Obatossi*, avó de Maria Bibiana. Em 1939, com a morte de Mãe Aninha, Mãe Senhora, nessa época já *Oxum Muiwá*, será escolhida como sua sucessora, nos encargos desse terreiro, com o título de *Iyalaxé Opô Afonjá* (mãe do *Axé Opô Afonjá*). Não deve ter sido à-toa tal escolha. Mãe Aninha era uma líder respeitada e conhecida por sua sabedoria e pelo zelo do culto. Amiga de intelectuais, pesquisadores e ativistas políticos, tinha a admiração de personalidades tão importantes quanto Roger Bastide ou Jorge Amado. Mãe Senhora estava predestinada a esse encargo, dotada que era da dedicação e competência necessárias.

Não é também sem razão que, em agosto de 1952, o rei dos *lorubás*, *Alafin de Oyo*, da Nigéria, enviou-lhe o título honorífico de *Iya Nassô*, que é destinado,

em *Oyo*, à sacerdotisa encarregada do culto de *Xangô*.

Sim, pois mãe Senhora foi sempre fiel ao culto de *Xangô* e não deixou jamais de dar seguimento às comemorações e festas tradicionais estabelecidas por Mãe Aninha. Mais que isso, mãe Senhora mostrava fé inabalável em *Xangô* e nada se realizava no *Axé* sem consulta prévia àquele. Sua dedicação ao *orixá* de sua mãe-de-santo era maior que a seu próprio *orixá*, a quem chamava carinhosamente de “meu anjo da guarda”. Também mantinha longos diálogos com sua mãe-de-santo, o que impressionava a todos.

Mãe Senhora foi importante também para outros terreiros e outros cultos. Ela teve contato com a comunidade do culto dos eguns de Ponta de Areia e exerceu naquela comunidade grande liderança. Recebeu, no culto dos eguns, o título de *Iya Egbé*, o mais elevado dado a uma mulher. O vínculo com o *Ilê Agboulá* jamais cessou, para

quem Mãe Senhora permaneceu como fonte de assistência espiritual e de quem recebeu muitos filhos e filhas “adotivos(as)”, que fizeram sua iniciação no *Opô Afonjá*.

Mãe Senhora tem um papel importante no que pode ser considerado o reinício das relações religiosas entre a África e a Bahia. Ela manteve um intercâmbio permanente de presentes e mensagens com reis e personalidades da seita na África. Não foi também sem merecimento que, em 1966, recebeu do Governo de Senegal a comenda do “*Cavalheiro da Ordem do Mérito*”, pelos “relevantes serviços prestados na preservação da cultura africana no Novo Mundo”.

Em 1965, ela já havia recebido o título de “*Mãe Preta do Brasil*”, tendo sido aclamada pelas comunidades religiosas afro-brasileiras, que lotaram o Maracanã, no Rio de Janeiro, junto com uma infinidade de jornalistas e políticos.

Continuando a tradição de Mãe Aninha, Mãe Senhora recebeu durante anos no *Opô Afonjá* personalidades de todo o país e do exterior, mantendo a ligação do terreiro com pesquisadores, escritores e artistas, colocando-os em contato com a cultura popular de raízes africanas. Alguns exemplos de peso são Zélia Gattai, Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Muniz Sodré e Pierre Verger.

Mãe Senhora morreu no dia 22 de janeiro de 1967. Morreu de repente, como acontece com todos os membros de sua família. Deixou mais que saudades; deixou um vazio difícil de preencher, cheio da mesma responsabilidade a ser assumida por quem lhe sucedesse, como a que lhe deixou um dia mãe Aninha.

IYÁ EGBÉ

Líder feminino de uma associação de uma comunidade.

NAGÔ

No Brasil, é como se tornaram conhecidos africanos advindos da Iorubalândia. Designaria, segundo R. C. Abrahams, os Iorubas de Ipó Kiyà, localizados na província de Abeokutá, entre os quais viveriam, também, alguns representantes do povo popo, do antigo Daomé.

OGUM (ÒGÚN)

Orixá da guerra e da caça, divindade do ferro.

OIÊ (OYÈ)

Título hierárquico, cargo.

OJÉ (ÒJÈ)

Sacerdote do culto dos eguns.

ORIXÁ

Na tradição Iorubana, cada uma das entidades sobrenaturais, forças da natureza emanadas de Olorum ou Olofin, que guiam a consciência dos seres vivos e protegem as atividades de manutenção da comunidade. No Brasil, as religiões que cultuam os orixás têm influência principalmente dos jeje-Iorubanos. Essas religiões têm nomes diferentes dependendo da região: candomblé, xangô, batuque, tambor de mina etc.

OXUN MIWÁ (OU MUIWÁ)

“Oxum trouxe o louvor”; uma designação de Oxum.

OXUM (ÒSUN)

Orixá das águas doces e dos metais nobres, rege a fertilidade e a prosperidade.







Milton Santos

Nome do Personagem: MILTON SANTOS

Nome completo: Milton de Almeida Santos

Filiação: Adalgisa Umbelina de Almeida Santos e Francisco Irineu dos Santos

Nascimento: Brotas de Macaúbas, Chapada Diamantina - Bahia, em 03 de maio de 1926

Falecimento: São Paulo, SP, em 24 de junho de 2001



Você já observou a sua escola? Já percebeu quantas coisas bonitas há ao seu redor? **[Antes de iniciar a história, você pode sugerir um passeio ao redor da escola, levando os estudantes para um lugar agradável.]** Hoje vamos conhecer mais uma pessoa especial, que observava e pesquisava o mundo a sua volta e escreveu vários livros de Geografia. O nome desta pessoa é Milton Santos.

Milton Santos nasceu em Brotas de Macaúbas, na Chapada Diamantina, Bahia, em 03 de maio de 1926. Ainda criança, aprendeu a falar francês com seus pais. **[Você pode incentivar o uso de outras línguas, como o inglês, francês ou espanhol, ao usar algumas expressões nestas línguas para deixar as crianças curiosas quanto**

a outras formas de comunicação.] Milton gostava muito de estudar. Quando se tornou um jovem, formou-se em Direito, pela Universidade Federal da Bahia, mas o que ele amava mesmo era a Geografia. Ele continuou seus estudos e fez doutorado em Geografia pela Universidade de Estrasburgo, na França. Quando voltou para o Brasil, Milton foi ser professor na Universidade Federal da Bahia. Lá ele sonhou e tornou real a construção de um laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais **[Que tal verificar com as crianças quais seriam os possíveis significados das expressões Geomorfologia e Estudos Regionais, apresentando-lhes, depois, seu real significado?]**, que durante muito tempo ajudou diversas pessoas a entenderem a Geografia do estado da Bahia. Deste laboratório saíram grandes estudiosos da Geografia Brasileira.

Milton Santos fez muitas atividades em sua vida. Nessa época, escreveu vários livros sobre Geografia, tais como “O Povoamento da Bahia” (1948), “O

futuro da Geografia” (1953) e “Zona do Cacau” (1955). [Você poderá propor, em um segundo momento, um livro individual ou coletivo feito pelas crianças, com capa e demais orientações.] Escreveu também para o jornal “A Tarde” e trabalhou no Governo Jânio Quadros, até que ocorreu, no Brasil, o Golpe Militar de 1964. [Que tal abordar o que foi o golpe militar? O incentivo à pesquisa é interessante e empolgante para as crianças.] E Milton Santos, assim como muitas outras pessoas, foi preso e teve que morar longe do nosso Brasil. Isso era muito triste, ter que deixar nossa terra e as pessoas que são amadas por nós.

Apesar de Milton Santos ter ficado um pouco triste, seus amigos na França o incentivaram a escrever e falar de suas idéias para as pessoas. Durante este tempo, Milton Santos lecionou na França, nos Estados Unidos, Canadá, Peru, Venezuela e Tanzânia. [Para enriquecer a história, você pode ir mostrando os países no mapa.] Ele estava preocupado com o bem estar das pessoas nos seus países, e dava sugestões de como poderiam viver melhor.

Em 1977, Milton Santos volta ao Brasil. Foi uma alegria imensa para todos que o amavam! Todo o mundo conhecia Milton Santos, o grande geógrafo! Ele começou a trabalhar novamente em 1979 como professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e, em 1984, na Universidade de São Paulo. Milton Santos contribuiu muito com os seus estudos para o nosso país.

PESQUISA

Milton Santos é um dos intelectuais brasileiros de maior projeção internacional. Incentivado pelos pais, teve nos estudos e espírito de pesquisa um poderoso aliado para sua projeção.

Aprendeu francês ainda criança (entre 8 e 10 anos) com seus pais. Viveu num ambiente em que o magistério e o estudo tinham um valor fundamental. Formou-se em Direito (1948, Universidade Federal da Bahia), seguindo o exemplo do tio, importante advogado e estudioso. No entanto, já lecionava geografia antes de se formar em Direito e, após seu bacharelado, acabou por fazer um doutorado em

geografia pela Universidade de Estrasburgo/França (1958). Professor e militante desde sempre, voltou para o Brasil para ser professor da Universidade da Bahia, onde idealizou o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais. Este foi, por muitos anos, referência nacional e internacional, e de lá saíram grandes nomes da Geografia brasileira.

Foi militante de movimento estudantil (Vice-Presidente da União Nacional dos Estudantes - UNE), criou o Partido Estudantil Popular-PEP e a Associação Brasileira de Estudantes Secundaristas-ABES.

Foi professor em Ilhéus e Salva-

dor. Escreveu livros de Geografia antes mesmo de seu doutoramento, cuja originalidade e coragem tiveram grande impacto sobre os geógrafos brasileiros e estrangeiros. Algumas obras publicadas no período foram: “O Povoamento da Bahia” (48), “O Futuro da Geografia” (53) e “Zona do Cacau” (55).

Foi articulista do jornal “A Tarde”; subchefe da casa civil na Bahia durante o governo de Jânio Quadros, em 1961; e presidente da Comissão de Planejamento Econômico da Bahia, entre 1963 e 1964.

Após o golpe militar (1964), o

professor Milton Santos, assim como muitos outros intelectuais e militantes de matiz socialista, acabou por ser preso e exilado em 1964, deixando seu filho Milton Santos Filho (Miltinho) ainda pequeno no Brasil.

Graças à rede de amigos formada em torno do seu talento e trabalho, Milton Santos foi para a França para escrever e expor suas idéias. Durante o período de 1964 a 1977, lecionou na França, Estados Unidos, Canadá, Peru, Venezuela e Tanzânia. A base de seu pensamento se estrutura nessa época, preocupado que era com o impacto social que o desenvolvimento urbano político e econômico provocava.

De volta ao Brasil, em 1977, e apesar de conhecido mundialmente, somente em 1984 é contratado, por concurso, pela Universidade de São Paulo, tendo trabalhado como professor assistente na UFRJ a partir de 1979. A Universidade Federal da Bahia nem cogita recontratá-lo, enquanto as outras universidades brasileiras (com exceção da UFRGS) o ignoraram solenemente, a despeito de sua 'fama' internacional.

Sua vasta obra o tornou um dos maiores intelectuais e humanistas brasileiros conhecidos fora do país e, sem dúvida, o maior geógrafo brasileiro do século XX. Foi o único brasileiro a receber, em 1994, o Vautrin Lud, uma espécie de Prêmio Nobel de Geografia.

Milton Santos, grande baiano, grande brasileiro, morreu em São Paulo, em 24 de junho de 2001, com 75 anos, vítima de câncer.

Atividades:

1 - Magistério e pesquisa:

Fez pesquisas e conferências em diversos países, dentre os quais: Japão, México, Colômbia, Costa Rica, Índia, Argentina, Uruguai, Tunísia, Argélia, Costa do Marfim, Benin, Togo, Gana, Panamá, Nicarágua, Espanha, Portugal, República Dominicana, Cuba, Estados Unidos, França, Tanzânia, Venezuela, Peru, Inglaterra e Suíça.

- Professor de geografia em escolas de Salvador e em Ilhéus
- Professor da Universidade Federal da Bahia
- Idealizador do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia (criado em 1/1/1959)
- Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Pesquisador 1A do CNPq.
- Ex-Professor nas Universidades de:
 - * Toulouse (1964-1967)
 - * Bordeaux (1967-1968)
 - * Paris (1968-1971)
 - * Toronto (1972-1973)
 - * Universidad Politécnica de Lima (1973)
 - * Dar-es-Salaam (1974-1976)
 - * Columbia (New York, 1976-1977)
 - * Central de Venezuela (Caracas, 1975-1976)
 - * Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979-1983)
- Directeur d'Études en Sciences Sociales, École de Hautes Études en Sciences Sociales (Paris, 1988)
- Research-Fellow, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Mass., 1971-1972
- Visiting Professor, Stanford University, Cátedra Joaquim Nabuco, Estados Unidos, 1997-1998.

2- Cargos e funções:

- Membro da Comissão Especial da Assembléia Constituinte do Estado da Bahia, encarregada de redigir um anteprojeto de Constituição Estadual, 1989.
- Presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), 1991-1993.
- Presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE), 1993-1995.
- Consultor das Nações Unidas, OIT, OEA e Unesco.
- Consultor junto aos governos da Argélia e Guiné-Bissau.
- Consultor junto ao Senado Federal da Venezuela para questões metropolitanas.
- Membro do Comitê Assessor do CNPq e ex-coordenador da Comissão de Coordenação dos Comitês Assessores do CNPq, 1982-1985.
- Coordenador da área "Arquitetura e Urbanismo" da FAPESP (Fundação para o Amparo da Pesquisa no Estado de São Paulo), 1991-1994.
- Membro da Comissão de Alto Nível do Ministério da Educação, encarregada de estudar a situação do ensino no país, 1989-1990.

3- Publicações:

Publicou ou foi organizador de mais de 40 livros e mais de 300 artigos em revistas científicas em português, francês, inglês e espanhol.



Pixinguinha



Nome do Personagem: PIXINGUINHA

Nome completo: Alfredo da Rocha Vianna (Filho ou Junior)

Filiação: Raimunda Maria da Conceição e Alfredo da Rocha Vianna

Nascimento: Rio de Janeiro, 23 de abril de 1897

Falecimento: Rio de Janeiro, em 17 de fevereiro de 1973



A realidade é repleta de música. [Você pode preparar a turma para conhecer a história de Pixinguinha indo para um espaço onde as crianças possam ouvir os sons naturais ao redor. Cada som poderá se tornar uma música] Faça um teste. Fique em silêncio e tente identificar cada som. Esses sons podem se transformar em música.

Na história de hoje, vamos conhecer um personagem que desde menino fazia música, sempre com muita alegria. Seu nome era Alfredo da Rocha Vianna Filho, mais conhecido como Pixinguinha. Nasceu no dia 23 de abril de 1897, trazendo muita felicidade a sua grande família. Pi-

xinguinha e seus 13 irmãos cresceram ouvindo boa música. Sua casa vivia cheia de amigos, chegava a ser conhecida como “Pensão Vianna”. Lá era também o ponto de encontro de músicos... até Villa Lobos os visitava!

A música foi muito importante para esta família. Lá todos cantavam ou tocavam algum instrumento... A casa de Pixinguinha era música! Isso não é maravilhoso? Eles poderiam inventar músicas e brincar com os sons dos instrumentos.

Pixinguinha foi um bom estudante. Na escola fez grandes amigos, mas um dia não quis mais estudar. Foi uma pena, porque mesmo para quem deseja ser músico, o estudo é importante. Pixinguinha queria mesmo era estudar só música, e assim o fez. Muitos anos depois de já atuar na profissão, Pixinguinha, mesmo com muita experiência como músico, ouviu o conselho de seus amigos e voltou a estudar teoria musical. Em 1933, recebeu seu diploma de músico! [Que tal propor para a turma a formação de grupos musicais em

sala? Na composição de músicas, a ortografia e a rima poderão ser exploradas. As crianças poderão confeccionar seus instrumentos com materiais simples. Outro exercício interessante é encaixar a letra composta por eles e revisada por todos em algum ritmo.]

Com a ajuda dos amigos de seus pais, Pixinguinha aprendeu a tocar cavaquinho, violão e flauta. Ele primeiro observava os amigos de seu pai tocando “chorinho”, e depois sozinho tocava os “chorinhos” que havia escutado. O instrumento que Pixinguinha queria mesmo tocar era a “requinta” (um instrumento se parece com uma clarinete), mas como era um instrumento muito caro, seu pai o ensinou a tocar flauta. Então, aos 12 anos ele compôs seu primeiro choro, chamado “Lata de leite”.

Pixinguinha tinha um amor tão grande pela música que cada dia mais ele crescia como músico, inovando nas canções que compunha. Assim, começou a chamar muito a atenção de outros músicos. Seu primeiro conjunto chamava “Pessoal do Bloco”. Com o passar do tempo, Pixinguinha começou a tocar em cassinos, bares e depois em cinemas. Pixinguinha gostava muito de improvisar em suas músicas, o que encantava as pessoas que o escutavam.

Em 1919, forma-se o conjunto “Oito Batutas”, composto por Pixinguinha (flauta), Donga (violão), China (violão e voz), Nelson Alves (cavaquinho), Raul Palmieri (violão), Luiz Pinto da Silva (bandola e reco-reco), Jacob Palmieri (pandeiro) e José Alves Lima (bandolim e ganzá), que depois foi substituído por João Pernambuco (violão). Eles tocavam choro, modinha, canções regionais, maxixes, batuques. O cinema ficou pequeno para tanto talento. Logo, o conjunto viajou pelo interior e capitais dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco e Bahia. [Temos neste trecho mais uma ótima oportunidade de trabalhar geografia com as crianças. Ao localizar os estados no mapa a partir da história do Pixinguinha, a geografia fará mais sentido. Pode-se propor uma pesquisa sobre as características de cada estado e os tipos de músicas que são escutados em cada um.]

Terminada a turnê, começam a tocar no Cabaré Assírio, no subsolo do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Assim, conheceram Arnaldo Guinle, que se tornou fã e incentivador do grupo. Arnaldo os levou para tocar em Paris em janeiro de 1922. A viagem que era para durar um mês, se estendeu por



seis meses, tamanho foi o sucesso. Paris não resistiu à bela música que o grupo “Les Batutas” tocava com alegria! Mas a saudade foi mais forte e logo estariam de volta ao Brasil. Com essa viagem, eles aprenderam novos estilos musicais e inseriram novos instrumentos na banda, enriquecendo ainda mais seu repertório.

Mas o grupo “Os Batutas” tinham também seus momentos de tristeza. Chegou um momento em que o grupo não se entendia e eles se dividiram. Pixinguinha foi para a Argentina com mais 03 amigos. Na Argentina fizeram sucesso, mas seu empresário fez algo desonesto, sumiu com o dinheiro das apresentações. Eles só conseguiram voltar porque na Argentina tem uma Embaixada do Brasil, que cuidou da volta deles ao nosso país. Mais tarde Pixinguinha, liderou outras bandas de muito sucesso.

Em 1927, casou-se com Albertina Pereira Nunes, atriz e cantora a quem chamava carinhosamente de Betí. O encontro aconteceu quando Pixinguinha era regente da peça “Tudo Preto”. Eles não podiam ter filhos, mas adotaram com alegria Alfredo da Rocha Vianna Neto. Pixinguinha foi o maior orquestrador que o Brasil já conheceu, além de ser pioneiro no cargo de orquestrador na rádio. Trabalhou na rádio Tupi e na Mayrink Veiga. **[As crianças poderão encenar uma rádio na escola, de modo simples. A classe poderá ser dividida em grupos, definindo quem escreverá as propagandas, as músicas, quem será o apresentador. Será uma atividade divertida. A orientação do educador é importante em cada etapa da criação da rádio.]**

Com o passar dos anos Pixinguinha começou a ficar doente do coração. Sua esposa Betí adoeceu sem saber que ficaram internados no mesmo hospital. Pixinguinha nos deixou no dia 17 de fevereiro de 1973, aos 74 anos de idade. Seguimos com muita saudade de sua alegria e de suas músicas, que continuam sendo referência para todos os brasileiros!

PESQUISA

Imagine um casarão do começo do século XX, com oito quartos e um porão enorme, num bairro do Rio de Janeiro, onde moravam quatorze irmãos. Era assim a casa dos Viana, conhecida como “Pensão Viana”, já que a família hospedava muitos amigos. Nesse ambiente cresceu Pixinguinha, cujo nome era Alfredo da Rocha Vianna Filho (alguns registram Júnior).

Pixinguinha era um dos quatorze irmãos. O apelido provavelmente vem da junção de outros dois apelidos: 1) ‘Pizindin’ (pronuncia-se “pissindin” - que quer dizer “pequeno bom”) – de origem africana, que sua avó (dona Edwiges) lhe deu; 2) ‘Bexiguinha’ – apelido que recebeu após ter contraído varíola (conhecida na época como “Bexiga”).

A “Pensão Viana” era ponto de encontro de músicos: até Villa Lobos passara por lá. Muitos chorões famosos freqüentavam a casa. Também é fato que todos os irmãos de Pixinguinha cantavam ou tocavam algum instrumento, e que seu pai tocava flauta. Assim, parecia inevitável o gosto pela música e o desejo de profissionalizar-se como músico.

Mesmo sendo bom aluno e tendo estudado no Liceu Santa Teresa, onde Vicente Celestino foi seu colega, estava no Mosteiro de São Bento quando, apoiado pela família, decidiu abandonar os estudos.

Os estudos de música começaram em casa mesmo. Logo estava aprendendo cavaquinho com os irmãos. Além disso, ele cresceu ouvindo os músicos que freqüentavam a casa. Assim, após cada festa, tirava “de

ouvido”, numa flauta de folha, os chorinhos que acabara de ouvir. Conta-se que ele queria mesmo era tocar requinta (um tipo de clarinete), mas como não tinha dinheiro para comprar uma, o pai o ensinou a tocar flauta.

Por uma época, o flautista Irineu de Almeida morou na “Pensão Viana” e também ensinou muito a Pixinguinha, que progredia de maneira extraordinária como músico. O progresso era tamanho que o pai o presenteou com uma flauta italiana (da marca Balancina Billoro). Ainda novo começou a acompanhar seu pai, flautista, em bailes e festas, tocando cavaquinho. Aos 12 anos compôs sua primeira obra, o choro “Lata de Leite”, que foi inspirado nos boêmios que depois de noitadas regadas a bebidas e música tinham o hábito de tomar o leite alheio que ficava nas portas das casas.

Foi com essa flauta que tocou em bailes e quermesses e, como integrante do conjunto Pessoal do Bloco, fez sua estréia em disco em 1911.

Depois do primeiro emprego na Casa de Chope La Concha, Pixinguinha tocou em vários cassinos, cabarés e bares. Logo depois, bastante conhecido, já se apresentava em peças do teatro Rio Branco e em cinemas, pois era comum que na projeção dos filmes mudos da época se executassem músicas com orquestra ou piano.

Nesse último emprego, a curiosidade é que ele tinha ido substituir o flautista Antônio Maria Passos, que havia adoecido. Assim que reassumiu o posto, Antônio Maria Passos tornou-se objeto de reclamação do pú-

blico, que se acostumou com os improvisos de Pixinguinha. Não teve jeito, Passos perdeu o lugar para Pixinguinha.

Em 1919, forma-se o conjunto Oito Batutas, cujos integrantes eram Pixinguinha (flauta), Donga (violão), China (violão e voz), Nelson Alves (cavaquinho), Raul Palmieri (violão), Luiz Pinto da Silva (bandola e reco-reco), Jacob Palmieri (pandeiro) e José Alves Lima (bandolim e ganzá), posteriormente substituído por João Pernambuco (violão). O grupo surgiu por iniciativa de Isaac Frankel, na época gerente do Cinema Palais, concorrente direto do Cinema Odeon (ficavam quase de frente um para o outro).

O Cinema Odeon havia contratado Ernesto Nazareth para tocar piano na sala de Espera a fim de atrair o público, que andava meio assustado com lugares fechados. A gripe espanhola era uma realidade e foi inevitável que lugares como os cinemas se esvaziassem. Na cola do Cine Odeon, para não ficar para trás, o Cine Palais propiciou a fundação dos Oito Batutas. Eles tocavam choro, modinha, canções regionais, maxixes, batuques etc.

O grupo não se limitou a tocar no cinema, evidentemente. Entre 1919 e 1921, fizeram uma turnê pelo interior e capitais dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco e Bahia. Terminada a Turnê, começam a tocar no Cabaré Assírio, no subsolo do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Assim conheceram Arnaldo Guinle. O milionário tornou-se fã do grupo e patrocinou uma temporada em Paris. O grupo não

pôde seguir com a composição original, então viajaram somente sete músicos. Em Paris, apresentaram-se como Os Batutas (Les Batutas). Era janeiro de 1922 e o sucesso do grupo foi instantâneo. Apesar disso, a ida do grupo causou polêmica. Enquanto havia manifestação de orgulho de muitos brasileiros ao se verem representados no exterior, outros tantos se diziam envergonhados, talvez por preconceito. Afirmou-se até que a viagem desmoralizava o Brasil e se pediu providências ao Ministro do Exterior.

O que estava programado para durar um mês estendeu-se por seis meses, tremendo era o sucesso do grupo. Voltaram mais por saudade do que por falta de público.

A viagem rendeu um grande aprendizado ao grupo, que voltou com uma influência do jazz incorporada. Arnaldo Guinle presenteou Pixinguinha com um saxofone, instrumento que viria, muitos anos depois, substituir a flauta. O violão foi substituído pelo Banjo e instrumentos como o trombone, “pistão” e clarineta foram também incorporados.

Retornado o trabalho no Cabaré Assirio e em outros palcos, não tardou surgir mais uma viagem, desta vez para a Argentina, no final de 1922 e início de 1923. Nesse período Pixinguinha já tocava flauta e saxofone.

Apesar do grande sucesso, foram maiores as divergências e os Oito Batutas se dividiram. Metade ficou sob a liderança de Pixinguinha e China, e a outra metade com Donga e Nelson Alves. O grupo de Pixinguinha permaneceu mais tempo na Argentina, o outro grupo retornou ao Brasil.

Infelizmente, o grupo de Pixinguinha teve muitos problemas no país do tango. O empresário fugiu com o dinheiro e só conseguiram retornar ao Brasil com a ajuda do consulado brasileiro em Buenos Aires.

A vida de músico não era (e não é até hoje) muito fácil. Pixinguinha liderou várias outras formações musicais durante sua vida. Por indicação de Villa Lobos, em 1940, liderou o grupo composto por Cartola, Donga, Zé da Zilda, Jararaca e Luiz Americano, na gravação com o maestro Leopold Stokowski, norte-americano, no navio Uruguai. Essa era uma das muitas tentativas do presidente Roosevelt de fortalecer os laços culturais com os aliados durante a Segunda Guerra.

Casou-se em 1927 com Albertina Pereira Nunes (a quem chamava de Beti). Ele a conheceu quando foi regente na peça Tudo Preto, onde ela era conhecida como Jandira Aymoré, atriz e cantora. O casal não podia ter filhos e adotou, oito anos depois, Alfredo da Rocha Vianna Neto.

Pixinguinha é considerado o primeiro orquestrador da Música Popular Brasileira. Entre muitas outras, figura entre suas obras a famosa introdução da música O teu cabelo não nega, de Lamartine Babo e os Irmãos Valença. Não foi à-toa que a gravadora RCA Victor, em 1929, o contratou para ser orquestrador exclusivo, prática também inédita no Brasil daquele tempo. Trabalhou como arranjador na rádio Tupi e na Mayrink Veiga, enquanto seu amigo e admirador, o apreciadíssimo maestro Radamés Gnattali, era arranjador na Rádio Nacional.

Apesar de estar na estrada há tantos anos e ser um músico reconhecido até mesmo no exterior, Pixinguinha acatou o conselho de amigos e voltou a estudar. Fez um curso de música, para aprender um pouco de teoria musical. Em outubro de 1933, recebeu seu diploma de músico, como se o diploma de fato fizesse diferença.

Foi convidado, depois, para o cargo de fiscal da Limpeza Urbana Pública. O convite, na realidade, visava à formação da Banda Municipal. Nessa época, porém, Pixinguinha já tinha problemas com a bebida, o que, somado à antipatia que tinha pela farda com botas longas que tinha que usar, serviu para fazer-se transferir para outra função burocrática no Estado e aposentar-se em 1966 como Professor de Artes.

Como muitos outros grandes talentos das artes em nosso país, Pixinguinha sofreu com o vício da bebida. Já em 1946, tinha as mãos trêmulas e problemas com a embocadura. Abandonou a flauta e assumiu em definitivo o saxofone. Submeteu-se a parcerias duvidosas para pagar as dívidas, pois sua casa chegou a ser hipotecada. Provavelmente fez músicas para pessoas menos talentosas, a fim de manter a si e à família.

Não se compreende como o autor de mais de duas mil músicas, entre elas Carinhoso, considerada uma das melhores músicas brasileiras do século XX, de trilhas sonoras para filmes, orquestrador fantástico, músico talentosíssimo (considerado um mestre do contraponto e da harmonia – Heitor Villa Lobos o comparava a Bach; Tom Jobim o chamava “gênio da raça”;

Vinicius de Moraes o admirava e afirmava que ele era o “ser humano perfeito”; a velha guarda o considerava o “mestre dos mestres”; o cantor americano Louis Armstrong era seu fã), passasse apuros assim. É quase certo, como no caso de tantos outros compositores e intérpretes brasileiros, que o ganho maior ficasse com as editoras e gravadoras.

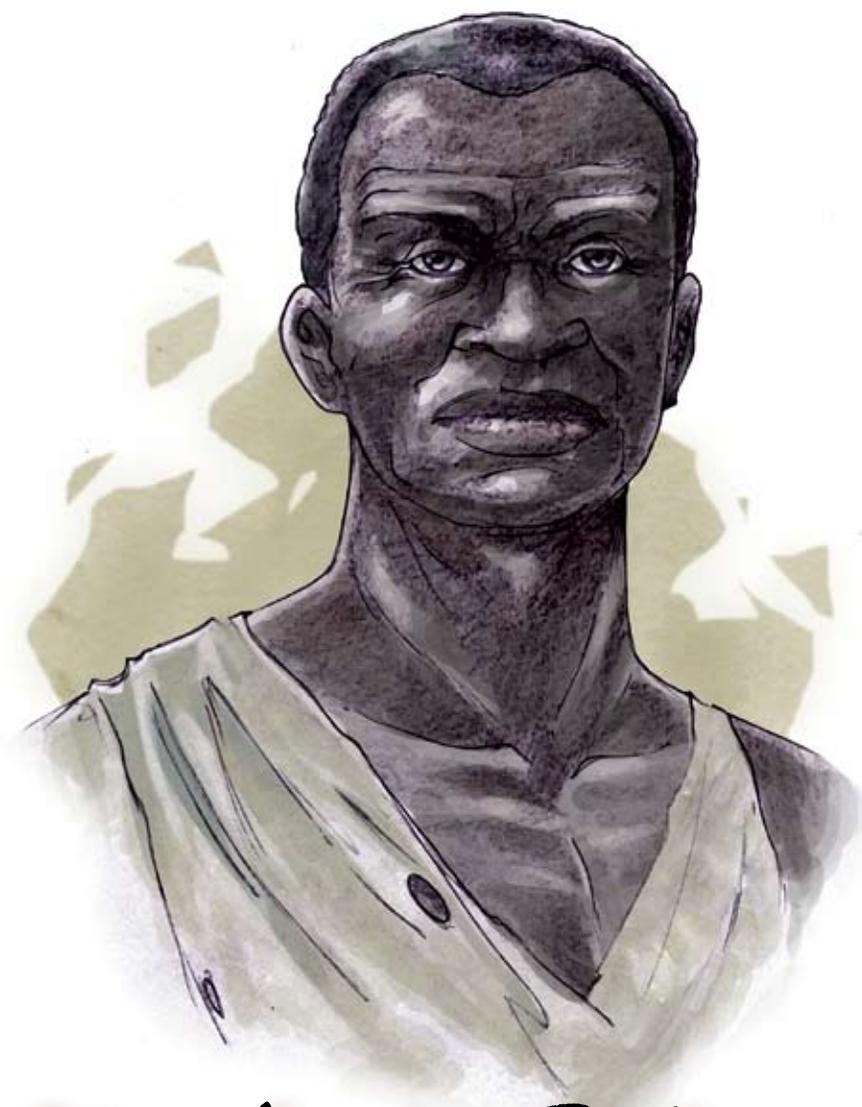
Um dos maiores músicos brasileiros, talvez o pai da MPB, talentoso sem par como compositor e flautista, inovador e com ouvido privilegiado, Pixinguinha teve um fim comum. Morreu com problemas cardíacos, fulminado por um enfarte. Antes disso, porém, por causa da bebida e dos problemas cardíacos, sofreu por ter que abandonar, por bastante tempo, o saxofone, já que a flauta ele não conseguia mais tocar bem. Parou com a bebida por pouco tempo, mas ficou seriamente debilitado e teve que ser hospitalizado mais de uma vez. Nesse tempo, apesar de tudo, ainda compôs 20 músicas, cada uma com um título que correspondia a um fato ou evento passado no hospital.

O filho Alfredo casou-se em 1971. Em 1972, Betí adoeceu e foi internada. Logo depois, Pixinguinha sofreu um enfarte e foi internado no mesmo hospital em que ela estava. A esposa nem soube da internação, ele fingia apenas ir visitá-la. Com 73 anos, Betí morreu sem imaginar que Pixinguinha também não demoraria muito a partir. E foi assim que, no ano próximo, exatamente no mês seguinte ao do nascimento de seu neto, durante um batizado no qual ele era o padrinho, em 17 de fevereiro, aos 74 anos, morreu o nosso mestre dos mestres Pixinguinha.

Algumas músicas:

- Ainda me recordo, Pixinguinha e Benedito Lacerda (1946)
- A vida é um buraco, Pixinguinha (1930)
- Carinhoso, Pixinguinha e João de Barro (1917)
- Carnavá tá aí, Pixinguinha e Josué de Barros (1930)
- Chorei, Pixinguinha e Benedito Lacerda (1942)
- Cochichando, Pixinguinha e Benedito Lacerda (1944)
- Fala baixinho, Pixinguinha e Hermínio Bello de Carvalho (1964)
- Gavião calçado, Pixinguinha e Cícero de Almeida (1929)
- Ingênuo, Pixinguinha, B. Lacerda e Paulo César Pinheiro (1946)
- Já te digo, Pixinguinha e China (1919)
- Lamento, Pixinguinha (1928)
- Mundo melhor, Pixinguinha e Vinicius de Moraes (1966)
- Naquele tempo, Pixinguinha e Benedito Lacerda (1934)
- Os cinco companheiros, Pixinguinha (1942)
- Os Oito Batutas, Pixinguinha (1919)
- Página de dor, Pixinguinha e Cândido das Neves (1930)
- Patrão prenda o seu gado, Pixinguinha, Donga e João da Baiana (1931)
- Proezas de Solon, Pixinguinha e Benedito Lacerda (1946)
- Rosa, Pixinguinha e Otávio de Souza (1917)
- Samba de fato, Pixinguinha e Cícero de Almeida (1932)
- Segure ele, Pixinguinha e Benedito Lacerda (1929)
- Seresteiro, Pixinguinha e Benedito Lacerda (1946)
- Sofres porque queres, Pixinguinha e Benedito Lacerda (1917)
- Um a zero, Pixinguinha e Benedito Lacerda (1946)
- Vou vivendo, Pixinguinha e Benedito Lacerda (1946)
- Yaô, Pixinguinha e Gastão Viana (1938)





Zumbi dos Palmares



Nome do Personagem: ZUMBI DOS PALMARES

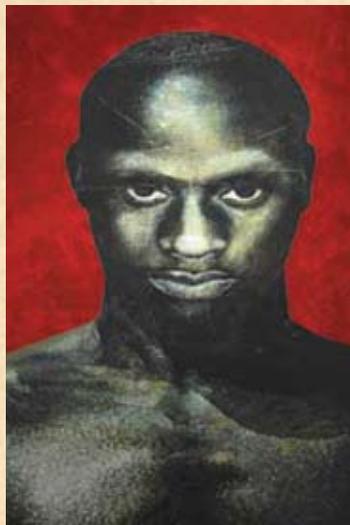
Nome completo: Zumbi dos Palmares

Filiação: Raimunda Maria da Conceição e Alfredo da Rocha Vianna

Nascimento: Quilombo dos Palmares, 1655

Falecimento: Serra dos Dois Irmãos, 20 de novembro de 1695

Você já teve um sonho do qual nunca desistiu? Na história de hoje vamos conhecer um homem que lutou pelo seu sonho e contra o preconceito e a escravidão no Brasil por toda sua vida! Seu nome é Zumbi dos Palmares. Não se sabe ao certo o dia em que Zumbi nasceu, mas sabemos que o ano de 1655 foi um ano especial. Afinal, nascia um guerreiro! Mas o pequeno guerreiro foi tirado recém-nascido [A partir deste trecho você pode trabalhar as fases da vida de forma significativa. Depois, cada um da classe poderá construir sua linha do tempo. Cada criança pode confeccionar um desenho, de cada fase, com a ajuda dos pais. Os pais podem relatar alguma curiosidade de cada fase e as crianças poderão anotar. Em um outro momento, as crianças poderão compartilhar as “linhas do tempo” de cada um.] de sua família, imaginem que tristeza! Sabe-se que entregaram Zumbi dos Palmares ainda bebê para o Padre Melo, que o educou e batizou com o nome de Francisco. Nosso guerreiro teve a oportunidade de estudar português, latim e religião. Mas a saudade de casa foi ainda maior, e, quando Zumbi completou 15 anos, ele fugiu de volta para o Quilombo Palmares onde nasceu. [Que tal aproveitar a oportunidade para verificar no mapa a região do Quilombo dos Palmares? É uma boa oportunidade, também, para conhecer as outras regiões de Quilombo do Brasil.]



Mas a história do Quilombo de Palmares é mais antiga do que o próprio Zumbi. Tudo começou quando um grupo de 40 escravos foge de um engenho no Sul de Pernambuco, em 1597. Os escravos caminharam muito, muito mesmo até que encontraram um excelente lugar. Com árvores bonitas e muitas palmeiras, deste lugar os escravos podiam ver tudo o que estava acontecendo ao seu redor. Logo depois da fuga dos escravos, os fazendeiros que pensavam que eram “donos” dos deles procuraram, procuraram, mas não conseguiram encontrar o lugar onde os escravos estavam escondidos. O Quilombo

dos Palmares foi crescendo e recebendo vários escravos que fugiam da escravidão. Quem morava lá tinha uma vida diferente. Os moradores plantavam sua comida, eram organizados e lutavam por sua terra e pela liberdade. As pessoas se respeitavam! O primeiro rei do Quilombo dos Palmares foi Ganga Zumba. [Que tal conversar com a classe sobre a organização social de Palmares e sobre as diferenças de uma sociedade com um Rei, com um Primeiro Ministro ou Presidente?] Logo depois, Zumbi dos Palmares tornou-se o mais novo rei! O Quilombo precisava ser protegido e nosso Guerreiro pensou na melhor forma de deixar seus moradores em segurança! A organização do Quilombo do Palmares era tanta, que o rei de Portugal tentou interferir para o fim da organização defendida por Zumbi.

No dia 20 de novembro de 1695, capturaram Zumbi e o machucaram muito. Nosso guerreiro não agüentou e morreu.

Mas o dia 20 de novembro não é só tristeza, não! Afinal, Zumbi não gostaria disso. Então, para homenageá-lo, em 1978 foi instituído que a data de sua morte seria considerada o Dia da Consciência Negra. [Esta é uma data interessante e importante para se trabalhar com as crianças. No calendário da escola está previsto uma comemoração especial para esse dia?] Assim, não vamos esquecer do Quilombo dos Palmares e nem de Zumbi, símbolos da resistência e experiência de uma sociedade onde as pessoas se respeitam e onde as diferenças são motivos para grandes amizades e aprendizagem!

PESQUISA

A história de Zumbi confunde-se com a história do Quilombo dos Palmares e assemelha-se à história dos grandes líderes que contestam os limites do seu tempo. Como afirma István Jancsó (professor de história), Zumbi faz parte dos brasileiros e brasileiras que “se recusaram, cada qual em seu tempo e à sua maneira, a engrossar o rebanho dos que encontram sentido da vida no respeito à vontade dos donos do poder...”

O Quilombo dos Palmares começa antes do aparecimento de Zumbi. Um grupo de 40 escravos foge de um engenho no

Sul de Pernambuco, em 1597, e, depois de muito caminhar, decidem-se instalar em um local de vegetação rica, com muitas palmeiras e com uma visibilidade privilegiada, fator de importância estratégica para a proteção. Os “donos” dos escravos mandam algumas expedições, mas não conseguem encontrar o local do refugio. O Quilombo dos Palmares segue crescendo e durante um primeiro momento parecia ser mais um espaço de fuga dos escravos.

Porém, ele cresce em quantidade de Quilombolas e em expressividade do movimento

de resistência. O Quilombo dos Palmares coloca em xeque a organização social imposta pela Capitania de Pernambuco e, de certa forma, pela própria colônia. Multiplicam-se, por esse motivo, as tentativas do Estado de aniquilar aquele que se torna o maior foco de resistência da época.

O Quilombo dos Palmares chegou a contar com 30.000 (trinta mil) pessoas, uma organização social com esquema de produção próprio, organização política e resistência armada. A economia de subsistência muito bem organizada garantia



aos Quilombolas uma alimentação diversificada e suficiente. Palmares é, naquele momento, espaço de acolhimento de escravos fugitivos e local de uma nova experiência social, sem o escravagismo e com uma estrutura econômica e social distintas da vivida no Brasil.

Zumbi nasce em Palmares em 1655 e ainda recém-nascido é roubado do Quilombo e entregue ao Padre Melo, por quem foi criado. É batizado e recebe o nome de Francisco. Ele estuda português, latim e religião. Aos 15 anos, Francisco foge para o Quilombo e se transforma em Zumbi dos Palmares. Lá, Zumbi se reencontra com sua história e transforma-se em um comandante militar de muita expressividade.

O rei de Palmares era Ganga Zumba, que contribuiu significativamente para organização do Quilombo. Em 1678, depois de fracassos desempenhos na condução da resistência armada e de grande pressão por parte da Colônia, Ganga Zumba segue para Recife e assina um acordo de paz. Neste acordo, entre outros pontos, os negros nascidos

em Palmares seriam livres.

O acordo não é aceito por Zumbi e por grande parte dos Palmarinos. O que é oferecido como acordo parece pouco para eles, e sua chance de cumprimento menor ainda. Ganga Zumba perde o trono e Zumbi torna-se o novo rei do Quilombo dos Palmares.

Palmares retoma sua força de resistência e Zumbi comanda inúmeras batalhas. Cresce, também, o número de tentativas de destruição do Quilombo e algumas tentativas de acordo entre a Colônia e o Quilombo – todas fracassadas. Em 1685, o rei de Portugal escreve pessoalmente a Zumbi propondo, nos seus termos, um novo acordo:

“Eu, El –Rei, faço saber a cós capitão Zumbi dos Palmares que eu hei por bem perdoar-vos de todos os excessos que haveis praticado assim contra minha Real Fazenda como contra os povos de Pernambuco, e que assim o faço por entender que vossa rebeldia teve razão nas maldades praticadas por alguns maus senhores em desobediência às minhas ordens.

Convido-vos a assistir (morar) em qualquer estância que vos convier, com vossa mulher e filhos, e todos os vossos capitães, livres de qualquer cativo ou sujeição, como meus leais e fiéis súditos, sob minha real proteção, do que fica ciente meu governador que vai para o governo dessa capitania”.

Em 20 de novembro de 1695, Zumbi foi capturado e assassinado a traição. Seu corpo foi crivado de balas e facadas, foi decapitado e sua cabeça enviada para Recife, onde ficou exposta.

A data da morte de Zumbi foi instituída como o Dia da Consciência Negra, em 1978. É símbolo da resistência e da experiência de uma sociedade com novas relações sociais, onde a diferença não se apresenta como motivo para construção de desigualdades.

Zumbi e a experiência do Quilombo dos Palmares são símbolos de resistência e utopia. Resistência diante das injustiças e utopia de uma sociedade justa.



*Personagem da sua
Comunidade*

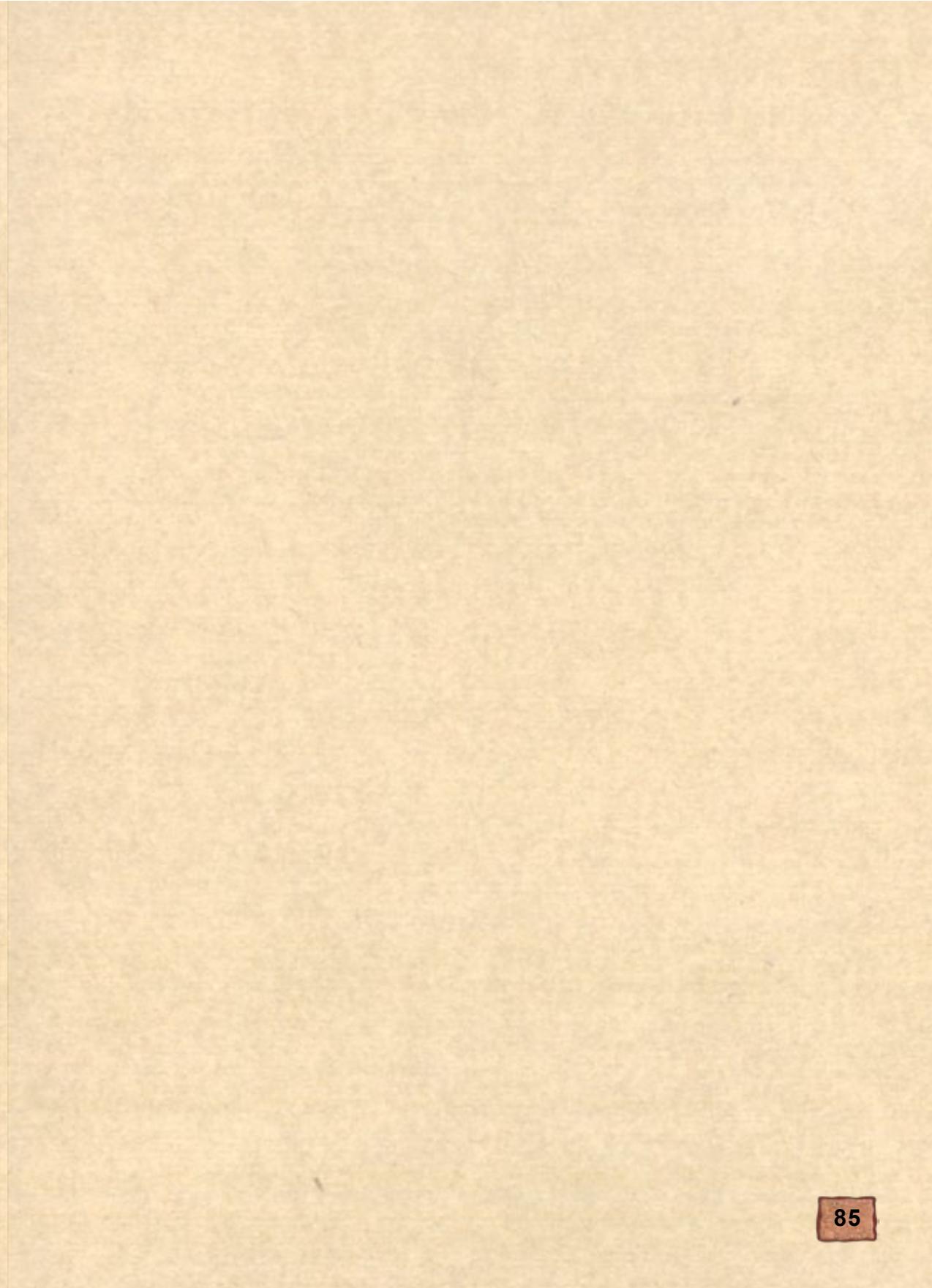
Nome do Personagem:

Nome completo:

Filiação:

Nascimento:

Falecimento:





86





*Personagem da sua
Comunidade*

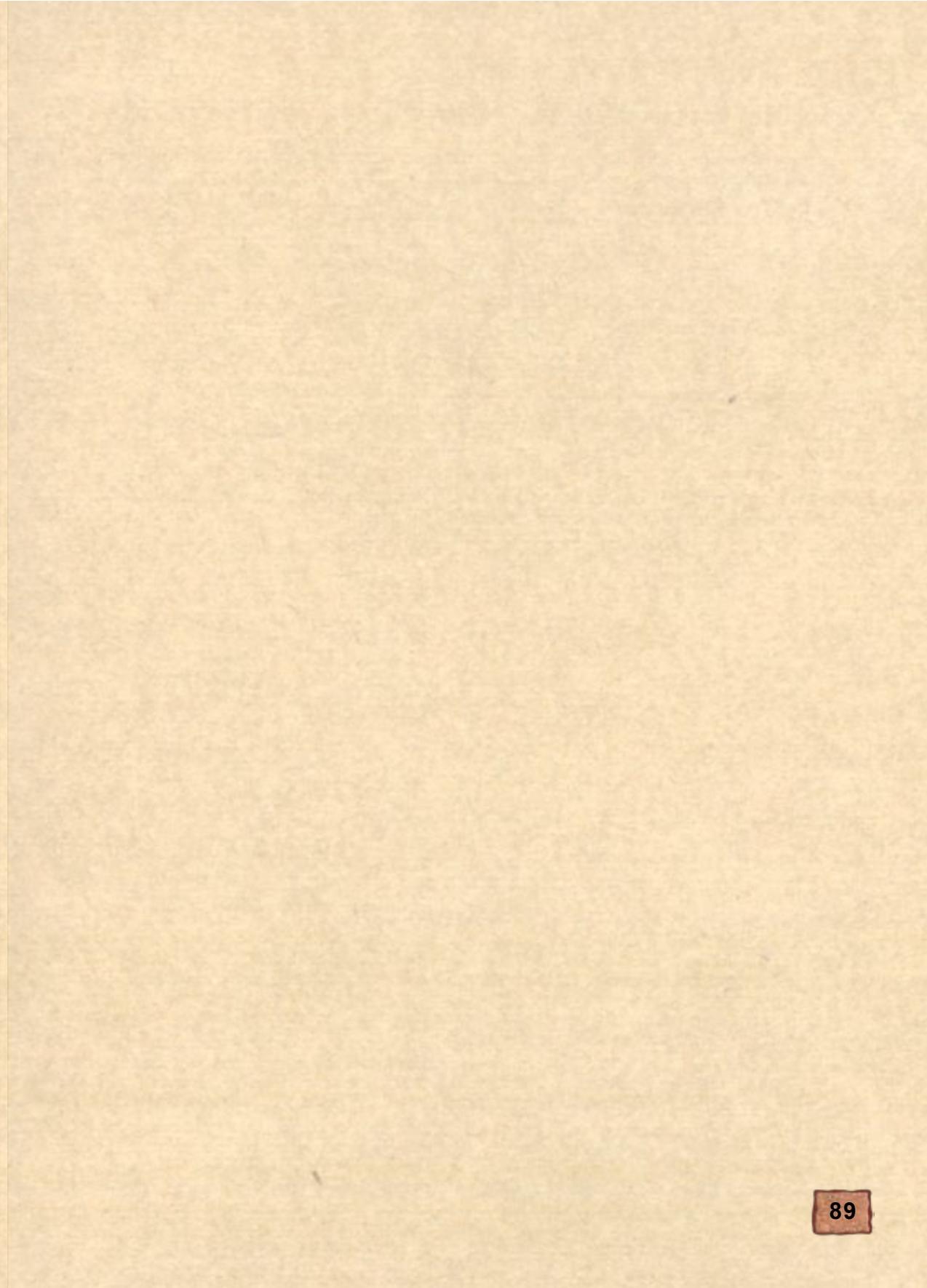
Nome do Personagem:

Nome completo:

Filiação:

Nascimento:

Falecimento:





90



Atividades Pedagógicas



Olá,
Nesta parte do livro você encontrará algumas sugestões de atividades pedagógicas para a sua sala de aula. Nossa idéia não é que você faça necessariamente o que estamos propondo aqui, mas que possa aproveitá-las no planejamento das suas aulas. Bom proveito e boa aula com seus alunos e alunas!

Conteúdos da Atividade 01

Português:

- ✓ Trabalhar a diversidade dos textos (linguagem oral e escrita);
- ✓ Dentro dos próprios textos trabalhados, pode-se propor um estudo sobre gênero do substantivo (masculino e feminino); sinônimo e antônimo; verbos e seus tempos; e adjetivos;
- ✓ Separação entre palavras;
- ✓ Divisão dos textos em frases utilizando recursos de pontuação, tais como: letras maiúsculas no início de frase, ponto final, ponto de exclamação, interrogação, reticências, dois pontos, travessão ou aspas;
- ✓ Utilização dos acentos: agudo, circunflexo e til;
- ✓ Repensar a ortografia.

Matemática:

- ✓ Reconhecer os números no cotidiano: a idéia de quantidade e sua representação.
- ✓ Soma e subtração.
- ✓ Geometria pela forma dos cartões e da caixa.

Artes:

- ✓ Desenho, pintura, colagem e arte como expressão e comunicação dos indivíduos.

Atividade 01

Quem será?

Objetivos:

- Confeccionar fichas com informações sobre os personagens do jogo ou de membros da comunidade, para brincar (jogar) no grande grupo. Espera-se que durante a confecção das fichas a professora ou professor contemple alguns conteúdos do currículo, tais como: adjetivos, sinônimos e antônimos, acentuação e ortografia das palavras.

Procedimentos:

Sugestão 01 - Para a confecção das fichas/cartões, pode-se propor para a turma que se divida em duplas. Cada dupla escolherá dois personagens do jogo ou da comunidade (de acordo com a necessidade do educador) e escreverá nas fichas/cartões os nomes e algumas características (dicas) dos personagens do jogo ou de membros da comunidade. É interessante ter um espaço para que as crianças ilustrem seus personagens. Para guardar os cartões da turma, pode-se decorar uma caixa com um motivo escolhido pelas crianças. Este momento também pode ser tema de uma aula de reflexão sobre questões afro-brasileiras. Pode-se propor para as crianças um desafio de pensar uma “caixa” que represente elementos da cultura afro-brasileira (formato, desenhos e cores). O objetivo desta atividade é que, em algum momento de roda, possam-se sortear os nomes e ler as características (dicas) para que o colega tente acertar de quem se fala¹. Dependendo da necessidade da turma, pode-se propor a produção dos textos usando sinônimos e antônimos na criação das dicas ou propor que usem adjetivos. Já a correção das palavras pode acontecer de forma coletiva ou em duplas.

Segue modelo:

Neste espaço, escrever o nome do personagem escolhido

Neste espaço, escrever as dicas sobre o personagem. Não esquecer de reservar um espaço para desenhar o personagem escolhido.

Sugestão 02 - Para um trabalho de resgate das histórias, as crianças podem, em grupo, criar cartas/fichas contendo as seguintes palavras distribuídas: O quê? (refere-se a algum evento); Quando? (refere-se ao tempo); Onde? (refere-se ao local); Quem?(refere-se ao personagem). Na roda ou nos grupos, cada estudante pode sortear a carta e lançar a pergunta, e o colega escolhido fala de algum personagem. Para sistematizar a atividade oral, pode-se propor uma produção de texto individual ou um jeito de escrever diferente. Para este tipo de sistematização, a turma pode estar disposta em fileiras ou em círculos. Será necessária uma folha ou o caderno de uma criança de cada fileira. A educadora/educador limitará um tempo para que o primeiro comece a escrever. Ao final do tempo estipulado, o aluno deverá passar o caderno ou a folha para que o colega continue a história. Ao fim do registro coletivo, o educador/educadora pode fazer a correção das palavras, acentuação (ortografia) e orientar na organização do texto.

¹ Nesta atividade, que será mediada pelo professor/professora, é interessante que as crianças escrevam e participem de todo o processo de confecção das fichas. Entregar-lhes fichas prontas não alcança o objetivo da atividade.

Segue modelo:

O que?

Quando?

Onde?

Quem?

Sugestão 03 - Para desenvolver os conteúdos de matemática, podem-se propor à turma situações-problema envolvendo a confecção dos cartões ou a confecção da caixa, que deve ter forma retangular. Aqui, a manifestação artística pode e deve ser estimulada e respeitada. As crianças podem fazer uma pesquisa sobre o motivo afro, para decorar a caixa e as cartas, por exemplo. Para o estudo da geometria, pode-se propor que os cartões² sejam confeccionados em formatos diferentes do retângulo, para tornar o jogo mais interessante. O educador pode sortear, por exemplo, as medidas dos cartões, e cada dupla ou grupo pode ficar responsável pela confecção de um formato diferente.

Para as situações de soma ou subtração, podem-se registrar quantos cartões de formas iguais a turma fez. Pode-se também numerar os cartões para jogar Reúna 10^3 . A brincadeira consiste em reunir os cartões numerados até chegar ao número estipulado. Por exemplo: os cartões estão numerados de 1 a 20 - quais números posso somar/juntar para que o resultado dê 10? É importante e interessante ir anotando as possíveis somas que forem surgindo. Depois os números podem ir aumentando para dificultar e criar novas possibilidades de somas. Para a subtração, pode-se fazer o caminho inverso: qual/quais números posso tirar/subtrair para chegar a tal número?

² Por exemplo, para um cartão triangular (dependendo do tipo do triângulo, pode-se propor seu estudo) será preciso três medidas iguais ou duas medidas iguais e uma diferente. Para um cartão retangular será preciso uma medida para a altura e a outra para a base, e assim por diante.

³ Foi dado este nome a principio para ilustração. Dependendo da necessidade do professor (a) e da turma, os números podem ser maiores ou menores.

Conteúdos da Atividade 02

Português:

- ✓ Trabalhar a diversidade dos textos orais (linguagem oral) tais como contos, lendas, poemas, canções, mitos, saudações, instruções, relatos africanos e desenvolvimento da leitura, por meio de rodas e recitais.
- ✓ Trabalhar a linguagem escrita dos textos:
- ✓ Propor o estudo mais avançado sobre gênero do substantivo (masculino e feminino); pronomes pessoais do caso reto e oblíquo; sinônimo e antônimo; verbos e seus tempos; plural e singular; sujeito e predicado; advérbio.
- ✓ Propor o estudo do emprego da ortografia: palavras com nh e h inicial, com ch e lh, palavras com x (x com som de ch, z, s, sc e x), m antes de p e b e m no final das palavras, palavras com r inicial, rr, palavras com s inicial, ss e s entre vogais.
- ✓ Separação entre palavras;
- ✓ Utilização dos acentos: agudo, circunflexo e til.
- ✓ Repensar a ortografia.

Matemática:

- ✓ Estatística, estimativas, probabilidade.

Artes:

- ✓ Trabalhar a participação e desenvolvimento em jogos/dinâmicas de atenção, improvisação e observação. Estudar e pesquisar sobre os elementos da linguagem dramática: espaço cênico, personagens e ação dramática.
- ✓ A arte na sociedade: estudar, com o apoio do jogo, as várias formas artísticas dentro da comunidade - suas canções, histórias e artesanato.

História e Geografia:

- ✓ Estudar tipos de moradias, mapas (cartografia da comunidade) e seus momentos históricos. Estudo da divisão do trabalho e produtos da comunidade. Estudo do trabalho dentro da comunidade, os meios de comunicação e os profissionais.
- ✓ Conhecer a história e a cultura da África: conhecendo o território e seus habitantes, organização da sociedade, cultura, tipos de moradias, alimentação, língua.
- ✓ Alfabetização cartográfica.
- ✓ As relações sociais e culturais. Entendendo a minha cultura.
- ✓ Conhecer a história da comunidade quilombola: O território que habitam e já habitaram, a organização das famílias, divisão do trabalho, as moradias e organização do espaço.

Atividade 02

Livro de Histórias...

Objetivos:

- Reescrever o livro dos personagens do jogo, recontando a história de cada um a partir do que o grupo considerou mais interessante e acrescentando

informações novas a partir de dados fornecidos por professores, pais e outros membros da comunidade.

- Confeccionar um livro de histórias das famílias da comunidade, para refletir sobre a história dos membros e abrir possibilidade de acrescentá-los como personagens do jogo em uma nova versão.
- Incentivar a escrita, leitura e ilustração com criatividade, estudando os conteúdos propostos de modo significativo.
- Por intermédio da criação do livro de histórias da comunidade, propor estudos e pesquisas nas áreas de história, geografia e matemática, tanto da comunidade como do continente africano.

Procedimentos:

Sugestão 01 - Propor uma roda de conversa com as crianças sobre um tema do livro. Inicialmente perguntar às crianças como elas imaginam que seja feito um livro. Elas podem desenhar em duplas suas idéias ou escrever, deixando suas impressões em um lugar acessível para todos. Após o levantamento das idéias, o educador iniciará uma conversa sobre a confecção de um livro, sua estrutura... Será preciso ter em mãos essas partes do livro, para que as crianças visualizem. Pode ser um cartaz, grande e simples, ilustrando cada parte. Ou o educador poderá levar para a classe vários livros, para que em trios ou grupos, as crianças analisem as partes apresentadas. Depois as crianças podem fazer um novo registro, por desenho ou texto, sobre como é a estrutura de um livro, e mais tarde comparar com a percepção inicial. Por meio deste confronto, as crianças verificarão suas idéias iniciais e as de agora, com informação mais atualizada.

Sugestão 02 - Junto com a turma, propor a escrita de um livro de histórias onde os estudantes serão os autores. Antes, porém, separar em classe um momento para que falem sobre seus familiares. Previamente, para tornar a aula mais interessante, pedir que tragam alguns objetos de casa, para que a história ganhe mais realidade. Este momento também inclui o educador. Para sistematizar as histórias, ele pode traçar um roteiro, tal como capa, identificação, título do livro, etc, e depois propor a escrita e a ilustração da história contada pelo estudante. Ele pode também escrever sobre um membro da família, descrevendo suas atividades.

Para fechar, pode-se propor uma festa com a leitura (um sarau literário ou noite de autógrafos) destas histórias com a participação das famílias. Outra possibilidade é (para se trabalhar artes cênicas) encenar alguma história que foi contada em classe ou a história de algum personagem do jogo. Eles podem construir, após pesquisa, um roteiro para apresentação.

O estudo gramatical da língua portuguesa não pode ficar de fora desta construção. O educador pode tornar a revisão uma rotina da classe. Seria interessante propor a criação de um banco de palavras de ortografia com os termos que a turma tem mais dificuldade. Ao estar corrigindo as histórias das famílias, anotar palavras, junto com as crianças, em um quadro ou em fichas, que podem ser colocadas em uma caixa para serem consultadas em momentos oportunos.

Para o estudo dos verbos, o educador e os estudantes podem separar dos próprios textos das crianças as palavras que representam ações e iniciar uma pesquisa sobre tempos verbais e conjugação, propondo uma reflexão sobre os conceitos que serão levantados.

Para o reforço dos substantivos, pode-se propor uma atividade com uma folha (devidamente identificada, com o nome da escola, nome da criança etc...) em branco que pode ser dividida em dois campos. A criança escolhe um substantivo (palavra que dá nome aos seres) dentro de seu próprio texto, o anota em alguma parte da folha (canto superior esquerdo ou direito) e faz um desenho dele. Em algum outro campo, ela fará uma frase usando o substantivo e os artigos estudados (o critério pode ser definido pelo educador).

Para os estudos das regras da língua portuguesa, pode-se propor um bingo dos acentos. A turma propõe uma lista com as palavras e o educador distribui a cartela ou pede que os estudantes façam a sua cartela e depois anotem algumas palavras da lista que eles mesmos sugeriram. O educador, então, sorteia as palavras, e quem tiver a palavra em sua cartela deve marcá-la. No fim, quem completar a cartela⁴ ganha o jogo. Podem-se explorar palavras das histórias dos personagens. Segue abaixo modelo de cartela para o bingo.

BINGO	

Sugestão 03 - Para o estudo da matemática, deve-se propor, durante a criação das histórias das famílias da classe, um estudo sobre estatística, média aritmética, estimativas, probabilidade. Dependendo do que a classe for estudar, pode-se propor um levantamento estatístico de quantas mulheres e

⁴ Esta proposta pode ser trabalhada paralelamente à confecção dos livros da família ou do diário da turma.

homens existem no jogo (personagens), lembrando que teremos uma ótima conversa sobre as diferenças nas quantidades descobertas (no jogo teremos 4 mulheres e o restante serão homens). Verificar, junto às crianças, suas opiniões sobre as possíveis diferenças, o que com certeza dará um quadro estatístico. Outras fontes de pesquisa que poderão ser usadas são dados das famílias da classe e pesquisas de opinião sobre o jogo ou sobre a identificação da turma com os personagens. Com os resultados, temos vários dados para montar um gráfico, levantar estimativas e aprender sobre média aritmética. Os temas podem ir surgindo no dia-a-dia. Durante a montagem dos gráficos ou estimativas, trabalhar com a classe os conceitos matemático sugeridos.

Sugestão 04 - Para o estudo de História e Geografia, nada mais rico do que a própria história que as crianças trarão para a classe. Por meio de suas vivências, um interessante estudo sobre o bairro pode ser iniciado. Segundo Rosângela Doin⁵, *conhecer como as crianças percebem e representam o espaço pode auxiliar muito o trabalho docente. Especialmente na preparação de atividades de ensino que contribuam para a aquisição gradativa de diferentes modos de representação espacial...*

Para iniciar o estudo sobre localização, pode-se propor que as crianças se desenhem no chão (a silhueta do corpo) e identifiquem os lados direito e esquerdo, em cima e embaixo. Deixar bem claros estes conceitos, pois serão importantes no trabalho com mapas. Após esta dinâmica, mostrar um mapa e localizar a comunidade. Para este trabalho é interessante formar uma roda para que o mapa fique no chão. Além de a visualização ser melhor, a idéia de latitude e longitude pode ser trabalhada (Por exemplo: no Distrito Federal estamos, aproximadamente, a 1070m acima do nível do mar. Se saio do DF para Fortaleza, eu subo ou desço? Na verdade, eu desço, mas com o mapa na parede eu construo a idéia de que estou embaixo e que vou subir para Fortaleza.) Outra sugestão é localizar outras áreas de Quilombos e refletir sobre a localização. Pode-se construir um livro de histórias com informações destas áreas.

A partir da idéia de conhecer outras comunidades quilombolas, fazer uma relação com a história da África. Propor às crianças um passeio ao continente Africano, para conhecer seus costumes, língua, histórias e seus representantes. A cada país, o educador, tendo realizado uma pesquisa prévia, pode mostrar algum elemento do país a ser estudado, de modo a instigar a curiosidade dos educandos. Pode também propor a confecção de um jornal com notícias, descobertas, e curiosidades da turma sobre o país estudado.

⁵ DOIN, Rosângela. Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Além disso, a turma pode construir maquetes com materiais simples (esta pesquisa de materiais dará uma ótima aula de arte) sobre alguma cidade africana estudada ou de interesse dos estudantes.

Conteúdos da Atividade 03

Português:

- ✓ Registro escrito: observar o emprego da ortografia e das regras da gramática e da acentuação aprendidas até o momento.
- ✓ Socialização das experiências de leitura.
- ✓ Aprofundamento dos estudos sobre o substantivo (próprio e comum), seu gênero (masculino e feminino), grau (aumentativo e diminutivo) e coletivos; sinônimo e antônimo; estudo sobre os verbos e seus tempos; sujeito e predicado; numeral; pronomes pessoais do caso reto e oblíquo; advérbio.

Matemática:

- ✓ Situações-problemas envolvendo as quatro operações.
- ✓ Coleções (as coleções propõem: contagem, estimativas, correspondências e agrupamentos).

Artes:

- ✓ Improvisar e arranjar uma composição feita pelos próprios estudantes, valorizando sua identidade cultural.
- ✓ Trabalhar com desenho, pintura, colagem, fotografia, histórias em quadrinhos.
- ✓ Registrar as experiências em forma de produção de texto ou poesia.
- ✓ Pesquisar sobre danças/músicas típicas da comunidade.

Atividade 03

Redescobrimo-nos através de outros olhares...

Objetivos:

- Conhecer membros da comunidade e resgatar suas histórias e pensamentos.
- Realizar estudos mais profundos sobre os personagens do jogo.
- Incentivar a pesquisa e a escrita de textos.
- Propor situações de estimativa e de levantamento de problemas matemáticos.

Procedimentos:

Sugestão 01 - O passo inicial é compartilhar com a classe a história de um dos personagens do jogo, apresentando-lhes uma biografia, música, trecho do texto ou outro elemento de destaque do personagem. Para tornar mais emocionante a apresentação do personagem, propor para a classe uma

dinâmica chamada Sacola surpresa. Dentro de uma sacola ou caixa de papelão, colocar objetos que lembrem o personagem do jogo. Ir mostrando os objetos de maneira individual, para gerar uma expectativa nos educandos. Com os dados em mãos, a professora ou professor tem em suas mãos várias possibilidades de criar junto com a classe problemas envolvendo as operações fundamentais. Para tornar a atividade mais envolvente, seria interessante a classe pesquisar os objetos para a sacola surpresa. Cada grupo poderia ficar responsável por um personagem e a cada semana (o tempo será determinado pela necessidade do educador e dos educandos) a sacola surpresa seria aberta, criando assim um momento de descoberta para os estudos. Os grupos compartilhariam com a classe como foi a pesquisa, suas dificuldades e facilidades.

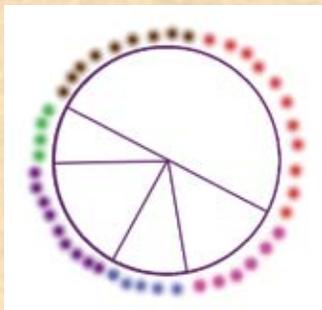
Sugestão 02 - Outra possibilidade de conhecer a história da comunidade é dividir a equipe em grupos que terão os nomes dos personagens do jogo. Cada grupo fica então responsável por descobrir alguma informação interessante sobre o personagem que dá nome ao seu grupo. Para isso, será interessante ter em mão livros, revistas ou outro tipo de instrumento de pesquisa. O grupo fará um texto, cartazes ou uma encenação para a classe. Após esta etapa, o educador pode propor que agora os grupos entrevistem alguém da comunidade. Neste ponto, seria interessante que fizessem uma lista com os nomes dos possíveis entrevistados e decidissem quais seriam os entrevistados dos grupos. Outra tarefa que fariam em parceria é a elaboração de um questionário.

Com os dados da pesquisa de campo em mãos, deve-se transformá-los em gráficos. Mais uma vez o educador tem a possibilidade de elaborar problemas envolvendo as quatro operações, usando como ferramenta as informações obtidas. Os grupos podem compartilhar em classe como foi o momento da entrevista e escrever.

Sugestão 03 - Para estudar estimativas usando os dados pesquisados nas sugestões acima, as próprias crianças podem representar os dados. Os materiais usados serão giz ou barbante e o trabalho pode ser feito na sala ou ao ar livre. Partindo dos dados disponibilizados na pesquisa feitas pelas crianças (por exemplo, quantos idosos há na comunidade, quantas crianças, quantos professores na escola, e etc.) As próprias crianças representarão os dados que conseguiram. Para isso, será preciso dividi-las em grupos segundo os dados obtidos. Por exemplo: há 11 professores na escola, 6 idosos... Será criado, então, o grupo dos idosos, dos professores, etc. Ao ar livre ou na sala de aula, desenhar um círculo no chão que deverá ter no centro um X ou outra marcação. Pedir que as crianças se alinhem em volta do círculo perto de seus colegas de grupo. As crianças devem desenhar (com giz ou barbante) linhas que partam do X no centro do círculo até sua margem, nos pontos entre os grupos.

Como na ilustração abaixo:

A classe acabou de formar um gráfico de pizza! A partir da dinâmica, criar situações de análise das informações: qual grupo tem mais pessoas? Qual tem menos? Pode-se também criar um novo gráfico com novas informações. Depois da atividade, um texto coletivo ou individual pode ser escrito pelas crianças.



Conteúdos da Atividade 04

Português:

- ✓ Produção de texto usando os temas da comunidade ou do interesse das crianças.
- ✓ Uso cotidiano das regras ortográficas e gramaticais nas produções de texto.
- ✓ Textos diversos: poesia, textos informativos e bibliográficos.

Matemática:

- ✓ Leitura e escrita, comparação e ordenação e seqüência numérica.
- ✓ Formulação, interpretação, análise e resolução de situações-problemas para compreender o significado das operações de adição e subtração. Adição e subtração com duas ou três parcelas.
- ✓ Utilização dos sinais convencionais (+, -, x, :, =) na escrita das operações.
- ✓ Explorar situações das quatro operações dentro da realidade da comunidade.
- ✓ Os números no cotidiano.
- ✓ Estatística, probabilidade e estimativas.
- ✓ Sólidos geométricos: formas e sólidos geométricos; poliedros; prismas e pirâmides; planificação dos sólidos geométricos, mapas e plantas.
- ✓ Figuras geométricas planas.
- ✓ Localização de pessoas ou objetos no espaço usando diferentes pontos de referência e posições.
- ✓ Associar a multiplicação às situações que representem adições de parcelas iguais, traduzindo-as por meio de uma sentença matemática.
- ✓ Decomposição das escritas numéricas para uso em cálculo mental exato e aproximado.
- ✓ Estudando sobre a Fração.
- ✓ Medindo o tempo (Leitura e consulta das horas, utilizando um relógio; aprender a ordem dos meses do ano; quantos dias tem cada mês; quantos dias tem a semana e a ordem dos dias.)
- ✓ O estudo do sistema decimal (unidade, dezenas e centenas, unidade de milhar, dezenas de milhar e centenas de milhar).
- ✓ Multiplicação com números naturais (multiplicando por 10, 100, 1000; propriedades da multiplicação).

Arte:

- ✓ A arte como expressão e comunicação dos indivíduos.
- ✓ A arte na sociedade (estudar as formas artísticas da comunidade, canções, histórias e artesanato).

Historia e Geografia:

- ✓ Diversidade étnica no Brasil (As misturas das raças).
- ✓ A procedência geográfica e cultural dos personagens do jogo.
- ✓ Estudando sobre mapas. (Da escola, do bairro, da cidade e do Brasil).
- ✓ Estudando sobre o bairro onde moramos ou onde a escola está (confeção de maquetes).
- ✓ Em sua própria localidade: Fazer levantamentos das diferenças e semelhanças dos indivíduos dentro de sua comunidade. Identificar as transformações e costumes das famílias e da própria escola. Estudar as lendas, brincadeiras de infância, música.
- ✓ Resgatando datas comemorativas: propor atividades de pesquisa sobre essas datas (resgate histórico com a comunidade) e de comemoração das festas.
- ✓ Conservando o meio Ambiente: Identificar os problemas do bairro/comunidade e desenvolver um projeto de resolução do problema levantado. Com o levantamento em mãos, tem-se uma oportunidade única de estudar, por exemplo, a erosão, ou o desmatamento.
- ✓ Transformação da natureza: Estudar sobre a intervenção do homem na natureza, seja na construção de casas ou em plantações. Pesquisas dos diferentes grupos sociais: índios, negros, imigrantes.

Ciências Naturais:

- ✓ Reciclagem do lixo.
- ✓ Poluição, meio ambiente e sua preservação.

Atividade 04

Mural de Ciências...

Objetivos:

- Fazer um levantamento dos problemas ambientais dentro da comunidade e desenvolver projetos que apresentem possíveis soluções.
- Desenvolver problemas matemáticos, usando as medidas do tempo (dia, mês, ano, século, horas, minutos e segundos).
- Destacar as datas comemorativas mais significativas na comunidade, sensibilizando todo o corpo docente e comunidade.
- Propor oficinas de reciclagem de papel.

Procedimentos:

Sugestão 01 - Todos nós precisamos estar sensíveis aos problemas de nossa comunidade. Mas somente detectar ou falar dos problemas de nossa escola ou bairro e ficar de braços cruzados não é uma solução para as dificuldades encontradas. É preciso agir com cidadania, e as crianças têm sempre ótimas idéias. Que tal uma roda de conversa para propor uma experiência para as crianças? Separe uma hora da aula para fazer um levantamento sobre o que precisa ser melhorado ao redor da escola (em outros momentos pode ser a sala de aula, o bairro... há árvores? Qual a vegetação que temos em nosso bairro?). Seria interessante a classe sair e dar uma volta pelo bairro ou pela escola com caderno de anotações em mãos para irem apontando suas impressões sobre a aula-passeio. Na volta para a sala de aula, separe cinco envelopes grandes que podem estar dispostos em um cartaz, com as seguintes frases: Eu proponho..., eu critico..., eu elogio... e eu quero saber... Oriente as crianças a preencherem os envelopes de acordo com as frases. Após todos registrarem suas impressões, abra cada envelope, faça a leitura e vá anotando (ou eleja alguém da classe para fazer isso). O educador terá em mãos um rico material para iniciar com cada criança um mini-projeto sobre os problemas levantados em classe. Cada criança ficará responsável, então, por pensar uma possível solução para os problemas apresentados e, em um outro momento, levá-los até a direção da escola ou enviá-los a um órgão competente. Para sensibilizar as demais classes, a cada semana podem ser feitas notas que podem ser coladas em um mural ambiental.

Sugestão 02 – Os problemas ambientais levantados podem se tornar também problemas matemáticos. Usando as medidas de tempo, poderemos calcular como serão os estragos ou os benefícios daqui a alguns anos, e montar um gráfico para ser fixado no mural da ciência, para conscientizar as demais classes. As crianças poderão criar folhetos educativos para entregar para os pais. O educador deverá orientar o processo de criação dos folhetos, o texto que será utilizado e as ilustrações.

Sugestão 03 - As datas comemorativas da comunidade deverão ganhar destaque. O primeiro passo é fazer um levantamento dessas datas e montar um calendário mais personalizado. Para o calendário estar completo, será preciso pesquisar sobre as datas comemorativas da comunidade. Para tanto, será preciso criar um roteiro: quais informações gostaríamos de destacar? Porque a comunidade comemora essa data? A idéia é criar um calendário bem criativo com ilustrações e informações sobre as datas comemorativas. Por meio deste calendário, as classes poderão organizar apresentações especiais, com danças, músicas e poemas.

Conteúdos da Atividade 05

Ciências Naturais:

- ✓ Fotossíntese, as plantas (plantas medicinais, chás) e a relação com os seres humanos.
- ✓ Cadeia alimentar e manifestações da natureza.
- ✓ O meio ambiente que nos cerca.

Português:

- ✓ Produção de texto usando os temas da comunidade ou do interesse das crianças.
- ✓ Uso cotidiano das regras ortográficas e gramaticais nas produções de texto.
- ✓ Textos diversos: poesia, textos informativos, científicos e bibliográficos.

Matemática:

- ✓ Medidas de massa: o quilograma, o grama, o miligrama, a tonelada.
- ✓ Medidas de capacidade: o litro e o mililitro.
- ✓ Operações com números naturais: propriedades da adição, adição e subtração com arredondamentos e resultados aproximados e operações inversas. Multiplicação com números naturais: idéias, nomenclaturas e algoritmo, propriedades da multiplicação. Divisão dos números naturais: divisão por estimativa; quando o divisor tem um só algarismo; quando é formado por dois algarismos; divisão não exata; divisão e cálculo mental. Situações-problemas envolvendo as quatro operações, de acordo com a série e realidade das crianças e da comunidade.

Atividade 05

Pesquisando e aprendendo...
Uma surpresa científica!

Objetivos:

- Propor um levantamento coletivo sobre as plantas medicinais existentes na comunidade. Perceber a diferença entre conhecimento científico e popular. Valorizando o conhecimento da comunidade.
- Compreender como funciona uma cadeia alimentar e a importância de se preservar cada elemento da natureza.
- Valorizar e conhecer o meio ambiente que cerca a escola e a comunidade.
- Unir os conhecimentos adquiridos no estudo das ciências ao estudo da língua portuguesa por meio de produções de texto. Perceber as diferentes formas de texto que divulgam as pesquisas científicas.
- Em matemática, unir os conhecimentos formulando problemas matemáticos. Sistematizar o aprendizado sobre plantas medicinais usando as medidas aprendidas (de capacidade e de massa) em receitas pesquisadas pela classe.

Procedimentos:

Sugestão 01 - As receitas caseiras fazem parte do cotidiano de milhares de brasileiros. Todos têm uma receita para os males que surgem durante a vida. Porque não levar isso para a sala de aula? Na roda de conversa, o assunto poderá ler levantado de uma forma bem diferente. O educador pode colocar dentro de uma caixa, ou outro local, folhas de alguns remédios caseiros usados para chá. Deixar que os estudantes explorem o conteúdo, sentindo o cheiro, a textura, percebendo tamanhos e formas. O primeiro passo seria identificar essas plantas e etiquetá-las para montagem de um cartaz coletivo. O educador poderá solicitar então uma pesquisa, onde o estudante poderá verificar novas possibilidades de plantas medicinais conhecidas pelas famílias dos estudantes. Seria interessante o educador formular um roteiro em parceria com as crianças, para que a pesquisa ganhe força. A turma poderá montar um herbário com as plantas pesquisadas. A montagem do herbário é simples. Primeiro as folhas das plantas pesquisadas deverão ser colocadas entre duas folhas, para poderem secar/desidratar. Será interessante colocar um peso em cima (pode ser um livro), para ajudar na secagem. Após essa etapa, colar as folhas em um outro papel, para começar a organizar o herbário. Neste papel, é importante anotar o nome popular e científico da planta e a doença para a qual cada planta é indicada. Os papéis podem ser agrupados, formando um livro sobre plantas medicinais que a qualquer momento poderá ser consultado por todos e todas. A classe poderá propor uma oficina do chá com suas descobertas. A oficina do chá também possibilitará o estudo das medidas de capacidade e de massa. Organizar o livro com uma sequência numérica facilita a experimentação. Poderá ser feita uma pesquisa sobre quais remédios eram conhecidos na época de algum personagem do jogo.

Sugestão 02 - Para o estudo da cadeia alimentar, seria importante que as crianças pudessem observar algum animal (poderia ser uma atividade para casa aplicada no dia anterior a esta atividade), para perceber o que ele come. Seria interessante anotar as descobertas para serem compartilhadas na roda. Assim as crianças poderão começar a perceber a lógica da cadeia alimentar. As informações coletadas poderão servir de instrumento para um melhor entendimento de seu funcionamento. Por exemplo: digamos que alguma criança observou um passarinho e percebeu que ele se alimentou de uma lagarta. O educador poderá então perguntar do que se alimenta a lagarta (de uma planta). E quem será o predador do passarinho? Temos, então, informações importantes para representar em uma tabela assim:

1ª coluna	2ª coluna	3ª coluna	4ª coluna
planta	Passarinho	lagarta	gato

As informações na tabela poderão ser utilizadas em exercícios e em um jogo.

O jogo é simples e muito dinâmico. As crianças deverão confeccionar 06 cartões (ver exemplo abaixo, lembrando que o número de cartões pode ser adequado segundo a necessidade), onde os elementos da tabela, por coluna, deverão ser escritos e desenhados pelas crianças.

PLANTA espaço para a criança desenhar	PASSARI- NHO espaço para a criança desenhar	LAGARTA espaço para a criança desenhar	GATO espaço para a criança desenhar
---	---	--	---

Os cartões também têm que ter dois furos para barbante, pois serão colocados no pescoço. O jogo funciona assim⁶ : em um espaço amplo, serão desenhados quatro círculos grandes no chão. 6 crianças estarão usando o cartão que estará escrito planta, 4 usando o cartão escrito lagarta, 3 usando o cartão escrito passarinho e 1 usando o cartão escrito gato. Ao sinal do educador, as crianças deverão correr e pegar seu colega. As crianças que estão com o cartão escrito gato correrão e pegarão o colega que está com o cartão escrito passarinho. Os colegas que estão com o cartão escrito passarinho, por sua vez, correrão para pegar os colegas com o cartão escrito lagarta, que pegarão as crianças que estão com o cartão escrito planta. Atenção para esse momento, pois será preciso a intervenção do educador. A criança que está com o cartão escrito lagarta que foi pego pelo colega que está com o cartão passarinho, deverá trocar seu cartão de lagarta por um de passarinho e assim por diante. Essas trocas trarão alteração na cadeia alimentar. Os dados poderão ser registrados, para serem usados também em matemática. Nesta atividade, ao montar a tabela, o educador orientará a construção de hipóteses matemáticas. A partir destes dados, problemas envolvendo as quatro operações podem ser aplicados.

⁶ Será usada uma determinada quantidade com o objetivo de exemplificar. O educador poderá alterar essa quantidade segundo sua necessidade.

*Referências
Bibliográficas*



AUTOBIOGRAFIA de Luiz Gama. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n.25, p.136-141, out. 1989.

BOSCOLI, Geysa. *A Pioneira Chiquinha Gonzaga*. Produção independente. 1971

BRAZ, Júlio Emílio. *Luiz Gama: de escravo a libertador*. São Paulo: FTD, 1991. (Cinco séculos de resistência).

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos/Editora Record. 1999.

GARDNER, Howard; CHEN, Jie-QI; KRECHEVSKY, Mara. Atividades iniciais de aprendizagem. Ed. Artmed.

GOMES, Flávio. *Palmares: escravidão e liberdade no Atlântico Sul*. São Paulo: Contexto, 2005

GONZÁLES, Lélia. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. in Silva, Luiz Antonio et alii. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília, ANPOCS, 1983, p. 225. (Ciências Sociais Hoje, 2)

_____. *Festas populares no Brasil*. Rio de Janeiro: Índex, 1987.

LIMA, Vivaldo da Costa. O candomblé da Bahia na década de 1930. *Estud. av.*, São Paulo, v. 18, n. 52, 2004.

LIRA, Mariza. *Chiquinha Gonzaga, Grande compositora popular brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Jacinto Editora. 1939.

MNU Jornal. (19): 8-9, mai/jun/jul. 1991.

MARCONDES, Marcos Antônio (Org.). *Enciclopédia da música popular brasileira: erudita, folclórica e popular*. São Paulo: Art Ed., 1998.

MIS – Museu da Imagem e do Som. *João Cândido, o Almirante Negro*. Rio de Janeiro, 1999

MORAES, Paulo Ricardo. *João Cândido*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2ª ed, 2000.

MOREL, Edgar. *A Revolta da Chibata*. Rio de Janeiro, Edições Graal Ltda., 3a. edição, 1979.

MUGNAINI JR, Ayrton. *A Jovem Chiquinha Gonzaga*. São Paulo: Editora Nova Alexandria. 2005.

O Pasquim. (871): 8-10, 20/3 a 26/3/1986.

OLIVEIRA, Nelson Silva. *Vultos negros na história do Brasil*. Rio de Janeiro, CEAP, 1999

POMPÉIA, Raul. *Última Página na Vida de um Grande Homem*. A GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: 03 de setembro de 1882.

Quem foi Zumbi. Aventuras na História para viajar no tempo. Edição 27. Novembro de 2005.

Rebeldes Brasileiros – homens e mulheres que desafiaram o poder. Fascículo 1. Coleção Caros amigos. s/d

Revista História Viva, Edição especial Temática nº 3. São Paulo: Duetto Editorial.

Revista Nova Escola (várias edições).

ROLAND, Maria Inês. *A Revolta da Chibata*. São Paulo: Editora Saraiva, 2000.

SANTOS, Joel Rufino. *Zumbi*. 2 Ed. São Paulo: Global, 2006.

SANTOS, José Felix (dos) e NÓBREGA, Cida (org). *Mãe Senhora: saudade e memória*. SALVADOR: Currupio, 2000.

SINGER, Naomi; MILLER, Matthew; LEAL, Marta Malvezzi (Trad.) *Atividades Educa-
cionais I*. São Paulo: Madras Editora, 2002. 193p.

_____. *Atividades Educacionais II*. São Paulo: Madras Editora, 2002.
193p.

SIVIERO, Tânia Mara. *Herói Por Nós: Adhemar Ferreira da Silva, o Ouro Negro Brasil-
eiro*. São Paulo: Editora DBA. 2000.

XAVIER, Raul. *Uma biografia de Cruz e Sousa*. *Jornal do Comércio*. Rio, 16 Fev.
1962.

WAMBERTO, José. Cruz e Sousa. *O Fluminense*. Niterói, 20 Abr. 1975.

Dicionários:

Verbetes LÉLIA GONZÁLES, no Dicionário de Mulheres do Brasil, SCHUMAHER,
Schuma e BRAZIL, Érico Vital. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Verbetes MÃE SENHORA, no Dicionário de Mulheres do Brasil, SCHUMAHER,
Schuma e BRAZIL, Érico Vital. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Verbetes MÃE MENININHA e MÃE SENHORA, na Enciclopédia Brasileira da diáspora
africana. LOPES, Nei. São Paulo: Selo Negro, 2004.

verbetes CLEMENTINA DE JESUS, no Dicionário de Mulheres do Brasil, SCHUMAHER,
Schuma e BRAZIL, Érico Vital. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Verbetes MÃE MENININHA, no Dicionário de Mulheres do Brasil, SCHUMAHER,
Schuma e BRAZIL, Érico Vital. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Referências eletrônicas:

Adhemar Ferreira - <http://www.copacabana.runners.net/indexp.html>

Clementina de Jesus - <http://samba-choro.com.br/s-c/clementina.html>

Clementina de Jesus - <http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br>

Clementina de Jesus - <http://www.vivabrazil.com/mulheres.htm>

Clementina de Jesus - <http://www.casaruibarbosa.gov.br/>

Clementina de Jesus - <http://www.cliquemusic.com.br/>

Clementina de Jesus - <http://www.brazilianmusic.com/clementina/indexp.html>

Chiquinha Gonzaga - http://biografias.netsaber.com.br/ver_biografia.php?c=429

Chiquinha Gonzaga - <http://www.chiquinhagonzaga.com/>





- Chiquinha Gonzaga - <http://www.samba-choro.com.br/artistas/chiquinhagonzaga>
Chiquinha Gonzaga - <http://www.cliquemusic.com.br/artistas/chiquinha-gonzaga.asp>
Chiquinha Gonzaga - <http://www.bn.br/fbn/musica/chiq.htm>
Chiquinha Gonzaga - http://pt.wikipedia.org/wiki/Chiquinha_Gonzaga
Cruz e Souza - <http://www.beatrix.pro.br/literatura/cruzesouza.htm>
Cruz e Souza - <http://www.cruzesousa.com.br/>
Cruz e Souza - <http://www.cbj.g12.br/Cruz/csbibl.html>
João Cândido - <http://www.objetiva.com.br/releases/302-3.htm>
João Cândido - http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_C%C3%A2ndido
João Cândido - <http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/glossario/r/revolta-chibata.htm>
João Cândido - <http://www.militantehp.hpg.ig.com.br/candido.htm>
Luis Gama - <http://www.geocities.com/hileia/Gama.html>
Luis Gama - http://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Gama
Luis Gama - [http://www.portalafro.com.br/gama.htm](http://www.portalaфро.com.br/gama.htm)
Mãe Meninha - <http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br>
Mãe Senhora - <http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br>
Mãe Senhora - <http://www.geocities.com/ileohunlailai/page2ae.html>
Mãe Senhora - <http://joliveira.tripod.com/index1.html>



